

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**RAFAEL MARTINS LOPO**

**DO IAPI A SAAVEDRA, ENTRE MORADAS, MEMÓRIA E ESTÓRIAS:  
um estudo etnográfico sobre duração e sociabilidade em bairros operários de Porto  
Alegre e Buenos Aires**

**Porto Alegre, 2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**RAFAEL MARTINS LOPO**

**DO IAPI A SAAVEDRA, ENTRE MORADAS, MEMÓRIA E ESTÓRIAS:  
um estudo etnográfico sobre duração e sociabilidade em bairros operários  
de Porto Alegre e Buenos Aires**

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social

**Porto Alegre, 2012**

Ao meu pai, que, do seu jeito, nunca permitiu que eu me acomodasse ou ficasse quieto diante de minhas dúvidas.

## **Agradecimentos**

À Cornelia Eckert, minha orientadora, por aceitar compartilhar minhas dúvidas e negações; por ter lido de maneira tão paciente uma dissertação que ainda não estava perto de sua forma final; por ter aceitado minha maneira de responder às demandas; por entender, na maioria das vezes, minhas angústias melhor do que eu; por ter me aberto os caminhos da antropologia nas primeiras disciplinas da graduação; por ter acreditado que eu poderia entrar neste programa quando cada vez mais me sentia distante; por aceitar defender meus devaneios da escrita; por entender minhas falhas e, finalmente, por aceitar passar por tudo isso de novo em um projeto de doutorado que se desenha cada vez mais excitante.

À Ana Luiza Carvalho da Rocha – que acompanhou não só esta etnografia, mas parte do amadurecimento que ainda está em andamento no trabalho com imagens –, por me forçar e conseguir fazer de mim um homem mais sensível na hora de produzir, analisar e devanear pelas imagens da cidade. Se hoje sou um fotógrafo razoável, e consigo produzir uma coleção como a que acompanha esta dissertação, ela é uma das grandes culpadas.

À minha família, que teve paciência para aguentar minhas faltas e meus esquecimentos, e que foi capaz de aderir a um projeto de vida que, muitas vezes, não oferece o retorno esperado por aqueles que mais se preocupam com a gente. À minha mãe, por me segurar e se segurar em mim em momentos tão difíceis; à minha vó, por ser sempre uma alentadora com suas palavras e carinhos; a meus três tios, por sempre me tratarem como um outro filho; e à minha irmã, por me trazer a alegria de duas crianças que me ensinam tanto quanto as linhas de Levi-Strauss.

Ao Rafa, à Vivi, ao Olavo e a todos os outros antropólogos que se formaram antes de mim e sempre serviram como exemplo de seriedade e competência no trabalho e na forma de se relacionar com orientandos e futuros colegas de profissão.

A todos os colegas do BIEV e do NAVISUAL, aos colegas do mestrado e futuros colegas de doutorado, que compartilharam muito mais do que simplesmente textos em xerox ou PDF.

Ao Seu Lino, por suas palavras sábias e simpáticas. À Rosa, à Sueli, ao Pedro, ao Ivo e a todos outros moradores do IAPI que abriram suas casas, vozes e seu coração para um pesquisador curioso e por vezes intrometido.

A Carlos e Silvia, por me receberem tão bem em uma cidade estranha e me apresentarem uma das pessoas mais incríveis e carinhosas que conheci, o Seu Gonsalito. A

ele, dedico minha eterna admiração por sua vontade de narrar, lutar e compartilhar a vida, que me fez gostar um pouco mais da capital argentina, com todos os seus problemas de cidade grande.

À Guadalupe – o amor que descobri no último ano e me mostrou que a vida pode ter muito mais sorrisos e gargalhadas, mesmo em momentos tão delicados como a escrita de uma dissertação –, por ter suportado minha distância, mesmo estando tão próximo, e por ter compreendido e compartilhado, com todo seu carinho e respeito, meus defeitos e meus sonhos.

A todos os amigos que foram, vieram, e continuam aturando minhas mudanças de humor, “rabugentices” e maneiras pessoais de demonstrar carinho e afeto.

Por fim, à CAPES, por ter financiado minha bolsa de mestrado durante toda a pesquisa, incluindo o período em que estive em Buenos Aires.

**Resumo:** Esta dissertação apresenta o relato de uma experiência etnográfica realizada em dois bairros operários. Em Porto Alegre, a etnografia foi desenvolvida na Vila dos Industriários, e, em Buenos Aires, no bairro Parque Cornelio Saavedra. O objetivo principal é entender com se dá, através das narrativas de alguns moradores, a articulação entre um projeto coletivo baseado na concepção arquitetônica da cidade-jardim e os projetos individuais de quem ali reside. No seio desta interpretação, entram como elementos de análise as transformações sociais que ocorrem nestas cidades e o processo de valorização ou desvalorização destes imóveis dentro de uma sociedade em constante mudança, agenciados nas memórias e lembranças dos moradores antigos destes locais. A partir da etnografia da duração, a narrativa das imagens produzidas pelo antropólogo em campo participa deste jogo de memórias, versando sobre a experiência temporal de uma duração plena de rupturas, lacunas e variações em uma cidade que é vista como um objeto temporal, marcado por processos de aquisição, perda, gentrificação e segregação espacial.

**Palavras-chave:** Memória. Trabalho. Sociedades complexas. Transformações urbanas. Etnografia da duração.

**Abstract:** This paper intends to present a report of an ethnographic experience realized in two workin-class neighborhood. In the city of Porto Alegre, the ethnography was made in the Vila dos Industriários, and in Buenos Aires, in the Parque Cornelio Saavedra. The main objective is try to understand how it gives, trough the narrative from a few dwellers, the articulation of a collective project based on the garden-city experience and the individuals projects from this dwellers. Within this interpretation, enter as elements of analysis the social transformations that occur in these cities and the recovery or devaluate process of this proprieties inside of a constant changing, agencied in the memories and remembers of the dwellers of this places. From a ethnography of a duration, the narrative from the images produced by the anthropologist in the research field participate of this memory game, dealing about the temporal experience of a memory full of disruptions, gaps and variations in a city viewed as a temporal object, marked by process of purchase, lost, gentrification and special segregation.

**Keywords:** Memory. Work. Complex societies. Urban transformations. Ethnography of duration.

## **Índice de imagens:**

- Pag. 17 – Antigo prédio do IAPI na avenida Borges de Medeiros, em Porto Alegre. Fonte: Acervo Fotográfico Arquivo Público Moysés Vellinho
- Pag. 19 – Andradas na enchente de 1941. Retirado do livro "A Enchente de 41", de Rafael Guimarães, p.52, acervo João Alberto Fonseca da Silva, Universidade Ritter dos Reis.
- Pag 20 – Borges de Medeiros na enchente de 1941 - Acervo Museu José Joaquim felizardo - Biblioteca Sioma Breitmann
- Pag 20 – Rua dos Andradas na enchente de 1941 - Acervo Museu José Joaquim felizardo - Biblioteca Sioma Breitmann
- Pag 20 – Ruas e carros na enchente de 1941 - Acervo Museu José Joaquim felizardo - Biblioteca Sioma Breitmann
- Pag 21 – Lagos no IAPI - Revista do Globo, dia 18 de outubro de 1952
- Pag 22 – Visão aberta do IAPI antes da construção – acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura UFRGS
- Pag 23 – Vista aérea com IAPI já finalizado - acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura UFRGS
- Pag 26- Alicerces no terreno do IAPI - Acervo Fotográfico Moyses Velinho
- Pag 31 – Mapa das regiões de Porto Alegre, retirado do site <http://www2.portoalegre.rs.gov.br>, dia 12 de dezembro de 2011
- Pag 31 – Imagem do Google maps sobre o Passo D'areia, retirada em 12 de dezembro de 2011
- Pag 31 – Imagem do Google maps sobre o IAPI, retirada em 12 de dezembro de 2011
- Pag 46 – Garagem atrás dos prédios, acervo Rafael Lopo
- Pag 47 – Prédio multifamiliar quase pronto, Acervo Fotográfico Arquivo Público Moysés Vellinho
- Pag 48 – Diferentes janelas e feições, acervo Rafael Lopo
- Pag 49 – Varais no alto dos prédios, acervo Rafael Lopo
- Pag 56 – Caminhonete Rodrigues na entrada do IAPI, acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura UFRGS
- Pag 56 – Antiga Linha Bianchi, acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura UFRGS
- Pag 57– Montagem feita por mim a partir de duas fotos da entrada do IAPI, do acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura UFRGS
- Pag 70 – Senhoras conversando na praça, acervo da Biblioteca Pública do IAPI. Foto tirada sobre foto.

Pag 71 – Senhoras da ginástica, acervo Rafael Lopo

Pag 71 – Pés e pernas na ginástica, acervo Rafael Lopo

Pag 72 – Neusa alongando, acervo Rafael Lopo

Pag 72 – Dona Emilia atenta a professora, acervo Rafael Lopo

Pag 72 – Ilda Borgueti e o alongamento, acervo Rafael Lopo

Pag 72 – Sueli sorridente na ginástica, acervo Rafael Lopo

Pag 73 – Sequência criada a partir de still frames da gravação em vídeo, acervo Rafael Lopo

Pag 76 – Charuto alisando a quadra, acervo Rafael Lopo

Pag 76 – Quadro de avisos, acervo Rafael Lopo

Pag 76 – Pontuador da bocha, acervo Rafael Lopo

Pag 78 – Meninos da bocha, Acervo Fotográfico Arquivo Público Moysés Vellinho

Pag 78 – Olhos na jogada, acervo Rafael Lopo

Pag 93 – Sorriso de Getulio na inauguração do IAPI, Acervo Fotográfico Arquivo Público Moysés Vellinho

Pag 94 – Getúlio recebendo a chave simbólica do IAPI, acervo fotográfico Revista do Globo

Pag 94 – Getúlio cortando a fita de abertura do IAPI, Acervo Fotográfico Arquivo Público Moysés Vellinho

Pag 98 – Trabalhadores e a fábrica da Renner, acervo do BIEV

Pag 98 – Fábrica de móveis GERDAU, Acervo Benno Mentz

Pág 105 – Mapa das coleções. Montagem criada no programa Photoshop, acervo Rafael Lopo

Pag 110 – Mapa da Capital Federal Buenos Aires, retirado do Google maps, no dia 15 de janeiro de 2012

Pag 110 – Mapa parcial da região sul da capital federal Buenos Aires, retirado do Google maps, no dia 15 de janeiro de 2012

Pag 110 – Mapa do bairro Saavedra, destacando o sub-bairro Parque Cornelio Saavedra, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 111 – Chalé antigo conservado, acervo Rafael Lopo

Pag 112 – Casa reformada em Saavedra, acervo Rafael Lopo

Pag 112 – Esquina e carro de luxo, acervo Rafael Lopo

Pag 113 – Antigo Chalé, do Acervo General de la Nacion, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 114 – Mapa dos bairros construídos entre os anos de 1943 e 1955, do livro de Anahi Ballent, *Las Huellas de la Política*

Pag 117 – Dona de casa e o jardim, do Acervo General de la Nacion, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 117- Moças indo ao colégio, do Acervo General de la Nacion, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 118 – Eva e Perón na inauguração de Saavedra, do Acervo General de la Nacion, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 119 – Antiga fábrica da Jeep, acervo Rafael Lopo

Pag 119 – Cartaz embargado, acervo Rafael Lopo

Pag 120 – Prédios e carros antigos em Saavedra, acervo Rafael Lopo

Pag 121 – Trabalhadores na construção de Saavedra, do Acervo General de la Nacion, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 122 - Gonsalito e sindicistas em reunião com Eva Perón, acervo pessoal Jorge Roberto Gonzalez

Pag 123 – Foto com dedicatória de Eva Perón para Gonsalito.

Pag 124– Sequência de still frames montada no Photoshop, a partir da entrevista gravada em vídeo, acervo Rafael Lopo

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O IAPI: UM BAIRRO, MUITAS VIDAS E MUITAS ESTÓRIAS .....</b>	<b>11</b>
1.1 UM RITUAL DE INICIAÇÃO .....	11
1.2 DESVELANDO UM MICROUNIVERSO.....	14
1.3 UMA HISTÓRIA POLÍTICA DA HABITAÇÃO POPULAR .....	16
1.4 O IAPI E A ARQUITETURA DA “CIDADE-JARDIM” ENQUANTO PROJETO POLÍTICO .....	21
1.5 A ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO E O SURGIMENTO DE UM PROBLEMA DE PESQUISA.....	27
1.6 OS CAMINHOS E OS DESAFIOS DE UMA ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	34
<b>CAPÍTULO 2 – ETNOGRAFIA DE RUA: VER, OUVIR, ESCUTAR, REGISTRAR... A PESQUISA EM CONSTANTE DESLOCAMENTO .....</b>	<b>45</b>
2.1 A CIDADE COMO LÓCUS DE PROBLEMA PARA A ETNOGRAFIA DE RUA.....	45
2.2. A PADARIA DO “TIO LINO”: ONDE O VALOR DO TRABALHO IMPERA .....	50
2.3 NASCIDO, CRIADO E EDUCADO PARA O TRABALHO: A TRAJETÓRIA SINGULAR DE LINO.....	53
2.4 A CONSTRUÇÃO DE UMA REDE DE PESQUISA E A INEVITÁVEL FORÇA DAS RELAÇÕES PÚBLICAS NA CIDADE	59
<b>CAPÍTULO 3 – ALGUMAS FORMAS DE SOCIABILIDADE E AS DIFERENTES REDES GERACIONAIS NO IAPI .....</b>	<b>66</b>
3.1 A VIDA NO BAIRRO E AS RELAÇÕES GERACIONAIS .....	67
3.2 AS MOÇAS DA GINÁSTICA E A SOCIABILIDADE FEMININA .....	70
3.3 OS “MENINOS DA BOCHA” E OS FRAGMENTOS DA SOCIABILIDADE MASCULINA NA VILA DOS INDUSTRIÁRIOS .....	75
3.4 PEDRO: UMA TRAJETÓRIA LIGADA À BOCHA.....	82
<b>CAPÍTULO 4 – IMAGINÁRIOS POLÍTICOS E PROJETOS INDIVIDUAIS: UM CONVITE À EXPLORAÇÃO DE CONSTELAÇÕES DE IMAGENS .....</b>	<b>89</b>
4.1 CONSTRUINDO UM BAIRRO, PLANEJANDO UMA NAÇÃO: OS IDEAIS DO GOVERNO DE GETÚLIO VARGAS COMO SOLUÇÃO PARA A HABITAÇÃO OPERÁRIA .....	90
4.2 PROJETOS INDIVIDUAIS E A CIDADE: UM DIÁLOGO ATRAVÉS DE UMA CONSTELAÇÕES DE IMAGENS .....	95
4.3 AS COLEÇÕES COMO SOLUÇÃO PARA UM PROBLEMA DE PESQUISA.....	101
<b>CAPITULO 5 – A COLEÇÃO DE IMAGENS: MEMÓRIA, TRABALHO E MORADA .....</b>	<b>107</b>
<b>CAPÍTULO 6 – A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NA ARGENTINA: A PESQUISA NO PARQUE CORNELIO SAAVEDRA .....</b>	<b>108</b>
6.1 CONHECENDO UM NOVO CAMPO E ADENTRANDO UM ANTIGO OBJETO .....	109
6.2 A CONSTRUÇÃO DE CASAS POPULARES E A POLÍTICA HABITACIONAL PERONISTA: UM BREVE RESUMO .....	113
6.3 GONSALITO E A VIDA POLÍTICA: “A CASA TEM QUE ESTAR A SERVIÇO DAS PESSOAS, E NÃO AS PESSOAS A SERVIÇO DA CASA”.....	120
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>133</b>

*O tempo é a substância de que sou feito.  
O tempo é um rio que me arrebatou, mas eu sou o rio;  
é um tigre que me destroça, mas eu sou o tigre;  
é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo.  
O mundo, infelizmente, é real;  
e eu, infelizmente, sou Borges<sup>1</sup>.*

---

<sup>1</sup> Borges, 2008, p.78.

## Introdução

Esta dissertação tem como base uma discussão já antiga nas Ciências Sociais, repensada a partir de um prisma teórico-metodológico instigante e de desafios intermináveis. Falar sobre trabalho, habitação popular e projetos políticos já parece, em um primeiro momento, uma discussão superada, e por muitas vezes chata e repetitiva. O que move estas linhas que seguem nos próximos capítulos é a curiosidade etnográfica levada a cabo por anos de preparação, no âmbito de um núcleo de pesquisa coordenado e orientado pela batuta dos estudos da memória e da duração.

Para repensar, reinterpretar e erguer dúvidas que motivem a elaboração de novas dúvidas em um campo tão pleno de respostas, foi preciso seguir de perto as matizes da etnografia da duração e de elementos hipervisuais. Nesta pesquisa, tive como desafio iniciar um novo campo de pesquisa, construir um objeto e um problema mais elaborado do que na conclusão do curso de Ciências Sociais e, acima de tudo, levar em conta uma perspectiva diferente sobre o trabalho com imagens, tentando a todo o momento, na parceria, nos limites, facilidades e dificuldades do trabalho de campo em Antropologia, fazer com que os moradores de um bairro específico na cidade de Porto Alegre abrissem seus devaneios para mim, e me mostrassem um caminho para interpretar seus jogos da memória.

Através de um trabalho de campo que se divide em duas etapas, construí, durante quase dois anos, problemas que ainda procuram solução. Respondi e montei esquemas de pensamento que, por meio desta dissertação, tentam se fazer entender. O primeiro período de pesquisa etnográfica se deu na Vila dos Industriários, também conhecida como Vila do IAPI, na cidade de Porto Alegre. Apesar de ser um lugar aparentemente “planificado” na paisagem da cidade, o trabalho de campo e a interação com alguns moradores e *habitués* me permitiu

compreender parte da complexidade e heterogeneidade das narrativas e práticas cotidianas comuns a todos os habitantes das grandes metrópoles moderno-contemporâneas. Em um segundo período, a partir de um intercâmbio com a Universidade de San Martín, em Buenos Aires, pude realizar uma breve etnografia em um antigo bairro operário que hoje é tomado por casas de luxo e carros importados, onde, por uma rede de amigos do Brasil, consegui estabelecer uma relação interessante com um antigo morador, dirigente sindical e exímio narrador.

Acima de tudo, a pergunta que norteia este estudo de uma memória do trabalho na cidade de Porto Alegre e em Buenos Aires se estabelece na possibilidade de entender como um projeto nacional de planejamento e construção de um bairro voltado para a classe operária se articula, através da narrativa destes moradores do bairro, a projetos individuais e familiares, dentro de uma cidade que se modifica e se transforma a todo o momento.

Alcançar estes projetos depende não só da qualidade de interação etnográfica, como também do empenho de especial atenção em relação às matrizes teórico-metodológicas que cercam a pesquisa. A experiência de habitar um bairro nas memórias, e vivê-lo cotidianamente em suas diversas formas de sociabilidade, conforma o alvo da etnografia e do trabalho com imagens. Nas páginas seguintes, convido o leitor a viajar em duas narrativas, uma textual e outra fotográfica. As fotos não seguem exatamente a linearidade do texto, mas evocam, junto à leitura, um devaneio no imaginário de um local específico na cidade de Porto Alegre, dentro de um tempo ondular, lacunar e pleno de rupturas.

Para tal, o primeiro capítulo traz a construção de um problema de pesquisa como herdeiro de uma linha de reflexão e pensamento dentro do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV)<sup>2</sup>. A partir disto, procuro esclarecer brevemente a importância da Vila dos Industriários no processo de transformação e experiência temporal dos indivíduos na cidade. A partir de uma discussão multidisciplinar entre a Arquitetura, História, Geografia, e Antropologia, o IAPI vai aos poucos se apresentando como um complexo espaço de problemas. Na última parte deste primeiro capítulo, a construção de uma filiação teórico-metodológica dentro da Antropologia Urbana, e todos os seus desafios, é trazida à tona.

---

<sup>2</sup> O BIEV (<http://www.biev.ufrgs.br>), ligado ao Laboratório de Antropologia Visual da UFRGS, é um núcleo de pesquisa que agrega diferentes pesquisadores, de diversos níveis e formações acadêmicas, para pensar discussões sobre o acervo, a digitalização e a produção de imagens, sempre preocupado teoricamente com os temas da memória coletiva, dos itinerários urbanos, das formas de sociabilidade e da crise nas sociedades complexas. Semanalmente, os bolsistas e orientadores se reúnem em torno de grupos de trabalhos preocupados em discutir questões acerca das diferentes mídias ligadas ao processo de pesquisa e etnografia em Antropologia Visual.

No segundo capítulo, a etnografia de rua é apresentada através dos deslocamentos do aprendiz-de-antropólogo, ao mesmo tempo em que a pesquisa no bairro e nas redes de sociabilidade também vai se modificando. Apresento nesta parte como se deu minha sensibilização estética pelas imagens da Vila do IAPI, que narram diversos momentos da pesquisa, ao mesmo tempo em que dialogam com imagens de acervo e com ambiências trazidas pelos moradores. É neste capítulo que um dos personagens principais da etnografia, Seu Lino, padeiro há mais de 50 anos no IAPI, aparece como central para entender uma ética do trabalho ligada às relações microsociais no bairro e na cidade. Por meio dele, monto uma rede de moradores e frequentadores da padaria, que contribuiram para construir as muitas camadas narrativas sobre o IAPI.

No terceiro capítulo, as redes se abrem para os espaços de sociabilidade do bairro e, seguindo o tom etnográfico, apresento homens e mulheres idosos que fazem desses lugares o palco para suas práticas cotidianas e suas memórias. Deslocando-me dentro dessas redes, comecei a perceber a íntima ligação entre o espaço vivido e o espaço narrado, entre as paisagens e as práticas cotidianas que cercam a vida dos moradores da Vila dos Industriários. É a partir de senhoras praticantes de ginástica e de senhores que jogam bocha todas as tardes no parque que reflito sobre o estatuto do bairro enquanto um espaço privilegiado de lazer na cidade de Porto Alegre.

No quarto capítulo, tento levar o leitor para dentro de uma coleção de imagens que virá no capítulo cinco. A preocupação com o método de convergência de imagens, e com o reconhecimento de outro estatuto para a narrativa visual, não é apenas uma questão de filiação teórica, mas também a consequência de um esquema de pensamento que tenta dar conta das diversas camadas narrativas sem priorizar ou pré-estabelecer qualquer relação de causalidade entre o contexto histórico-social e a produção de imagens na cidade. Colocando-me como um dos muitos narradores desta memória do IAPI, construo coleções etnográficas hipertextuais que trazem para o lado sensível do leitor uma tentativa de deslizar e adentrar os jogos da memória e as imagens que compõem um complexo campo imaginário sobre a habitação operária e as urdiduras do tempo nas sociedades moderno-contemporâneas

O capítulo cinco aparece, então, nesta linguagem hipermidiática. Na relação entre texto, imagem e som, as categorias e palavras-chaves que nortearam este trabalho de campo são as principais guias deste trajeto livre, que pode ser feito de diversas maneiras e em diversos sentidos. Através de um cd que abre em qualquer sistema operacional, o leitor pode

também devanear e adentrar os jogos da memória dos habitantes das cidades de Porto Alegre e Buenos Aires, compreendendo o trabalho que é feito no BIEV.

No último capítulo, apresento a experiência etnográfica que tive na cidade de Buenos Aires. Para além de uma mera comparação, mostro como a construção de um novo campo, universo, e problemas de pesquisa pode ser construída dentro de um mesmo objeto de pesquisa, preocupado sempre em dar voz e interpretar os agenciamentos da memória coletiva e da duração da vida dos habitantes da cidade através de suas narrativas e experiências pessoais, inseridas em diversos outros projetos coletivos e um campo de possibilidades complexo.

## **Capítulo 1 – O IAPI: Um bairro, muitas vidas e muitas estórias**

### **1.1 Um ritual de iniciação**

Escolher o IAPI como universo e, conseqüentemente, objeto de pesquisa pode ser explicado através da minha trajetória de formação de pesquisa dentro do BIEV, um projeto de pesquisa sobre a memória coletiva dos habitantes da cidade de Porto Alegre, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenado pelas professoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, dentro do qual desenvolvi programa de bolsa de iniciação à pesquisa acadêmica. Dito isto, na mesma linha de algumas das hipóteses dessa dissertação, acredito que será mais fácil para o leitor deste trabalho compreender as imagens e o imaginário que povoam minhas preocupações enquanto pesquisador ao me interessar pela Vila do IAPI. Desde minha Iniciação Científica fui sendo, gradativamente, inserido no contexto conceitual e metodológico da pesquisa com imagens. Fruto de dois projetos de pós-doutorado integrados com o título “Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo urbano contemporâneo”<sup>3</sup>, o trabalho com acervo digital de imagens foi o que me inseriu no grupo de pesquisa. Inicialmente como bolsista do projeto “Estudo da Antropologia Urbana e

---

<sup>3</sup> A pesquisa é financiada pelo CNPq desde 1987.

etnografias nas cidades brasileiras”<sup>4</sup>, comecei a me sensibilizar pelo tema das sociedades complexas e pelo uso das imagens como narrativa desta cidade.

A primeira pesquisa etnográfica veio a ser realizada na Praça da Alfândega de Porto Alegre, sob a orientação da Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha, com antigos engraxates (Lopo, 2007). Desde aquele momento, conceitos ligados ao espaço público foram surgindo como preocupações centrais, assim como a inserção etnográfica nestes locais de sociabilidade. Além disso, a necessidade que o então jovem estudante tinha de entender a relação das narrativas destes antigos engraxates com uma memória coletiva no contexto urbano (Halbwachs, 1990) era evidente. Certamente, as práticas cotidianas de De Certeau (1994) foram fundamentais para a compreensão deste espaço que estava sempre nas pautas de políticas públicas. Reconhecer Porto Alegre como uma cidade moderno-contemporânea, uma expressão das sociedades complexas (Velho, 2004), foi um dos desafios e o principal giro epistemológico (Eckert e Rocha, 2000: 5), tratando o problema das experiências temporais vividas pelas diversas gerações de habitantes do bairro, da cidade, na interface das linhas de pesquisa da Antropologia Urbana e da Antropologia da Imagem e do Imaginário. Os textos ligados a uma política de bens intangíveis acabaram deslocando o olhar para uma memória que não estava somente ligada ao espaço físico da cidade, mas sim a uma ambiência e uma prática ligada a uma duração<sup>5</sup>. Foi neste momento que, através da orientação de Rafael Devos, coordenador do Grupo de Trabalho em Vídeo no BIEV, minha relação com a etnografia visual começou a se estreitar. A entrevista em vídeo, gravada com Seu Estevão<sup>6</sup> – meu principal interlocutor –, me fez olhar para a Praça da Alfândega e para a narrativa deste velho engraxate de uma forma mais sensível e de maneira mais atenta às práticas de trabalho e aos gestos que faziam dele um engraxate na cidade. As crônicas em vídeo, resultado desta etnografia visual, fazem parte hoje do acervo digital do BIEV.

O interesse com a sociabilidade masculina se deslocou, então, para a pesquisa com jogadores e simpatizantes do futebol de várzea na cidade de Porto Alegre. A etnografia, realizada sempre aos finais de semana, questionava-me sobre os valores em jogo nestas conversações, nas jocosidades e nos jogos sempre disputados e comentados por todos nos

---

<sup>4</sup> O projeto em questão tinha como objetivo construir, através do documentário etnográfico, a trajetória e especificidade de alguns “pais fundadores” da Antropologia Urbana no país. Conforme o próprio site do BIEV situa, “Esta produção ‘fílmica’ visa retratar este percurso de conformação de um pensamento antropológico sobre a cidade moderna ao longo das transformações históricas profundas em seu próprio objeto de estudo, tendo como foco central a trajetória intelectual de alguns expoentes do pensamento antropológico brasileiro”. Atualmente, o projeto encontra-se em fase de término, tendo já finalizado e distribuído 10 documentários.

<sup>5</sup> Neste sentido, ler Eckert e Rocha (2005) e Lewgoy (2009).

<sup>6</sup> Já falecido, no ano de 2009.

“areidões”<sup>7</sup> da cidade. O que aparecia como elemento principal para entender as formas dessa sociabilidade conflitiva (Simmel, 1983) era a relação desses homens com o futebol profissional, o bairro e a comunidade onde estavam inseridos. O vídeo, como ferramenta de estranhamento e de inserção etnográfica, foi fundamental para a construção de uma coleção etnográfica (Rocha, 2008) capaz de articular conceitos que pareciam ainda desarticulados.

A entrada no mestrado aumentou a gama de perguntas ainda não resolvidas no trabalho de conclusão de curso (TCC), orientado pelo então Professor Colaborador Rafael Devos<sup>8</sup>. Ao mesmo tempo em que eu compreendia melhor como lidar com a etnografia e suas nuances, a cidade e suas relações de trabalho começaram a tomar conta de minhas questões. O processo de elaboração de coleções etnográficas na pesquisa foi, desta maneira, tomando espaço cada vez mais importante, e me mostrando que era possível falar de uma cidade e sua memória de maneiras distintas e complexas.

Juntamente a este ingresso no Programa de Pós-Graduação, o BIEV começou o desenvolvimento do projeto “Trabalho e cidade: antropologia da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea”, coordenado pelas professoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha e desenvolvido pelas Dr<sup>as</sup>. Viviane Vedana e Juliana Cavilla. O objetivo principal deste projeto é montar um banco de imagens e de pesquisa de acervos digitais que versem sobre a memória do trabalho nas sociedades complexas. Olhando para essa “memória da pesquisa”, é possível reconhecer a importância do valor trabalho (Eckert, 1993) na narrativa dos meus principais interlocutores. Interagindo com Seu Estevão, em uma experiência etnográfica no centro da cidade, percebi que para ele era fundamental me falar sobre a sua trajetória bem-sucedida enquanto engraxate, sobre as coisas que conquistou e os bens adquiridos, além do bom relacionamento com a nova geração de engraxates de rua, o que era comum no centro da cidade. Seu João Carlos – principal interlocutor no futebol de várzea – não deixava nunca de me contar sobre como seu trabalho de funcionário da prefeitura se confundia com a atividade no futebol de várzea e como a sua dedicação ao futebol de várzea lhe dava respaldo entre as gerações que o sucediam.

Dois outros pontos em comum entre essas narrativas surgem agora como questões fundamentais nesta dissertação. O primeiro é que há, nestes projetos individuais, uma relação direta com um projeto coletivo, ou com uma dinâmica macrossocial da cidade. Seu Estevão, ao mesmo tempo em que me contava sobre a conquista de seu espaço na Praça e sua

---

<sup>7</sup> Expressão muito utilizada para caracterizar as condições dos campos onde o futebol amador é realizado. Ver Damo (2005).

<sup>8</sup> Lopo (2008)

regularização enquanto engraxate, também versava sobre como as mudanças nos espaços de sociabilidade da cidade e as políticas públicas de patrimônio interferiram nas suas escolhas profissionais. Seu João Carlos, por sua vez, me falava sobre as mudanças nas ruas, a diminuição de espaços para a prática de seu esporte preferido, mas também sobre como as políticas de atuais prefeituras praticamente o obrigaram a pedir a aposentadoria. O segundo ponto é que há, nesta duração e nesta memória coletiva, uma série de conflitos, rupturas e lacunas fundamentais para que ocorra algum tipo de plenitude nestas narrativas (Bachelard, 1994).

## **1.2 Desvelando um microuniverso**

O tema da cidade e do trabalho no projeto já referido, desenvolvido no âmbito do BIEV, abre um espaço de pesquisa interessante e ainda não pensado anteriormente ao se falar de trabalho em sociedades ditas complexas<sup>9</sup>. Advindas já do documentário “Memórias do Mundo”<sup>10</sup>, estas reflexões giram em torno de temas já pesquisados pelo BIEV, mas agora voltados para entender as dinâmicas das relações do trabalho nas sociedades moderno-contemporâneas, e como estas dinâmicas são agenciadas na memória de seus moradores. A aposta da pesquisa, seguindo o projeto do BIEV sobre a memória do trabalho na cidade de Porto Alegre, é que a análise das transformações das relações de trabalho, assim como a modificação do espaço público consequente disto, pode falar sobre a cidade e sua condição atual, além de versar sobre as rupturas e constantes transformações da experiência individual e coletiva dos indivíduos desta cidade. A etnografia da duração traria como especificidade para este tema a condição de analisar estes problemas a partir do tempo presente, de uma memória lacunar e cíclica, e de como os atores sociais, através de suas narrativas e práticas cotidianas, estariam agenciando estas lembranças (Eckert e Rocha, 1999).

Além disso, o que aparece como interessante nesta linha de pesquisa sobre a Antropologia do Trabalho, e que responde a uma demanda que é levantada pelo próprio BIEV há mais de 10 anos, é o uso das imagens não apenas como ilustração ou como referência, mas como parte do processo de pesquisa e de produção de conhecimento no seio da Antropologia Urbana. A produção de um acervo digital ligado à memória do trabalho faz

---

<sup>9</sup> Ver Leite Lopes (1984).

<sup>10</sup> “Arqueologias: Memórias do Mundo”, direção Ana Luiza Carvalho da Rocha e Maria Henriqueta C. Satt.

com que os diferentes pesquisadores envolvidos no projeto também produzam imagens e utilizem a linguagem da hipermídia<sup>11</sup> para pensar sobre esta memória. É neste sentido que o IAPI aparece, então, como um objeto e universo de pesquisa privilegiado.

Pensar as interações na rua é pensar o bairro em si. Pierre Mayol (*apud* De Certeau, 1996) coloca que as ruas do bairro são os lugares onde se pode privatizar o espaço público. Além da distinção entre casa/rua e público/privado proposta por Damatta (1991), o autor ressalta que o bairro, nas cidades moderno-contemporâneas, é a mediação entre a vivência privada, da casa, e a vivência rápida e turbulenta do espaço público, da grande cidade. O ponto de partida seria aqui a noção articulada por Henri Lefebvre, que coloca o bairro como “porta de entrada e saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado” (Mayol *apud* De Certeau, 1996: 41). O bairro se insere na relação de tempo/espaço como o mais favorável para o indivíduo que deseja deslocar-se a pé, saindo de sua casa. De forma mais geral, o bairro, para os indivíduos que nele habitam, seria uma privatização progressiva e dinâmica do espaço público, poetizado pelas caminhadas, trajetórias cotidianas e relações de vizinhança. Mas, chegar a essa poética, como afirma Lefebvre, é uma tarefa árdua. Interpretá-la, através da etnografia, só pode ser feito no momento em que o aprendiz-de-antropólogo em questão se coloca como narrador e espectador dessas imagens.

Influenciado por Bachelard (1993), e pela orientação do BIEV, tomo aqui a memória como um ponto crucial na experiência vivida pelo sujeito no mundo. As lacunas, rupturas e o “nada<sup>12</sup>” são fundamentais para se elaborar e entender uma ritmica do ser no mundo, o sujeito pleno, aquele que vive e que lembra. A duração, segundo o fenomenólogo aponta, é ato de uma superposição temporal, de um ser pleno no tempo. Através dos instantes, e desta superposição dos instantes, é que é possível se entender a realidade dos múltiplos tempos vividos pelo sujeito. Posteriormente, as vibrações e lembranças da casa como espaço onírico nos ajudarão a entender melhor o projeto do IAPI.

Antes, porém, é preciso explicar por que o bairro possui tamanha importância para a memória da cidade de Porto Alegre. Através de discussões que se sucedem há décadas entre Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Ciências Sociais, é possível perceber o diferente foco

---

<sup>11</sup> Ver, entre tantos, Manovich (1995), Pink (s.d) e Eckert e Rocha (2008).

<sup>12</sup> O “nada” para Bachelard é tomado como um espaço de descontinuidades do instante. É neste sentido que a união entre a teoria de Rounnel – em que o instante é tido como única forma de apreensão e existência do real - e de Bergson - que considera que somente o tempo presente é capaz de mobilizar passado e futuro é fecunda para pensar a duração. Se em Bergson o nada não tem valor, é somente ao reconhecer que há um ritmo lacunar e ondulatório constituído por instantes que Bachelard corrobora a idéia de uma metafísica da intuição e da duração. (Bachelard, 2007)

dado à construção, duração e preservação do IAPI enquanto um lugar fundamental para se falar da memória dos habitantes do bairro e de Porto Alegre.

Mas que bairro é este? O que ele tem de específico para motivar uma dissertação em antropologia dedicada a este universo, sua história e à trajetória de seus moradores? Estas são questões que nortearam esta pesquisa etnográfica. Para desenvolvê-las, começo por tratar de um dos temas que singulariza essa territorialidade: o fato de ter sido resultado de um projeto político nacional. A compreensão deste processo nos leva a reconhecer a lógica das especificidades arquitetônicas, históricas, sociais e políticas deste bairro no contexto de urbanização e formação de uma identidade operária no seio do desenvolvimento industrial da cidade de Porto Alegre.

### **1.3 Uma história política da habitação popular**

O espaço aqui referido como Vila do IAPI também é conhecido como Vila dos Industriários, e recebe este nome por ser um programa habitacional voltado para uma classe específica, como o próprio nome sugere. Projetada em um momento histórico peculiar na cidade e no país, o Conjunto Habitacional Passo d'Areia<sup>13</sup> responde a uma demanda, vigente desde o começo do século em grandes cidades brasileiras, de alocar, com condições salutaras de higiene e habitação, trabalhadores das indústrias que começavam a surgir no Brasil.

O movimento de industrialização nas grandes cidades brasileiras é o carro chefe da política trabalhista do Presidente da República Getúlio Vargas, de 1930 a 1945 (Costa, 1996). Porto Alegre, neste caso, tinha a Zona Portuária como expoente de seu parque industrial, e principalmente o 4º Distrito (Fortes, 2004) como foco deste projeto de aceleração econômica a partir da industrialização.

Segundo Pedro Cezar Dutra Fonseca (1989: 202), a recuperação econômica do país após a crise de 1930 se estabelecia em uma política forte de industrialização e uma série de contradições de um sistema capitalista recém-implantado. Segundo dados do autor, no período de 1920 a 1929, 79% do produto físico nacional devia-se à agricultura e 21%, à indústria, enquanto que no período seguinte, de 1933 a 1939, a parcela da agricultura atingia 57%, e a indústria duplicava seu número, atingindo o peso de 43%.

---

<sup>13</sup> Considerado como nome oficial, segundo o trabalho desenvolvido na X Semana do Arquiteto, disponível no Arquivo Público Moysés Vellinho.

Segundo a geógrafa Letícia Maria Barbosa (2008: 16), os setores de alimentação, vestuário, cerâmica, produtos químicos, metalurgia, couros e instrumentos de transporte estão em amplo crescimento após a I Guerra Mundial. Em Porto Alegre, como é possível perceber, surgem diversas indústrias, como o Moinho Rio-Grandense, a Fogões Wallig e as têxteis Rio Guaíba e A. J. Renner. No trecho abaixo, situado no Trabalho da X Semana Oficial do Engenheiro e Arquiteto, do acervo do Arquivo Público Moysés Vellinho, podemos perceber a relação entre essa escassez de recursos e a necessidade de se construir habitações populares:

Tiveram início, assim, os trabalhos de construção do moderno Conjunto Residencial do Passo d'Areia. A princípio, o vulto das construções foi pequeno, enquanto se buscava, na prática, os elementos basilares de que nos serviríamos, no futuro, quando, então, seriam lançadas construções em massa, com economia, mas dentro de um padrão estudado e experimentado previamente pelo Instituto. Outras vezes, eram fatores os mais diversos que, estranhos a vontade do Instituto, determinavam, senão a paralização, pelo menos a redução sensível do ritmo dos trabalhos de construção. Era o “post-guerra” trazendo, como consequência, a falta de materiais de construção e a falta da mão de obra especializada. Além disso, verificaram-se os fatores de ordem econômica, principalmente, os elevados custos da urbanização do Conjunto, pois o Instituto teve de executar todos os melhoramentos públicos, tais como abertura de ruas, serviço de água, esgotos, drenagens, pavimentação, retificação de córregos, pontilhões, construção de jardins, praças, além da grande e moderna Estação de Tratamento de Esgotos, que,

por sinal, é a única existente em Porto Alegre. Há a mencionar, ainda, o auxílio direto que se prestou a Prefeitura, no valor de CR\$ 2.000.000,00, afim de atender, por conta do Instituto a construção da adutora de água até o Passo d'Areia. (Mendes, 1952: 6)



Concomitante a esse processo, surgem, no início do governo de Vargas, Institutos baseados em categorias de trabalho, e ocorre, assim, um processo de transformação e ampliação do que então era conhecido como Caixas de Aposentadorias e Pensão (CAPs) – que já tinham, anteriormente, sido

institutos. Os novos Institutos eram baseados em categorias profissionais amplas, e sua administração não ficava a cargo de empregados e patrões, como no caso dos CAPs, tornando-se encargo do governo, como parte integrante do sistema<sup>14</sup>. Os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs) eram vinculados ao Ministério do Trabalho e tinham por função atender o sistema previdenciário, procurando também soluções para o problema de moradia popular (Silva, 2009: 135). Segundo o relatório da Secretaria do Planejamento Municipal feito em 1994 (SMPM, 1994), a criação dos IAPs se deu no ano de 1934 e, em 1937, já reunia cerca de 844.400 associados.

De um ponto de vista político mais crítico, essa demanda de regularização e inserção dos empregados em um sistema de aposentadoria e pensão estatal corresponde a uma ideia de cidadania forjada pela via institucional. Segundo Lucia Pinheiro da Costa (2009: 39), é nesse período, no começo da década de 1930, que o Estado se vê obrigado a incorporar classes sociais que não faziam parte do apelo político durante a monarquia, e tampouco no começo da República<sup>15</sup>.

Ainda nesta esteira de reflexão, é possível perceber, através das linhas da dissertação de Costa (2009: 41), o discurso do trabalho como um discurso instaurador de uma nova era, colocando o problema da habitação como uma demanda nova e urgente. É instigante também pensar que a própria crise da economia mundial de 1929 exige do Estado uma ação que incrementalmente novas atividades econômicas, como, no caso, a construção civil.

Cleusa Terezinha Silva (2009) também coloca a preocupação com a moradia popular como foco das políticas industriais do começo da década de 1930. Foi neste período, no qual o país atravessava um acelerado processo de desenvolvimento industrial e econômico, que se fazia necessária uma política que atendesse a falta de habitação popular. O então presidente Getúlio Vargas encontra nestes conjuntos habitacionais uma das soluções para este problema, que vinha desde a República Velha (1889-1930). O resultado destas políticas nacionais de habitação popular é a execução de vários projetos de construção nestas áreas de franca

---

<sup>14</sup>Segundo Costa (2009: 46), o corporativismo era uma fórmula para estabelecer uma relação mais vertical do Estado para com a população, ao mesmo tempo em que reconhecia, mas negava, o conflito de classes. Nas palavras de José Murilo de Carvalho, “Todos os trabalhadores não sindicalizados não se beneficiavam da política de previdência. Tratava-se, portanto, de uma concepção de política social como privilégio e não direito [...]. Parte negativa do sistema excluía categorias importantes de trabalhadores autônomos e domésticos, trabalhadores rurais...” (2004: 114-115).

<sup>15</sup>Seguramente, não pretendo olhar para a política de habitação popular, e mais especificamente o IAPI, como um instrumento de dominação e alienação política da classe trabalhadora, mas o diálogo entre estes diversos autores tende a enriquecer a ideia de que há uma complexidade muito grande ao se falar do processo de elaboração e ocupação do que hoje é conhecido como Vila do IAPI.

industrialização, beneficiando as classes populares e priorizando o operariado urbano que estava em franca ascensão. (Silva, 2009: 135).

Abaixo, podemos ver um trecho coletado do Trabalho do Dia do Arquiteto, feito pelo Assistente Administrativo Ruy da Costa Mendes, publicado no dia 5 de dezembro de 1952, em homenagem à X Semana Oficial do Engenheiro e Arquiteto, mostrando que a busca pela moradia representava também uma melhoria na qualidade de vida dos industriários:

A construção de casas populares é – acreditamos nós – a melhor política para aumentar a produção nacional. Todavia, o fator primordial da nossa economia é o homem. Devemos, pois, preservar esse elemento básico, proporcionando lares confortáveis em todas as cidades.

Construindo, pois, a Vila dos Industriários, onde ficarão higienicamente instaladas mais de 15.000 pessoas, cumpre o Instituto dos Industriários com uma de suas mais elevadas finalidades (se bem que não tivesse aqui obrigação específica) e com esse feito de tão extraordinária envergadura, assiste a sociedade, com visível emoção ao lançamento no Passo d'Areia do marco inicial de uma nova era que, sob a sua influência do melhor nível de vida, garantirá, por certo, uma forma de intensa reação do organismo social. (Mendes, 1952: 8)<sup>16</sup>



Foi nesse contexto que o IAPI (Instituto de Auxílio a Previdência Industriária) resolveu investir na construção de uma vila operária. Ao encontro da proposta desta dissertação, a história da “Vila dos Industriários” está intimamente ligada a um processo de industrialização e urbanização da cidade de Porto Alegre. Foi a partir da enchente de 1941 que o povoamento da região do Passo d'Areia se deu de forma efetiva.

<sup>16</sup> Trecho coletado do acervo do Arquivo Público Moysés Vellinho, em Porto Alegre, RS.

Segundo narra a história dos bairros (PMPA, s.d.), entre outros historiadores da cidade (Franco, 2006), a enchente fez com que os habitantes da cidade olhassem para os locais livres de cheias e riscos de maneira diferente. Esse processo, que também é analisado de maneira pormenorizada em outras pesquisas, foi o grande incentivo da criação de uma zona industriária na região norte da cidade.



A enchente de 1941<sup>17</sup> é, portanto, um marco na maneira como a expansão urbana de Porto Alegre era planejada. Barbosa (2008: 17) salienta os projetos de recuperação da orla e o surgimento de vias importantes como um reflexo desse processo: além do muro da Mauá, com seus 2.647 metros de extensão, surgiram também a Avenida Castelo Branco e a Beira Rio, ligando o centro da cidade à Zona Sul.

Segundo Célia Ferras Souza e Dóris Maria Muller (Souza e Muller, 1997, *apud* Barbosa, 2008: 19), a região do Passo d'Areia, no norte da cidade, apresentou-se como um dos principais eixos para a expansão habitacional nos anos de 1940. Foi nesta década que muitas das vias mais importantes, como a Farrapos, Borges de Medeiros e Salgado Filho, foram abertas. O trecho abaixo, da dissertação de José Lourenço Degani (2003), retrata bem o contexto histórico dessa zona da cidade na época:

Situada no norte da cidade, junto a sua saída mais importante, ponto de ligação com o restante

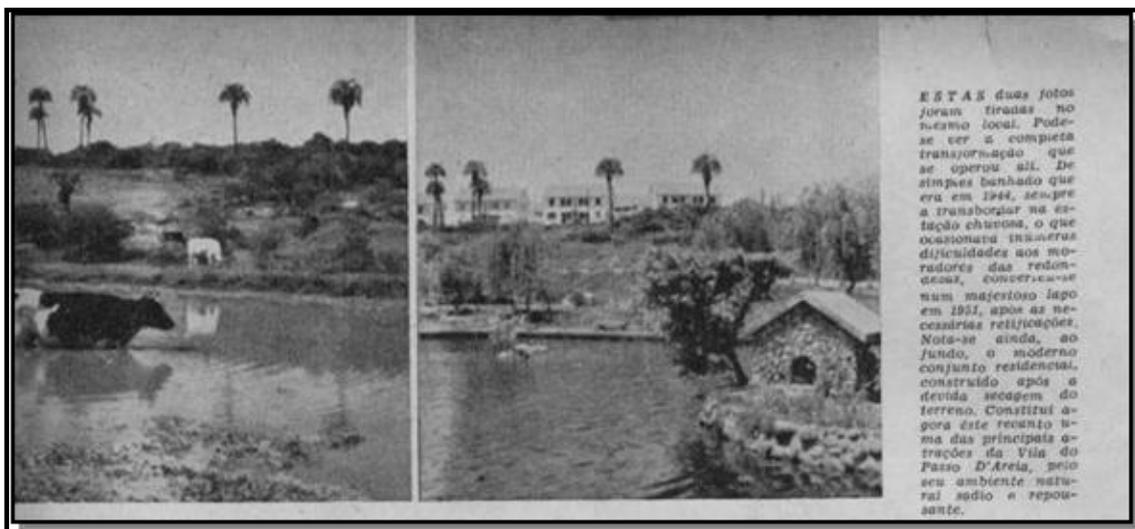
<sup>17</sup> A chuva ocorreu por 22 dias seguidos, alcançando a marca de 619,4 milímetros, e quando o nível máximo foi atingido, bairros como Menino Deus, São Geraldo, Praia de Belas, Azenha e Santana foram cobertos de água. Nesta região estavam grande parte das indústrias, que se deslocaram para um bairro mais ao norte, conhecido por Passo d'Areia. (Barbosa, 2007: 17)

do país, a zona representava a vantagem extra de possuir uma cota nível média suficientemente alta para evitar alagamentos em caso de cheias. Este motivo crescia em importância em função dos traumas causados pela enchente que havia assolado Porto Alegre no ano de 1941 e que literalmente submergia os bairros Navegantes e São Geraldo, onde inicialmente encontravam-se a sede da maioria das indústrias. Dessa maneira, a instalação de um novo bairro dirigido especialmente a classe operária, situado junto aquela área surgia como uma proposta lógica e natural (Degani, 2003: 108)

A partir daí, podemos já pensar como um processo de transformação econômica e social interferiu nas escolhas do governo para a criação de um bairro popular voltado para a classe industriária. Antes de tudo, é preciso interpretar algumas escolhas em voga no projeto arquitetônico, e perceber que estas feições estéticas também fazem parte de um imaginário e ideário político do governo de Getúlio Vargas.

#### 1.4 O IAPI e a arquitetura da “cidade-jardim” enquanto projeto político

Outro ponto que torna o projeto habitacional do IAPI um objeto privilegiado de pesquisa, no seio desta malha de análises multidisciplinares, é a sua especificidade arquitetônica. A partir daí, é possível discernir duas questões fundamentais para reflexão. Uma delas é a modernidade e a apropriação de correntes de arquitetura e urbanismo em voga no momento de concepção e elaboração do Conjunto. A outra é a ideia de “cidade-jardim” e como ela acabou definindo e sendo articulada como proposta urbanística para a Vila dos Industriários.





Com o projeto inicial do engenheiro Eduardo Gardolinski e o projeto urbanístico do engenheiro Marcos Kruter (Souza, 2004), a proposta do Conjunto Passo d'Areia apoiava-se na ideia de “cidade-jardim”, que privilegia o traçado orgânico, o uso intensivo de áreas verdes e sua integração com as edificações. O IAPI manteve por anos suas características iniciais, protegido por um sistema de apropriação dos imóveis como valor de uso, no qual o

poder público detinha a efetiva propriedade<sup>18</sup>. Desde o final da década de 1960, os moradores já são donos de suas propriedades, e o processo de venda e aluguel no bairro é constante.

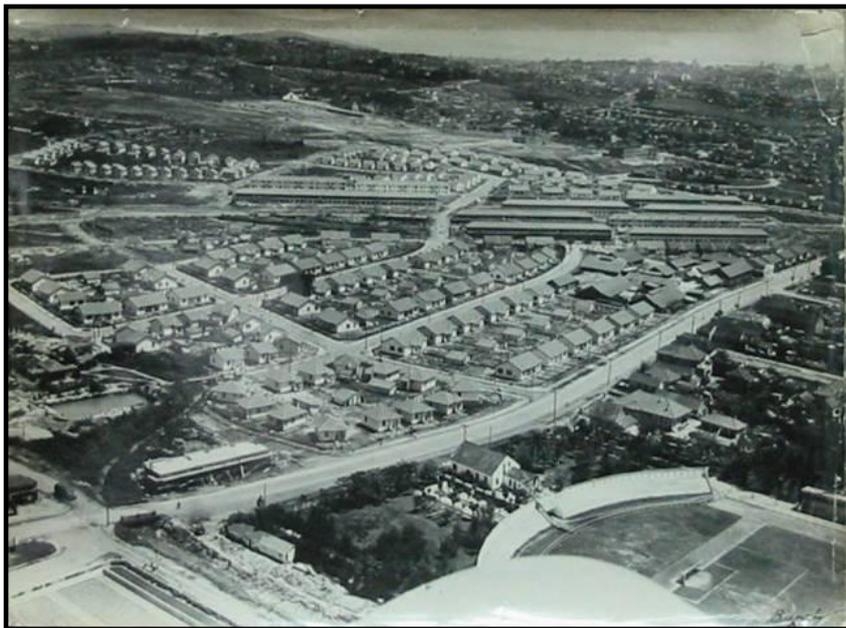
Neste sistema de aplicação de recursos, segundo Marion Kruze Nunes (1991: 33), os moradores eram donos do valor de uso da propriedade e, portanto, pagavam aluguel ao Instituto, que era o proprietário, de fato, do Conjunto. Esta situação se modifica a partir da nova legislação sobre política habitacional e com a criação do Banco Nacional de Habitação (BNH), pela Lei nº 4.380, de 21 de agosto de 1964. Com essa nova política, os IAPs não mais atuavam nas operações imobiliárias, e os imóveis passariam a ser vendidos aos seus moradores. Constavam nas disposições gerais da lei as seguintes medidas:

- a-** As carteiras imobiliárias dos Institutos de Aposentadoria e Pensões não poderiam mais, a partir da data da promulgação da lei, iniciar novas operações imobiliárias, passando seus segurados a serem atendidos pelo novo sistema
- b-** Os Institutos de Aposentadorias e Pensões deveriam no prazo de doze meses efetuar a venda de seus conjuntos e unidades residenciais, ficando deste modo extinto o sistema de locação das habitações praticado por aquelas Instituições. (Nunes, 1991: 33)

---

<sup>18</sup> A ideia de construção da vila operária existia desde 1942 e só seria concluída em 1954, com uma área em torno de 66ha. Em seu projeto inicial, eram planejadas 1.961 residências, e somente depois foram construídas no total 2.456 unidades de habitação. Outros equipamentos públicos também foram incluídos no programa, como o Parque Alim Pedro, dois colégios e a abertura de duas grandes avenidas no bairro.

Aportado em uma sólida base de análise teórica, Leandro Marino Vieira Andrade (1993), em sua dissertação de mestrado, mostra que o projeto da cidade-jardim proposto pelo inglês Ebenezer Howard se inscreve em um paradigma culturalista do século XIX, que se caracteriza pela acentuada crítica à cidade industrial e à pressão desintegradora dos valores sociais provocada pela industrialização. Há uma intermediação entre os espaços públicos e privados, na qual o quarteirão desapega-se do sistema viário dos loteamentos tradicionais em grade; o projeto também permite que espaços de recreio sejam incorporados aos mais simples projetos habitacionais.



Segundo a interpretação de Andrade (1993), a cidade-jardim já é em si uma superação de contradições históricas e uma ruptura com o projeto de urbanização vigente na cidade de Porto Alegre. Primeiro, porque esta tradição culturalista em que estava apoiando-se Howard

propõe uma nova célula dentro de uma organização mais complexa, e busca a fusão entre as qualidades positivas do campo e da cidade, entre a “qualidade e ubiquidade das vantagens urbanas, somadas ao espraiamento 'saudável' do ambiente natural” (Andrade, 1993: 72). Segundo, porque na década de 1940, época em que foi pensado e aplicado o projeto, a proposta vigente para o planejamento da cidade de Porto Alegre se baseava em ideias progressistas, de nomes importantes como Edvaldo Pereira Paiva, Ubatuba de Farias e Demétrio Ribeiro. Este paradigma via a cidade através de outra concepção de conjunto, muito menos sistêmica e muito mais dependente de uma centralidade governamental<sup>19</sup>.

É pontual aqui citar a contribuição de Raymond Williams (1990) sobre a mentalidade inglesa ao pensar o campo e a cidade a partir do século XVI. Especificamente, a partir do

---

<sup>19</sup> É possível identificar, na dissertação de Andrade (1993), uma preocupação em também tentar mediar um projeto e uma escolha individual do engenheiro responsável pelo projeto do IAPI e as condições sociais mais amplas que eram colocadas através das políticas de habitação e trabalho do governo getulista.

século XVIII, Williams ainda toma como ponto de partida a dicotomia entre campo e cidade e as transformações das paisagens naturais cada vez mais domesticadas, com base nas representações de natureza e cultura, respectivamente. Entre outros termos, destacam-se as ideias negativas da cidade, vista como barulhenta, um lugar mundano, e do campo, tido como lugar atrasado, rústico e limitado.

A primeira contribuição para nossa reflexão é a análise temporal que o autor realiza das obras literárias inglesas daquela época. Tomando a Revolução Inglesa como ponto crucial, o autor ressalta:

A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e de um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões... (Williams, 1990: 19)

Seguindo estas linhas, a defesa de Williams é de que há uma separação ideológica entre os processos de exploração do campo e progresso da cidade. As ideias se movem no tempo e nos extratos literários, sempre renovando o conceito de uma paisagem humana, de um lugar em que o homem faz parte e se integra para moldar a maneira que achar mais conveniente. Dentre as noções que circulam nas mentes inglesas do século XVIII, a invenção da paisagem é retirada das concepções holandesas, e pressupõe uma busca incessante da natureza “virgem”.

A égide da relação do homem com a natureza é erguida sobre dois princípios. Primeiro, um princípio de ordem, que toma os ideais reguladores da natureza como possíveis de serem controlados pela mente humana. Segundo, um princípio de criação, que busca a harmonia com o “natural”, procurando apreender as verdades da natureza através de nossa relação com ela.

Mais interessante que esta ideia de uma “paisagem”, que significa uma relação do homem com o mundo natural, é a de que uma nova ordem se cria a partir da Revolução Industrial inglesa, e tem na cidade de Londres o ápice dos contrastes, “uma combinação incessante de atitudes novas e velhas” (Williams, 1990: 200).

Não é a toa que Porto Alegre toma como base para o projeto do IAPI as ideias inglesas de Becker, do final do século XIX. Havia, na cidade, também uma espécie de renovação, transformação industrial efervescente na época, e se propunha, portanto, uma nova maneira de viver a cidade.

Assim como Andrade (1993), Marion Kruse Nunes (1994), em parceria com outros arquitetos e historiadores, mantém o foco da análise na desconstrução e na perda da memória do bairro, bem como em suas características arquitetônicas. Além de citar o contexto histórico do trabalhismo no Brasil, o trabalho de Nunes reflete de maneira interessante sobre a importância de um lugar como a “cidade-jardim” em um contexto de industrialização e urbanização crescente.

Eis aqui um ponto fundamental para se entender a importância do IAPI na história não só da cidade de Porto Alegre, mas das políticas de habitação popular no Brasil. Conforme aponta Claudia Zeferino Pires (2010:85), há no Brasil, pelo menos na década de 1930, três iniciativas de construção do que pode ser chamado de cidade-jardim. No Rio de Janeiro, o Plano Agache propôs a construção de cidades-jardins para a Ilha do Governador e Paquetá, sem a permissão de estabelecimentos comerciais, somente residências. Em Goiânia, no ano de 1933, o plano Atilio Correa Lima também era apresentado e, em São Paulo, talvez o mais bem-sucedido, o Jardim América, já fora planejado no ano de 1913. Porém, em nenhuma destas iniciativas havia a possibilidade de se estabelecer uma zona comercial, residencial e de lazer no mesmo espaço e totalmente financiada pelo poder público.

No Brasil, os primeiros “Jardins” foram construídos para a classe alta. Em Porto Alegre, começaram a ser construídos loteamentos com características de cidade-jardim, como na Vila Conceição e na Vila Assunção. A diferença do IAPI é que o bairro concentra essas características de cidade-jardim e é, ao mesmo tempo, uma iniciativa do setor público. A vila foi construída pelo governo federal com esses recursos, para atender parte da carência habitacional, mas, neste caso específico, as unidades destinavam-se aos operários das indústrias que estavam estabelecidas ou se estabelecendo na Zona Norte da cidade.

Costa (1996), a partir de outros termos, defende que os conjuntos habitacionais dos IAPs desenvolvidos em outras partes do Brasil são todos de inspiração modernista<sup>20</sup>. O enfoque dessa arquitetura moderna, como defende a autora, é pensar uma relação mais próxima entre Arquitetura e Urbanismo. A noção de habitação é tomada não somente como abrigo familiar, mas como conjunto de equipamentos necessários para o desenvolvimento de todas as atividades do tempo do “não-trabalho” (Costa, 1996: 62).

José Lourenço Degani (2003), assim como outros autores já citados, defende que o IAPI é claramente uma visão modernista e progressista da Arquitetura, em função

---

<sup>20</sup> Como exemplo, é possível cita os conjuntos Realengo e o Pedregulho, no Rio de Janeiro, inaugurados respectivamente nos anos de 1939 e 1947, além do Japurá, de 1947, em São Paulo.

característica de habitação popular vertical. Além de maximizar os recursos disponíveis, esse tipo de construção aproveitava de maneira mais rentável os terrenos e barateava o custo das habitações. No entanto, é interessante também notar que a escolha por prédios verticais se deu frente a uma falta de recursos no momento em que o projeto foi posto em prática:

O custo resultante da aquisição de terreno, acrescido de juros e despesas de urbanização, determinou um valor bastante apreciável para a unidade de área útil, ou do lote de terreno propriamente dito. E, para diminuir esse valor e melhorar “ipso-facto” as próprias condições do benefício ao associado, tornou-se necessária a substituição de muitas casas isoladas ou geminadas por edifícios coletivos, determinando assim um considerável acréscimo de moradias, pois, com essa providência, o total das unidades residenciais se elevou de 1625 para 2533. Evidente que o custo unitário médio da urbanização passou a ser muito menor, e dentro da mesma área urbanizada, puderam ser localizadas mais 908 famílias, (2533-1625), beneficiando-se de



todos os melhoramentos públicos e particularmente, daqueles que têm caráter eminentemente social e comunal, tais como a Escola, o Campo Esportivo, a Igreja, a Sede Esportiva, a Delegacia do Polícia, e outros a serem instalados, como sejam: a Agência dos Correios e Telégrafos, os Mercados, os Postos de Distribuição do Leite, os Mictórios Públicos, etc. (Mendes, 1952:07)

Claramente, há, a partir do IAPI, a consolidação de uma maneira diferente de se olhar e refletir a urbanização da cidade de Porto Alegre, aliada à constituição

cada vez mais firme de uma classe operária na cidade. Diante disso, é preciso salientar como a Antropologia, e neste caso o método antropológico seguido durante o período de realização da pesquisa, pode levantar outras questões fundamentais para se pensar os temas do trabalho, da memória e das sociedades complexas.

O projeto do engenheiro Eduardo Gardolinski tenta, como mostram alguns textos, trazer para dentro de Porto Alegre a ideia de um espaço habitado de forma diferente das vilas industriais inglesas, ao mesmo tempo em que contempla o valor trabalho para definir quem são as pessoas ou sujeitos que fazem este lugar existir:

A casa deve refletir as características e tendências do homem e da família, de modo a servir suas necessidades e possibilitar o desenvolvimento de uma vida são e integral. Da mesma forma, o urbanismo deve orientar-se no sentido de planejar a edificação das cidades, tendo em vista satisfazer as necessidades fundamentais das populações e propiciar uma convivência democrática, efetiva e feliz. [...] Conquanto o ideal seja a casa individual, cuja construção merece estímulo e ajuda, circunstâncias várias da vida moderna levam à solução dos chamados Conjuntos Residenciais. Esses conjuntos, tanto quanto possível, devem refletir a necessidade da vida social, evitando a homogeneidade excessiva resultante da sua locação ou venda de elementos pertencentes a uma categoria profissional específica. (Nunes, 1994:35)

Para Andrade (1993), é evidente no IAPI a distinção entre espaços públicos, semipúblicos e privados, que configuram zonas de mediação entre os moradores. A contribuição da Antropologia, no entanto, pode ultrapassar este reconhecimento, e a etnografia, além de uma “experiência estética” (Andrade, 1993: 143), pode problematizar este hibridismo levantado anteriormente.

### **1.5 A etnografia da duração e o surgimento de um problema de pesquisa**

A pergunta a se fazer aqui, portanto, é como ir além, aprofundar a pesquisa para reconhecer uma memória de outro nível, em um outro sentido, capaz de articular, juntamente a uma memória coletiva da cidade de Porto Alegre, as práticas e o cotidiano de seus habitantes, suas demandas, estratégias e seu uso da cidade (De Certeau, 1994). Os dados e informações apresentados pelos trabalhos anteriormente citados são importantes e decisivos para esta pesquisa, mas é possível, através do trabalho antropológico, pensar as dinâmicas da cidade e a questão da moradia através de outro prisma.

Todos estes trabalhos têm em comum o fato de considerarem a importância de se entender o IAPI dentro de uma dinâmica histórica e social mais abrangente, sempre dando ênfase na possível “morte” e “desfalecimento” das características principais do bairro.

Antes de tudo, é preciso salientar aqui a condição de um bairro que nasce voltado, eminentemente, pelo valor do trabalho. Seguindo nossa proposta, Ariel Gravano (2008) acrescenta à ideia de bairro a noção de um lugar de produção simbólica. A partir de uma análise histórica e atual sobre o “bairro imaginado”, Gravano coloca o bairro em uma posição de disputas simbólicas e se pergunta sobre até que ponto é possível pensá-lo como um ponto

de enfoque para falar de um contexto histórico-industrial de uma certa época, e é neste sentido que reside um dos principais desafios desta pesquisa. Seguindo suas linhas:

Para esto tendremos que observar los procesos históricos de surgimiento y vinculación entre lo barrial, lo urbano (y lo preurbano) y lo social em general, de modo de tener um marco de referencia amplo. Y luego tener em cuenta las explicaciones acerca del papel del barrio em la vida social. (Gravano, 2008: 11)

É neste sentido que a aproximação entre memória, trabalho e cidade se apresenta como parte fundamental da pesquisa. Com base no livro organizado por José Sérgio Leite Lopes (1987), podemos entender melhor como se constitui uma “cultura operária” e a construção social da identidade operária. Se há no IAPI uma identificação com a cultura operária e industrial, é necessário identificar nas narrativas dos moradores a forma como hoje, depois de algumas mudanças e rupturas na cidade e no tempo desta cidade, os valores de trabalho e moradia são agenciados.

O próprio BIEV, de onde herdo esta tradição de pesquisa, conforme anteriormente citado, já se preocupou com este local da cidade há alguns anos. Através da pesquisa de Rafael Derois (2005), é possível ver como a preocupação de sensibilizar o olhar do etnógrafo é fundamental neste processo de pesquisa. O texto em questão, além de iniciar o leitor em uma caminhada pelos meandros da etnografia de rua, também demonstra, através de uma memória do grupo, como o local é importante em um projeto que busca narrar e entender os agenciamentos da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo.

Em harmonia com esta proposta teórico-metodológica, também podemos ver na dissertação de Anelise Gutterres (2010) preocupações semelhantes àquelas que me norteiam neste projeto. Ao analisar os processos de mudança de algumas famílias de camadas médias da cidade de Porto Alegre, a interpretação sobre o espaço da morada e as narrativas de seus moradores em momentos de mudança e ruptura pode ajudar a pensar os limites do bairro e dos locais da cidade. Este problema, que é como uma constante para o estudo de temas na cidade, pode ajudar a entender a dinâmica que se coloca diante dos moradores e habitantes das cidades modernas. Considerando o deslocamento de pesquisa como um deslocamento importante também para a construção de um espaço metodológico, a autora aponta que é preciso estar atento a estas dinâmicas e transformações da cidade, levar a cabo a tarefa de fazer as pessoas e os moradores serem ouvidos e escutados. O prisma colocado nas experiências temporais vividas e na toponálise dos lugares desta urbe é muito mais

interessante visto a partir deste ponto. É preciso reconhecer que, assim como as relações de trabalho e as construções da cidade, o tempo age, deixando suas marcas e suas camadas nas maneiras como estes habitantes vivem estes espaços. No caso do IAPI, é fundamental reconhecer uma intrínseca forma de lidar com o tempo e suas lacunas, suas rupturas.

Foi neste processo que escolhi o IAPI como universo e objeto de pesquisa para dissertação de mestrado. As respostas para estas questões, de ordem teórico-metodológicas, poderiam ser buscadas através da etnografia na Vila dos Industriários, comumente chamada por seus moradores – e conhecida por grande parte da população da cidade – como Vila do IAPI<sup>21</sup>. A inserção em campo, como sugerida pela “etnografia de rua” (Eckert e Rocha, 2003), deu-se pelas caminhadas e pela sensibilização deste bairro através do olhar e das lentes do etnógrafo. Deslocando-me do centro da cidade, pude começar a interpretar a relação que este local tem com o resto de Porto Alegre, e me perguntar como seus moradores viam esta relação.

Saindo para um novo rumo, um novo campo, decolando para um universo não muito distante, porém desconhecido. Caminhando a passos curtos, com certa angústia do desconhecido, e uma ansiedade do que pode se tornar conhecido, para depois se tornar familiar, para depois vir a ser estranho, e assim sucessivamente. Sigo nesta fria tarde de 13 de agosto, perto do meio-dia, para o terminal de ônibus na praça Dom Feliciano. À frente do antigo prédio da Santa Casa fica a parada da Linha 608 – IAPI, que pegarei para uma caminhada exploratória no bairro (ou vila, região?<sup>22</sup>) com o mesmo nome. A proposta é andar, olhar, observar; uma etnografia de rua sem a câmera na mão, apenas com ideias na cabeça. Ideias ainda confusas, admito, mas com a velha “polícia epistemológica” que os grandes mestres sempre ensinam em textos que leio desde o começo da graduação.

A situação é diferente agora. Começarei efetivamente a preparar uma dissertação. Um compromisso tão sério quanto os anteriores, mas o desafio teórico, epistemológico, metodológico e reflexivo é muito maior. O trabalho como uma prática que pode falar da cidade, como o gesto do homem que dá sentido ao mundo, ao tempo narrado, às coisas vividas, é isto que urge em algumas de minhas reflexões. Confesso que ainda são reflexões vagas em alguns pontos, mas o tempo da etnografia e da pesquisa compartilhada no BIEV me fará olhar para novas hipóteses e respostas para minhas dúvidas, que só tendem a se multiplicar.

O IAPI é um bairro antigo, conhecido na cidade de Porto Alegre por sua arquitetura muito semelhante, uma feição de “bairro industrial” que é tipicamente inglês, fabril, de formas duras, retas e sem cores. Algumas dissertações elevam o drama do bairro e do esfacelamento de suas feições do trabalho como a crônica de uma morte anunciada. Outras refletem sobre esta dita “unidade arquitetônica”, tentando tomar o bairro como um patrimônio histórico da cidade. Ora, sob a égide da duração e da memória como um espaço fabulatório, criador, fantástico, qualquer imagem é parte deste patrimônio etnológico. O meu principal desafio é tentar entender a dinâmica do bairro, as transformações e as durações através das práticas cotidianas de seus habitantes, das formas de sociabilidade e da feição do tempo nas formas envelhecidas (nem tanto, talvez) dos prédios e casas locais. O maior problema e risco é cair num discurso globalizante e totalizante, para dizer com aquele

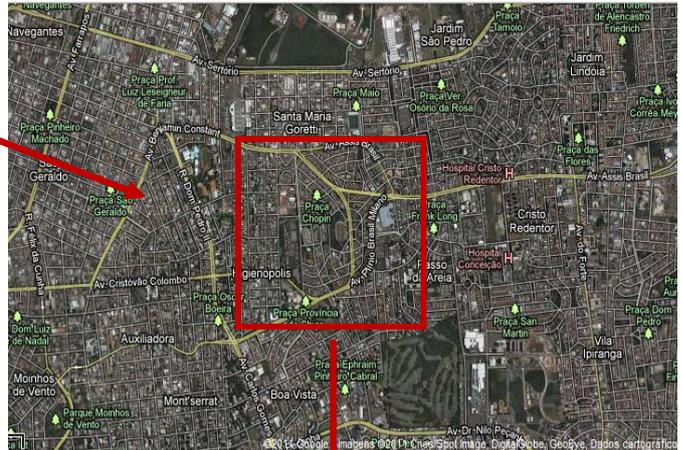
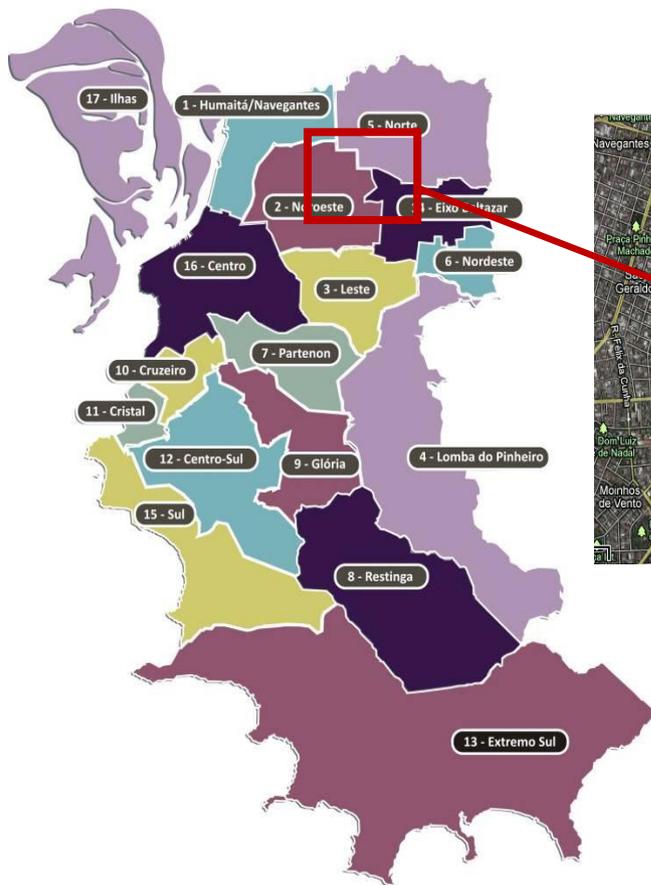
<sup>21</sup> Utilizarei, durante toda a dissertação, essa nomenclatura. A referência ao IAPI é sempre uma informação importante para entender a história do bairro e de uma política voltada a uma classe específica dos trabalhadores. Como será exposto posteriormente, esta preocupação do Estado com a classe industriária é ponto de extrema consideração para se falar deste local.

<sup>22</sup> Ainda não sei como chamar o IAPI. Mas acho que somente a etnografia poderá me dar pistas através da narrativa de seus habitantes.

tom “extroboscópico” da razão que “O IAPI é assim, foi assim, é assado!!!”. Brincadeiras à parte, o objetivo desta saída é tentar identificar algumas destas múltiplas feições do bairro, as falas e os passos de seus habitantes e *habitués*.

O percurso inicial é bem simples. Sentar no ônibus e esperar chegar no bairro. Na parada, os 10° de temperatura, mesmo próximo ao meio-dia, desmentiam a ideia de que “frio na barriga” é só uma metáfora. Fico esperando praticamente sozinho, pois todos que esperavam o mesmo ônibus subiram na linha Chácara das Pedras, que acabei descobrindo tardiamente também passar por dentro do IAPI. A ideia foi cumprida e desci em frente ao parque Alim Pedro. No caminho, a conhecida ambiência da Assis Brasil dá lugar a um bairro com ruas não asfaltadas, lugares simples e um espaço tipicamente tomado por habitações médias. O IAPI parece ser um pequeno reduto no meio da selvagem e rápida via de acesso à Zona Norte e a cidades da região metropolitana que é a Assis Brasil. Além disso, o som é completamente diferente. Dos barulhos e roncões de motores de ônibus e carros, cresce o canto de alguns pássaros, diminui o som dos automóveis, e o ambiente fica um pouco mais silencioso. (Diário de campo 13 de agosto de 2010 – Apolo 608)

A Vila do IAPI, situada no que hoje chamamos de Zona Norte da cidade, está a poucos minutos de ônibus do centro de Porto Alegre. Esta relação com o centro, como se verá nas páginas que seguem nesta dissertação, é fundamental para uma identidade ligada ao bairro e às trajetórias de seus habitantes. As escalas para se definir um bairro e seus limites são avaliadas, a todo o momento, por seus habitantes, pela capacidade destes de se deslocarem na cidade e criarem mapas de sentido para seus “enunciados pedestres” (De Certeau, 1994: 128). Há, além disso, outro nível da prática que é colocado por Pierre Mayol para falar do bairro, referente às possibilidades de encontro e ao reconhecimento de um espaço familiar cotidiano. (De Certeau, 1996).



O IAPI está situado na Zona Norte da cidade de Porto Alegre, no bairro Passo d'Areia, com 2.446 moradias. Conhecido antigamente como Chácara dos Pires, a região, após a enchente de 1941<sup>23</sup>, foi tomada por fábricas e indústrias da cidade. Barbosa (2008) cita algumas destas avenidas, como a Voluntários da Pátria, Benjamim Constant e Cristóvão Colombo. Duas destas, ao lado da Assis Brasil, formam uma complexa malha viária que envolve o IAPI e seus limites. Além disto, a região integra-se hoje à malha urbana da cidade

<sup>23</sup> Como mostram muitos livros sobre a história da cidade de Porto Alegre, entre eles o de Sérgio da Costa Franco (2006), a enchente de 1941 afetou grande parte de um círculo industrial que estava próximo ao rio, como o bairro Navegantes. Sobre este, é possível recorrer à dissertação de Luciana de Mello (2008), também desenvolvida no âmbito do projeto do BIEV.

inserida em um dos principais eixos de expansão dos bairros de classe média e alta, como os bairros Carlos Gomes e Três Figueiras.

Como se vê nos mapas acima, o IAPI é “relativamente” distante do centro. Se olharmos em uma escala maior, de toda a cidade, veremos que a distância é bem considerável, tendo em conta a distância física que é expressa em uma escala de 5km/centímetros no primeiro mapa. Porém, se considerarmos a quantidade de vias expressas e avenidas que ligam o IAPI ao centro da cidade, veremos que essa distância física é diminuída pela gama de opções de deslocamento para o bairro.

Conforme encontrado no relatório da X Semana Oficial do Engenheiro e Arquiteto, o IAPI já previa uma outra ligação com o resto da cidade e com as possíveis vias de grande fluxo.

O Conjunto Residencial possui duas grandes avenidas, de 32 e 25 metros de largura, com um comprimento total de 1600 metros. Todas as ruas, avenidas e vielas, somados os seus comprimentos, totalizam 15.000 metros. As avenidas estão calçadas com paralelepípedos e as demais ruas e vielas com pedra irregular.

As calçadas são feitas com lajes de grês e o meio-fio de pedra de granito. Possui também o Conjunto duas grandes praças e diversas outras menores, devidamente ajardinadas, tendo um dos jardins um magnífico lago artificial e um local para recreio das crianças. Conta ainda a Vila com dois parques infantis que proporcionam à petizada do Conjunto os mais variados jogos e brinquedos, próprios da idade.

Digna de menção, entretanto, é a Avenida de Ligação, principal artéria do Conjunto Residencial do Passo d'Areia. Foi projetada com a finalidade de ligar a zona do fim da linha do bondes “Floresta”, com a Volta do Guerino, diminuindo, assim, o percurso, que antes se fazia pela Avenida Assis Brasil (antiga estrada do Passo d'Areia), de cerca de 200 metros.

A Avenida de Ligação, hoje denominada Avenida Brasiliano do Moraes, como homenagem prestada à memória daquele saudoso Delegado do I.A.P.I. no Rio Grande do Sul, foi estudada em colaboração com a Diretoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura Municipal é de acordo com as modernas normas de urbanização.

Sua largura total, entre os prédios, é de 40 metros. A largura entre os cordões extremos é de 24 metros e se constitui de 2 passeios de 4 metros cada um, 2 pistas de rodagem de 9 metros cada uma e um refúgio central de 6 metros, que, futuramente, será reduzido para 2 metros, afim de dar lugar às linhas de bondes.

No refugio central, foram já plantados álamos em toda a grande extensão da Avenida.

A pavimentação e de paralelepípedos lançada sobre uma infra-estrutura de macadame e as calçadas, de lajes de grês. Ao longo da Avenida, foram construídos blocos de apartamentos de 2, 3 e 4 pavimentos. (Mendes, 1952: 10)

Olhando de dentro do bairro, através da etnografia, no entanto, pude identificar uma série de complexidades e nuances expressas em suas feições e na maneira como elas são expressas na arquitetura, nos usos do espaço e nas camadas de tempo dos prédios e das ruas do local.

Ao descer, pouca movimentação, apenas uma festa da terceira idade na igreja que há na frente do grande espaço verde. O Alim Pedro já tem as suas particularidades. Uma delas é o enorme declive da área verde pouco utilizada na sua parte mais elevada. As ruas que o cercam são todas de paralelepípedo e seguem estas elevações e descidas ao seu redor. Paro em frente ao parque, e começo a olhar tudo que está ao meu redor. Observo os possíveis trajetos, tentando me orientar e entender quais as ligações das ruas, das vielas, das grandes vias e dos espaços de circulação de pedestres. Também estou um pouco preocupado com a falta de pessoas na rua; espaços de pouca circulação, mesmo durante o dia, evocam em mim algumas imagens de violência e medo das grandes cidades, mas, como tenho poucos objetos de valor comigo, tiro meu bloquinho do bolso e começo a fazer anotações.

Penso muito em como dar conta etnograficamente deste espaço. A forma mais interessante parece ser tentar identificar algumas regiões ou zonas de uso do bairro, alguma identificação destas pelos seus moradores, pelos habitantes, e por quem já viveu lá. Obviamente não posso esquecer as minhas interpretações, e por isso começo uma caminhada que perdurará por mais de 1h. Começo passando por uma rua estreita, como tantas outras, pois escuto de longe, timidamente, uma forte sociabilidade. O som vem da parte de cima de uma construção feita sobre uma garagem. A rua tem, de um lado, garagens, utilizadas de diferentes formas, e, do outro, as entradas para outras habitações. Parece ser a parte de trás de um com a parte da frente de outro. Dentre as variações dos usos das garagens, há uma eletrônica, uma costureira, um estofador, entre tantos outros. (Diário de campo 13 de agosto – Apolo 608)

A importância histórica deste local, diante das preocupações do projeto de pesquisa vinculado ao BIEV, coloca-me diante de um desafio interessante, que tentará ser, nas linhas que seguem, desvelado e timidamente solucionado.

Desafio este que consiste, resumidamente, em dar conta de um agenciamento da memória dos moradores do local através de suas narrativas e suas trajetórias sociais. Torna-se uma laboriosa tarefa, se pensarmos que é impossível abranger estas narrativas sem tentar, ao menos, articular dois planos distintos de análise. Por um lado, um projeto e um imaginário de nação pensado e refletido na elaboração e construção de um bairro operário específico como a Vila dos Industriários. Por outro, as escolhas e os projetos individuais que colaboraram para que o IAPI, e sua relação com a cidade, se sustentasse e durasse na memória coletiva de Porto Alegre.

O trabalho de campo, durante o último ano, tentou dar conta de perguntas que se dirigiam neste sentido. Como se dava o processo de agenciamento da memória de alguns moradores, como as relações geracionais eram expressas nas narrativas dos mais velhos, quais são os espaços de sociabilidade mais marcantes do bairro, ao mesmo tempo em que me

perguntava – e ainda me pergunto – como as relações de trabalho na cidade e suas modificações interferiram na maneira como esses moradores viviam seu bairro cotidianamente, como a configuração de uma cidade, que passa a se desindustrializar (Alonso e Bandeira, 1988) a partir da década de 1950, absorve, ou não, moradores que se identificam com uma identidade operária e voltada para o valor do trabalho<sup>24</sup>.

### **1.6 Os caminhos e os desafios de uma etnografia da duração: questões teórico-metodológicas**

Dar conta deste desafio exige que o pesquisador lide com diferentes formas de desenvolver o trabalho de campo. A proposta do BIEV, à qual me filio, procura, nos termos de Eckert e Rocha (2005), pensar uma etnografia que dê conta do agenciamento da memória a partir dos pressupostos da dialética da duração<sup>25</sup> nas sociedades moderno-contemporâneas. É exatamente a partir das implicações e provocações de uma etnografia da memória nas cidades que uma série de questionamentos vêm à tona para pensar estes temas.

Este “jogo de memória” (Eckert e Rocha, 2005) ao qual me refiro aqui está intimamente relacionado às diferentes trajetórias e maneiras de se viver o bairro, narrado cotidianamente para mim por estes moradores. O tempo em questão, granulado e cindido, apresenta-se na maioria das vezes como solução para os problemas e sempre lacunar, ondulante, como nos orienta Bachelard (1994), e eu o sigo através de uma “etnografia da duração” (Rocha, 2008). Se o tempo social é visto como uma sucessão de instantes vividos, produto da consolidação deste tempo através de uma comunidade, “fruto de uma hierarquização de uma série de instantes e de rupturas de trajetórias vividas” (Eckert e Rocha, 2005: 90), é preciso reconhecer neste cotidiano do bairro também uma forma de lidar com estas rupturas e estes instantes.

Uma maneira interessante de entender a complexidade em que se estabelecem estas relações em um local específico, a Vila do IAPI, é, portanto, o estudo de redes sociais. Primeiro, temos com Elizabeth Both (1976) a possibilidade de lidar com questões familiares e particulares de sujeitos ao agenciar suas relações sociais em um bairro específico. A análise da autora consegue dar conta dos diferentes papéis sociais colocados em jogo quando se estuda uma família. Larissa Lomnitz (1994), por outro lado, ajuda a pensar quais são as

---

<sup>24</sup>A tese de Cornelia Eckert (1993) é central para entender como o processo de crise também constitui e participa da formação de identidades ligadas ao trabalho. No caso de mineiros de carvão de Grand-Combe, a relação destas narrativas de uma memória de trabalho são sempre avaliadas, pelo olhar da autora, dentro de uma relação com os movimentos políticos e econômicos da França.

<sup>25</sup>Bachelard, 1994.

relações e os valores colocados diante do pesquisador quando este se pergunta a respeito das redes em sua etnografia. Partindo da inspiração das autoras, penso que adentrar e explicitar graficamente estas redes, como também nos ensina Howard Becker (2010) e Willian Foote-White (2005), pode esclarecer melhor para a pesquisa quais são a posição os valores sociais que estão colocados em jogo nas formas de sociabilidade dos moradores do IAPI e como estes se relacionam com o tempo e sua moradia.

Barnes (1987), em um artigo bastante denso, explica que o termo “rede” foi utilizado primeiramente para descrever noções de como os indivíduos usavam laços pessoais de parentesco e amizade para alcançar certos objetivos. Sua análise nos mostra que a Antropologia Social tenta sempre revelar, através do estudo de rede, os limites e a estrutura interna dos grupos, além das conexões interpessoais que surgem a partir da filiação a certos grupos. Desta forma, é possível identificar graus de redundância nas redes e saber quais relações estão em jogo no cotidiano.

Bailey (1968), de outra forma, também relata as relações e redes sociais imbuídas no cotidiano de uma pequena vila na França. Ao reler seu texto, comecei a me perguntar sobre os valores e significados que estão sempre em jogo nas redes de relações sociais. Há, segundo o autor, um jogo de reputações e valores, uma tensão constante entre condutas individuais e sociedade, entre egoísmo e altruísmo, entre igualdade e desigualdade. Em pequenas comunidades, todos sabem de todos, e, mesmo não se conhecendo, os indivíduos têm acesso a informação sobre a vida dos outros. Segundo o autor, é possível pensar na sociedade como uma interminável troca de mensagens:

We signal our way through life and, from one point of view, society and community are an endless exchange of messages. Exchange is the essence of social interaction: society exists in that men give each other deference, challenges, pieces of information, money, tribute, service—even marriage has been construed as the exchange of women. Messages are conveyed in a variety of ways: the spoken word, the gesture, the nod, the failure to greet, the banging down of coins on the counter, the timidity of a knock at a door and other slight cues of this kind, which may well remain invisible to someone not familiar with the culture concerned. (Bailey, 1968: 10)

Esse tom de jogos de mensagens, de uma certa forma, é também pensado por uma sociologia das formas sensíveis. A partir de uma socialidade, cunhada por Maffesoli (1996), é possível dar atenção a uma ética agregadora da vida social realizada através de uma estética,

colocando a tônica das relações na superfície das interações sociais, na efervescência da vida cotidiana, animada pelo que é intrínseco e vivido no dia a dia.

Assim, ao argumentar que a estética teria a função de ressaltar a eficácia das formas de simpatia e seu papel de laço social, Maffesoli vai de encontro às ideias de autores como Simmel (1996), que defende a inevitabilidade da atitude *blasé* frente à impessoalidade das novas metrópoles, e Richard Sennet (1988), para quem as formas de associação pública da modernidade estariam em extinção, dando cada vez mais espaço ao privado, ao espaço do indivíduo. Para Maffesoli, essa socialidade, a teatralidade cotidiana, insere na vida pública uma outra sacralidade, a das tribos, em que a tônica estaria na superfície e no presente. A barroquização do mundo, como defende o autor, é o reflexo da vida nas cidades,

feita de um conjunto de elementos totalmente diversos que estabelecem entre si interações constantes feitas e agressividade ou de amabilidade, de amor ou de ódio, mas que não deixa de construir uma solidariedade específica que é preciso levar em conta (Maffesoli, 1996: 15-16).

De certa forma, a evocação de uma “rede social” através do texto etnográfico é uma maneira de olhar para as relações sociais por meio de uma imagética, de uma figuração das relações. A avaliação de Maffesoli, no entanto, ainda não é capaz de entender suficientemente as diversas formas de sociabilidade e conteúdos associativos que são agenciados constantemente pelos moradores do IAPI. Para nós, o argumento de Simmel (1983) para falar de uma Sociologia das Formas também vai ao encontro do que tentamos abordar aqui como uma etnografia da duração. Sua perspectiva fenomenológica privilegia a reflexão sobre diferentes aspectos cotidianos e intensos do viver urbano. Em um de seus ensaios, a ideia defendida é a de que uma sociologia, no sentido estrito do termo, só conseguiria dar conta dos processos sociais que ocorrem no mundo contemporâneo se considerasse as formas da vida social, onde o conteúdo estaria sendo expresso e manipulado. Neste sentido, sobre as formas de sociabilidade, o autor defende que é na união de indivíduos que se pode perceber a autonomia e a forma lúdica da sociabilidade cotidiana:

Essa reviravolta completa – da determinação das formas pela matéria da vida à determinação de sua matéria pelas formas, que se tornaram valores supremos – talvez esteja funcionando plenamente nos numerosos fenômenos que reunimos sob a categoria de jogo. As forças reais, as necessidades e os impulsos de vida produzem as formas de comportamento adequadas ao jogo. (Simmel, 1983: 167)

Ao mesmo tempo em que falamos de um jogo da vida social, fazemos referência a um jogo da memória que pode muito bem ser expresso também por uma dialética do interior e exterior, da subjetividade e objetividade, da heterogeneidade e individualidade, entre tantas outras formas.

De Simmel também vem a influência e inspiração para se pensar as relações entre os *habitués* da Vila dos Industriários e o espaço em que estão inseridos. A partir das leituras de Eckert e Rocha (2005) em torno da dialética da duração de Bachelard (1994), é necessário aqui tentar refletir sobre o estatuto e a importância dos relatos de espaço e a relação dos sujeitos com o espaço habitado no IAPI. Acima de tudo, é pensando nas questões que surgem a partir do trabalho de campo e da etnografia de rua que o tema da paisagem – ou melhor, da fabricação da paisagem<sup>26</sup> – se torna fundamental para entender as relações entre moradia, trabalho e memória que estão em jogo na Vila do IAPI, através de seus moradores.

Acima de tudo, o que proponho como condição primária para o estabelecimento de qualquer interpretação é reconhecer o espaço através das narrativas, de uma “enunciação pedestre” (De Certeau, 1994: 176) que re-significa e dá sentido ao espaço no mesmo momento em que o sujeito também está submetido à interferência da matéria terrestre em seu cotidiano. Conforme nos ensina Simmel (1996), o ato de reconhecimento e fabricação de uma paisagem parte sempre de uma relação entre o ato do espírito humano sobre a matéria terrestre. Para o pensador alemão, a contradição da cidade moderna entre objetividade e subjetividade compõe, através do olhar unificador do artista, o cenário da paisagem, dando um sentido único em cada tempo e cada lugar. Em resumo, não há, no momento de criação da paisagem, uma separação clara e evidente entre o que ele chama de “*stimmung*” (1996: 18) e a unidade perceptível da mesma realidade. Pelo contrário, a afirmação é de que, no momento em que fabricamos uma paisagem, estamos nos colocando no centro dessa dialética, desse devir entre o mundo subjetivo e o objetivo.

Nas múltiplas relações nas quais se imbricam homens, grupos e produtos, se destaca diante de nós, rígido, este dualismo em virtude do qual o detalhe aspira a se tornar um todo, enquanto que o seu pertencimento a um conjunto mais amplo lhe concede apenas o papel de membro. Nós sabemos que o nosso centro está ao mesmo tempo fora e dentro de nós: por um lado, nossa pessoa e nossa obra são apenas elementos de totalidades que exigem a nossa adaptação unilateral à divisão do trabalho – e por outro lado desejamos ser e fazer conjuntos acabados que se apoiem sobre si mesmos (Simmel, 1996: 17).

---

<sup>26</sup> Recomenda-se a leitura de Rocha (2008b)

Aprofundando o tema da paisagem a partir da preocupação com uma etnografia da duração, é preciso olhar a fundo para os ensinamentos de Gaston Bachelard. Há, como veremos a seguir, um possível e fecundo diálogo com a obra de De Certeau, no momento em que Bachelard afirma que é preciso se pensar e viver o espaço da imaginação longe do espaço da mensuração e reflexão geométrica. (Bachelard, 1984: 19).

Ou seja, não podemos olhar para o espaço vivido apenas com o olhar da geometria ou da funcionalidade arquitetônica. O espaço vivido, quando considerado espaço imaginado, abriga, através de uma dialética da duração, o ser do repouso, o ser feliz. Para argumentar outro aspecto fundamental nesta dissertação, é preciso compreender que não estou em busca de uma comprovação histórica de como foi, ou de como era o IAPI na sua inauguração, mas sim tentando interpretar os rastros da memória que duram através da experiência vivida destes sujeitos no mundo.

Refletindo a partir de Bachelard, podemos reconhecer estes conflitos e tensões colocados por De Certeau como fundamentais para a dialética do ser na morada. Ao pensar a “Poética do espaço” (1984), o autor nos coloca diante de um problema inovador e capaz de dar conta de dualismos inerentes à experiência do sujeito no tempo. Ao fazer uma fenomenologia das imagens poéticas da morada, a imagem da casa é vista como o princípio verdadeiro de integração psicológica. Para o autor esse espaço da casa na imaginação é

(...)um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em particular, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protegem. O jogo do exterior e da intimidade não é, no reino das imagens, um jogo equilibrado. (Bachelard, 1984: 196)

Portanto, lidar com dualismos é também condição principal para o ser pleno da morada. Já pensando em futuras indagações para responder em outros trabalhos, é preciso olhar para a condição da casa no universo, onde, ao mesmo tempo, na relação com o mundo exterior, a morada pode assumir valores de negatividade e positividade. A tentativa de trabalhar com as noções de interior e exterior, público e privado, é muito mais uma tentativa de superar as dicotomias através das tensões e da memória do que de estabelecer um estatuto ou valor para os termos do projeto e da ideia do conjunto habitacional do IAPI. Como ensina Bachelard, há uma dialética do aberto e do fechado, do interior e do exterior, que vai além do concreto ou da geometria dura, repousa na imaginação e na poética da experiência do espaço no tempo.

Tentar interpretar e compreender estes jogos da memória é uma tarefa que passa por diversas etapas. Uma das apostas desta pesquisa é de que a narrativa dos moradores, através de conversações cotidianas e entrevistas não-diretivas, pode nos fazer entender o agenciamento da memória por parte dessas pessoas. Por outro lado, considerando o antropólogo enquanto um narrador desta cidade, que participa das diferentes camadas dos jogos da memória, é preciso também pensar como a produção de imagens em campo e a pesquisa em acervos participa destas tramas.

A entrevista não-diretiva, sempre tendo certo policiamento epistemológico, como sugere Thiollent (1980) ao analisar as diversas maneiras pelas quais a investigação social e enquete operária são realizadas, permite ao pesquisador compreender melhor este campo simbólico de significados em jogo no IAPI e o agenciamento de uma duração por seus moradores. A partir destas entrevistas não-diretivas é que podemos começar a pensar na questão da narrativa, proposta por Paul Ricoeur (1994).

Sempre tendo cuidado com o termo “sentido pleno” da narrativa, podemos considerar a obra de Ricoeur importantíssima para os estudos sobre narrativa e rememoração. Tendo como base a releitura descrita por Eckert e Rocha (2000) a partir de Durand e Bachelard, a “inteligência narrativa” proposta por Ricoeur é o que torna o tempo “humano”, porque acomoda as lacunas e ondulações temporais, impensáveis para o pensamento racional pós-iluminista. O ato de narrar envolve, além da simples rememoração do passado, outras diferentes etapas, nas quais o pensamento organiza o presente, confere sentido a uma série de acontecimentos e dá à união de diferentes acontecimentos, um tema, uma história, um argumento<sup>27</sup>.

A identidade narrativa de um personagem da vida social, como aponta Raul Diaz (1999), depende de algumas características que emanam do discurso de um sujeito mediante o contexto em que este ator está inserido. As perguntas que orientam estas respostas remetem a quem é narrado, quem fala, quem é o sujeito moral da imputação sobre as coisas do mundo, e quem emerge nas entrevistas. É, mais que um resgate da individualidade, uma intenção de chegar ao que Ricoeur (1991) chama de individualização do sujeito como *si mesmo* diante do

---

<sup>27</sup> Segundo Paul Ricoeur, estas três etapas são denominadas de Mimese I, II e III. A mimese primeira, da pré-figuração do tempo, exige do narrador a pré-compreensão do mundo e da ação, suas estruturas inteligíveis, as suas fontes simbólicas e seu caráter temporal. A segunda mimese, do tempo figurado, configura a narrativa através do agenciamento dos fatos e, através da poética, coloca os fatos em uma história de ordem cronológica, com de episódios dispostos em um certo sentido. A terceira e última mimese é a do tempo refigurado, que conclui o processo cíclico de compreender este tempo humanizado.

*outro*, sempre tendo em conta estes jogos de individualidades, num complexo movimento entre heterogeneidade e complexidade na cidade (Velho, 2004).

No caso do antropólogo enquanto um narrador desta memória da cidade (Eckert e Rocha, 2005), é preciso atentar para as condições e as diferentes formas de expressão imagética que estão em jogo no trabalho antropológico. O bloco de anotações, posteriormente transformado em diário de campo, considerado o principal e primeiro instrumento de interpretação da realidade pelo antropólogo, é aqui tratado também como uma imagem que constrói e constitui estas diferentes narrativas.

O texto etnográfico coloca para o pesquisador um desafio de dois níveis, que são, em um certo sentido, complementares: a representação e a ética da interação etnográfica. Pensar sobre ética na Antropologia, e mais especificamente na pesquisa de campo, é pensar sobre as próprias relações com a verdade, ou “as verdades”, que são colocadas em voga no pensamento antropológico. Diferente de outras disciplinas, a Antropologia foi talvez uma das primeiras a se perguntar sobre seu próprio discurso e sobre suas próprias afirmações, e isto, inevitavelmente, sob a batuta da etnografia, acabou refletindo sobre as técnicas e posturas do trabalho de campo.

A primeira pergunta a ser feita, norteadada por Roberto Cardoso de Oliveira, é entender qual a relação entre ética e conhecimento. Partindo de pressupostos filosóficos, Cardoso de Oliveira (1996) defende que, se o conhecimento é a busca de um certo consenso entre pares, ele está indissociavelmente ligado à ética. A *epistéme* submetida a este consenso pressupõe regras de argumentação e validades intersubjetivas que, segundo o autor, não comprometem o ideal de objetividade da Antropologia.

A partir daí, sua defesa é de que nossa disciplina, mais especificamente, preocupar-se-ia com o policiamento anti-etnocentrismo, como uma maneira de diminuir ou reduzir um complexo de culpa. Se a presença do pesquisador é sempre autoritária no texto, é preciso então pensar em uma “fusão de horizontes” (Cardoso de Oliveira, 1996: 21), para confrontar diferentes “comunidades de argumentação”, com o objetivo de sempre agir com ética na pesquisa de campo.

A grande questão colocada em xeque pelo autor é muito semelhante ao que Geertz chama de “ironia antropológica” (2001: 37). Segundo o “testa de ferro” da escola interpretativista, o problema surge das contradições entre diagnosticar um problema social e encontrar soluções para ele. Pela ótica de Geertz, tem sido muito mais fácil para os

antropólogos, desde Malinowski (1976), encontrar estas soluções, e o texto etnográfico serve muito mais para apontar as raízes do problema do que a maneira como solucioná-los.

No entanto, a expressão de ironia evoca outro problema, que é próximo ao que discute Roberto Cardoso: a relação de troca e de expectativas entre pesquisador e pesquisado. Narrando um evento conflitual sobre o empréstimo de uma máquina de escrever, Geertz acredita que as relações entre pesquisador e pesquisado repousam sobre um conjunto de ficções parciais que são mais ou menos percebidas. A fusão proposta por Geertz surge da necessidade de as Ciências Sociais não se perguntarem se podemos ou não salvar o mundo das suas mazelas, mas de se compreender o que a Antropologia pode dizer sobre os valores sob os quais vivemos. Dessa forma, o trabalho de campo obriga a fusão entre a esfera ocupacional e extraocupacional, e nele “o antropólogo tem que aprender a viver e pensar ao mesmo tempo”. (Geertz, 2001: 45)

Contribuindo para o debate sobre ética e pesquisa de campo, Roberto Cardoso pensa em diferentes níveis nos quais as consequências das ações humanas se projetam. Através de uma micro, meso e macroética, os problemas colocados em campo e o afã constante por melhorias e mudanças sociais podem ser observados na linha de uma fusão de horizontes, de um entendimento da confrontação destas diferentes lógicas.

Mesmo longe da “alegoria pastoral” descrita por Clifford (1999: 85), é preciso entender que de uma certa maneira a Antropologia é uma disciplina que se preocupa com a condição de vida de seus interlocutores. O desafio da pesquisa na cidade aparece, assim, por um outro viés, que precisa estabelecer um equilíbrio e uma mediação entre os problemas sociais evidentes em campo e a produção de conhecimento para os seus pares. Voltando a Clifford, a questão principal não é apenas representar o “resgate”, através de um exercício escrito, da experiência do antropólogo, mas sim tentar fazer com que os interlocutores da pesquisa também compreendam que o sentido que eles dão para seu cotidiano e suas memórias é uma das camadas narrativas dentre as quais o aprendiz-de-antropólogo se desloca constantemente.

Ao mesmo momento em que a entrevista e os relatos descritos nos diários de campo são o espaço mais forte onde se pode pensar o poder dos discursos sobre verdade apontados em campo, eles são também um momento para se ordenar o mundo através das práticas, para colocar em comunidade, comunicar aquilo que é comum ao vivido e compartilhado socialmente. Neste sentido, é que Teresa Caldeira (1981) entende que a matéria bruta do

trabalho de campo não pode ser tratada como evidência ou explicação, adquirindo significado somente quando é interpretada e compilada em favor de um esforço teórico.

Por fim, é preciso cuidar para que a preocupação ética não se desloque apenas para o problema da interpretação. Para ir além de um único sentido na comunicação entre pesquisador e pesquisados, é preciso repensar, como aponta Geertz, nossos próprios valores e tentar entender os diferentes níveis em que esta ética de uma comunidade argumentativa se coloca em uma fusão de horizontes, como propõe Cardoso de Oliveira, carregando uma ideia de “comunidade de comunicação” (1996: 26), não só entre pares, mas entre indivíduos e grupos portadores de culturas distintas.

Nesta linha, a fotografia, enquanto narrativa imagética sobre a memória de uma vila operária, trabalha no registro desta comunicação entre diferentes comunidades. Durante o trabalho de campo, também realizei pesquisas em acervos e construí, junto a alguns interlocutores, narrativas sobre as transformações temporais do IAPI. A fotografia também é pensada dentro do texto da dissertação como um dos elementos desta linguagem hipermediática. A tentativa, tanto nas coleções de imagens como no corpo da escrita, é de superar o simples ato de “re-apresentar”, ou seja, o ato de representar, através de uma imagem, a realidade do seu instante de produção. Tendo em conta que há, na fotografia, múltiplas faces para além da iconográfica, procuro aqui salientar a ideia de Boris Kossoy ao afirmar que a foto é ao mesmo tempo uma representação cultural, estética e tecnicamente elaborada.

Será somente através da sensibilidade, do constante esforço de compreensão dos documentos e do conhecimento multidisciplinar do momento histórico fragmentariamente (ou seja, através da fotografia) retratado que poderemos ultrapassar o plano iconográfico: o outro lado da imagem além do registro fotográfico (Kossoy, 2002: 83).

Apesar de se basear na premissa de que há duas realidades diferentes e, portanto, duas interpretações, na fotografia, é preciso desgrudar a fotografia de seu papel enquanto evidência documental, ou prova de um evento histórico específico. Em outra obra, Kossoy (1989) defende a ideia de que, para se conceber a fotografia como um objeto de estudo da memória, é preciso pensar a tríade entre o sujeito, a técnica e o assunto. Ao deslocar a foto de um acervo para dentro de uma coleção de imagens, o antropólogo também está construindo novas camadas narrativas, pensando em outro uso e outro significado, que não aquele do instante da sua produção.

É nesta linha, de uma construção de diferentes camadas narrativas, que o processo de produção de imagens em vídeos é pensado nesta dissertação. Seguindo as pistas de David MacDougall (1998: 134), é preciso, através do vídeo, ir além de uma câmera observacional, para se chegar ao momento de uma câmera participante. Esse cinema observacional<sup>28</sup> se caracteriza muito mais por uma aproximação da impressão do cineasta com as estruturas de sentido, sem que ocorra uma explicitação do *self*. Ao contrário dos seguidores de Rouch, argumenta MacDougall, essa relação com o objeto é diferente quando se está com a câmera observacional. O ponto de vista privilegiado seria o das emoções dos nativos, a observação e interpretação de mão única, onde o espectador, assim como o cineasta, não passa de um olho da audiência, incapaz de entender a separação entre ele e os sujeitos. O objetivo final deste cinema é sempre o conceito, onde o evento é visto “como é, e não como é interpretado” (MacDougall, 1998: 132).

Essa suposta espontaneidade da câmera observacional, sem uma interpretação de dados antropológica, é definida pelo autor como um ascetismo metodológico que exclui subjetividades e não exige nenhum tipo de compartilhamento de intenções. Ora, se a defesa aqui é a de que o tema da duração e do trabalho por meio das narrativas destes moradores é um processo de compartilhamento de sentido no mundo e de interação através da etnografia, o que podemos adotar como postura é exatamente aquilo que MacDougall chama de cinema participante (1998: 134). O cineasta tem que achar meios de trazer o espectador para a experiência social dos sujeitos filmados. O exemplo utilizado pelo autor, através de Jean Rouch em “Crônicas de um verão”, de um processo de conhecimento por meio de um mergulho em si mesmo, permite abrir caminho para uma compreensão da sociedade não só através de uma exterioridade de representações, mas junto com isso uma pista para o imaginário, para o que não é explícito, para o que está sendo colocado em jogo nos valores microsociais.

Eis, portanto, o tom do que será visto nas próximas páginas. Através deste deslocamento em campo, no qual a produção de imagens e a pesquisa em acervos (uma etnografia visual e da imagem) colocam-se como instrumentos de construção de dados etnográficos, de análise e interpretação dos fenômenos observados e escutados, tentarei mostrar como a inserção em diferentes redes e espaços de sociabilidade do bairro pode me ajudar a compreender e narrar a complexidade que configura a identidade destes moradores e

---

<sup>28</sup> Nas palavras do próprio autor, “observational cinema” (MacDougall, 1998: 127).

o agenciamento da memória nas sociedades complexas, através de diferentes jogos da memória.

## **Capítulo 2 – Etnografia de rua: ver, ouvir, escutar, registrar... a pesquisa em constante deslocamento**

O que proponho neste capítulo é a compreensão da etnografia de rua como elemento fundamental para entender os deslocamentos da pesquisa e o surgimento de problemas de cunho teórico e metodológico para os quais a pesquisa etnográfica tenta a todo momento achar soluções. No primeiro momento, apresentarei como se deu, aos poucos, nas minhas caminhadas, a sensibilização através das imagens que o bairro apresentava para mim.

Em um segundo momento, tentarei, através da narrativa com um dos primeiros e principais interlocutores, interpretar as relações entre o bairro, a cidade, e o projeto individual de um antigo frequentador e trabalhador do IAPI, o Seu Lino. É na narrativa de Lino e na interpretação da realidade que tento realizar através de imagens e constantes saídas de campo que poderei compreender que espaço da memória e da duração significa este local, a Vila dos Industriários. Partindo de suas lembranças, seu cotidiano e suas estórias contadas todos os dias para seus clientes, terei a chance de adentrar a memória de um local tão paradigmático e complexo como o IAPI, bem como os jogos da memória que seus habitantes realizam.

### **2.1 A cidade como lócus de problema para a etnografia de rua**

Seguindo os desafios dos exercícios de etnografia de rua, procurei, através das caminhadas no bairro, traçar estratégias para algum tipo de aproximação com os moradores e *habitués* do IAPI, conversando, indagando, ouvindo histórias de pertença ou percebendo gestos, etiquetas e regras de cumplicidade, de limites ou conflitos. É possível considerar, em diferentes aspectos, um “imaginário do bairro” (Gravano, 2008: 35), que se desloca e é

composto por diferentes experiências estéticas, uma relação íntima entre sujeito, espaço e técnica. Tentando ser visto de alguma forma dentro do bairro, o registro visual pode atuar, em um duplo sentido, como parte desse acercamento com o local.

Em um primeiro momento, o suporte visual me permitiu ser reconhecido como pesquisador, alguém interessado pelas feições do bairro. Certamente o grande número de pesquisadores que já frequentaram o local com o objetivo de realizar seus trabalhos para Arquitetura, Geografia, História, entre tantos, também ajudou para que estes moradores do IAPI acabassem se acostumando com a presença de pessoas interessadas em saber sobre seu bairro e seu local de habitação.





Em um segundo nível, e não por isso menos importante, o trabalho com tecnologias audiovisuais na etnografia atua no registro, na sensibilização e no “re-conhecimento” das feições do bairro, frente a um prévio conhecimento comum adquirido por meio de leituras e outros acervos de imagens<sup>29</sup>. As fotografias me ajudaram a olhar para estas feições do bairro, descritas anteriormente a partir do diário de campo, e pensar nas

futuras imagens a serem produzidas em foto e vídeo. Nas linhas do que Pierre Sansot (1988) aponta na sua “Poétique de la ville”, seria considerar uma provocação do sujeito pela cidade, colocar-se como um antropólogo, habitante e fotógrafo, a fim de encontrar, nas linhas e na vida cotidiana destes moradores, uma forma de interpretar e reconhecer este mundo.

Foi, portanto, através de um exercício fotográfico que comecei a ter uma interação não apenas com as ruas, mas também com os moradores da Vila dos Industriários. No começo da pesquisa, quando ainda não conhecia os processos de aquisição de casas e apartamentos, uma das ruas que me causava curiosidade era a Sobradinho, por ser uma das que definem os limites do IAPI e por ser formada apenas por casas. Em uma das saídas de campo com a câmera, enquanto fotografava uma casa no final desta rua, em frente a uma padaria, fui abordado por um casal que gostaria de saber se eu estava fazendo alguma pesquisa ou levantamento para a prefeitura da cidade, ou então se era jornalista. Fred e Nara, com pouco mais de 60 anos cada, me contaram que moram no IAPI há mais de cinco décadas. Nara chegou ao bairro com seu pai, quando tinha apenas 9 anos, e Fred se mudou logo após o casamento, pois trabalhava na Aços Finos Piratini. Uma das principais reclamações para mim, ainda na expectativa de serem ouvidos por outros governantes ou outros órgãos, era de que as pessoas do IAPI ainda não tinham consciência de não mexer em

<sup>29</sup> A questão do tratamento de imagens de acervo, assim como a pesquisa e a tentativa de uma coleção hipertextual, serão debatidas futuramente, no capítulo 3, onde será também aprofundado o tema da memória do trabalho nas sociedades complexas.

prédios que há poucos anos foram considerados patrimônio da cidade. A parte mais interessante da nossa curta conversa foi ouvi-los assumindo que, devido à chegada de três filhos, também tiveram que modificar a sua casa, reconhecendo que os apartamentos do IAPI são de ótima construção, sólidas e totalmente diferentes dos apartamentos atuais, pequenos e de baixa qualidade estrutural.

Infelizmente, não pude retomar o contato com esse casal, mas consegui perceber, através deste e de outros momentos paradigmáticos, as dificuldades de se fazer a etnografia de um bairro. Não estava realizando a etnografia de um evento, não estava contando a trajetória de uma pessoa importante somente, e nem sequer tentando participar de um ritual. A pesquisa na rua, no espaço urbano, apresenta diversas dificuldades, que acabam colocando



o aprendiz-de-antropólogo, na tentativa de superá-las, diante de desafios e rupturas. É a atenção ao contexto e seus jogos sociais, que remetem a ritmos temporais em uma explosão de imagens percebidas pelo etnógrafo na vida cotidiana do bairro, que sugere giros epistemológicos (Eckert e Rocha, 2000: 5) no momento em que o pesquisador versa e produz conhecimento em sua própria cidade.

Mas, o que pode ser pensado como sociedade complexa? As reflexões neste sentido apontam sempre para uma valorização do indivíduo, de suas formas de sociabilidade, e para a maneira como este interage com o espaço em que vive e como o representa<sup>30</sup>. O desafio, neste sentido, é sempre pensar nestas individualidades e nestes agenciamentos entre projetos individuais e ações coletivas. Segundo Gilberto Velho (2004: 15), a cidade abriga uma complexa gama de “visões de mundo” e “campos de significados”. Inspirado no teórico da fenomenologia da

<sup>30</sup> Para tal, os trabalhos que seguem a linha de Louis Dummont sobre individualismo no Brasil acrescentam e problematizam a noção de indivíduo proposta por este autor. Como exemplo, podemos aqui citar Gilberto Velho (2004), Luis Fernando Dias Duarte (1986) e Tania Salem (1997). De uma forma ou de outra, a preocupação é sempre olhar para a teoria do individualismo sob a ótica de uma realidade diferente e diversa como a brasileira.

ação, Alfred Schultz, Velho nos aponta que é através da dinâmica e das escolhas feitas diante destes diferentes *campos de possibilidade* que podemos identificar a tessitura e as bases fundamentais do indivíduo moderno. Estar na cidade é a todo o momento fazer escolhas, alocar um projeto individual dialogando com um projeto coletivo que reflete as preocupações e os sentidos de um campo de significado.



Para o tema aqui proposto, é preciso ir além. É preciso, na linha de estudos clássicos, pensar como o tempo e a memória são refletidos na narrativa de seus moradores e como a cidade acolhe e participa destas práticas. Para não entrar em um estudo propriamente histórico, o desafio é sempre considerar o próprio trabalho

antropológico como uma narrativa, e se reconhecer como um dos múltiplos narradores sobre a memória da cidade. Conforme o trabalho de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2005), uma nova arte de narrar se configura a partir da experiência vivida no mundo urbano-contemporâneo, onde o antropólogo também é visto como um narrador privilegiado das dinâmicas e transformações que ocorrem na cidade. Ao compartilhar uma série de códigos em diferentes campos de significado, o antropólogo não somente versa sobre a vida ou a experiência do outro, mas também sobre o processo de estranhamento e familiarização com a sua própria cidade. Tendo em vista isto, o processo de escrita e produção de conhecimento antropológico vira um espaço privilegiado para uma nova arte de narrar<sup>31</sup>.

Por hora, cabe a mim salientar que foi por meio deste processo de entrada em diferentes redes e ruas do local, sempre preocupado com uma narrativa imagética desta

---

<sup>31</sup> É neste sentido que problematizarei no capítulo 4 como o método de coleções e a “etnografia da duração” (Eckert e Rocha, 2005) podem contribuir de forma mais abalizada nas discussões acerca da memória do trabalho.

cidade, que pude refinar e me dar conta de diferentes problemas teóricos e metodológicos caros à disciplina antropológica.

Os blocos de concreto misturados a algumas pequenas casas mostravam uma grande diversidade. Todos com cores opacas, é verdade, mas cada um com uma característica diferente. Entre as variações, estão o número de andares (de 1 a 4), a cor do prédio (amarelo, cinza, marrom, havana), o número de janelas, o tipo de entradas e portas, a existência ou não de calçadas. Há um arranjo muito rico, uma potência de boas imagens imensa, assim como são longínquos os limites do local. Para quem vê o IAPI de dentro pela primeira vez, é realmente muito grande. Por fora, parecem apenas prédios iguais, e sem ninguém dentro. Minha impressão, ao longo da etnografia, acabou se tornando completamente diferente. As ruas e vias se multiplicam em pequenas garagens, puxadinhos, lajes e reapropriações do espaço. Há também uma delegacia, dois colégios, muitos estabelecimentos comerciais de diversos tamanhos, e muitas pessoas dentro das casas. Com o tempo, caminhando na rua, também fui percebendo, aos poucos, que havia uma complexa reutilização do espaço pelos moradores da Vila dos Industriários. Na parte de trás de alguns prédios, há pequenas garagens, surgidas após a primeira construção, que normalmente são reformadas por alguns proprietários para fazer um novo cômodo, que é alugado, ou oficinas diversas. Outra imagem que rapidamente me seduziu, foi ver alguns moradores dos andares mais altos se utilizando de um complexo sistema de roldanas, ligados aos postes de luz, para pendurar suas roupas.

A sensibilização em relação ao bairro através de suas imagens foi acontecendo aos poucos, e me levava a refletir sobre a maneira como os moradores e *habitués* do IAPI lidavam com algumas contradições e tensões comuns à vida cotidiana nas sociedades complexas.

## **2.2. A padaria do “Tio Lino”: onde o valor do trabalho impera**

Desde as primeiras caminhadas etnográficas no bairro, busquei reconhecer os espaços de trabalho de efervescência social no cotidiano dos habitantes. Estes espaços são universalmente conhecidos no mundo ocidental como cafés, bares, casas comerciais, feiras livres. Foi na padaria localizada no final da Avenida dos Industriários, uma das vias principais de acesso e saída do bairro, que busquei uma aproximação com o dono do local.

A primeira tentativa com sucesso realizada no processo de sair da apreciação das imagens do bairro para adentrar as redes e sociabilidades cotidianas foi o contato que tive junto a Lino. Laudelino Alves, que tem o mesmo nome do pai, é um padeiro antigo da região, mas não mora no local. Interessante pensar que, na busca por conhecer antigos moradores, acabei me deparando com um interlocutor privilegiado que não mora, mas trabalha no local. Este valor do trabalho foi o que acabou sendo evocado por ele, muito mais do que por outros moradores.

Meu primeiro contato com Lino se deu no dia 20 de agosto, em minha segunda saída de campo. Com cerca de 60 anos, de cabelos brancos e barriga avantajada, Lino sempre me contou sobre sua vida ligada ao IAPI e fez questão de me mostrar que lida muito bem com os processos e as transformações do trabalho que contribuíram para a formação de sua trajetória social na cidade de Porto Alegre. Ao falar, Lino mistura a letra “r” com a letra “g”, e sempre me aponta para os possíveis caminhos do trabalho e da rede social em que está inserido. Segundo me conta, foi para o IAPI com seu pai, quando este comprou a padaria no prédio de entrada do bairro, mudando-se posteriormente para o final da Avenida dos Industriários, mais próximo à Avenida Plínio Brasil Milano.

Como outros tantos moradores do local, seu Lino é um dos muitos moradores do bairro que se lembra com certa nostalgia das benfeitorias feitas por Getúlio Vargas, e a todo o momento se recorda daquilo que ele chama de boas ações feitas pelo antigo presidente da República para o IAPI. Segundo Lino, o bairro foi um modelo para os outros BNHs do Brasil, e até hoje possui a particularidade de ser um bairro com construções fortes e “gente do bem”. É no mesmo espaço, projetado para ser um prédio comercial, que há mais de 50 anos Lino recebe e atende clientes diversos. Homens e mulheres, jovens e velhos, amigos e vizinhos, entre tantos. Trago, através de um relato extraído do diário de campo do dia 20 de agosto, como se deu nosso primeiro contato. Em um sábado, na parte da tarde, com poucas pessoas na rua, minha tentativa foi, através de um pequeno comércio, encontrar um antigo morador ou trabalhador local.

Entrei cuidadosamente na padaria, com a timidez típica das primeiras interações em campo, enquanto Lino atendia uma criança que comprava um bolo de chocolate. Novamente, o caderno na mão o fez me indagar se eu era algum tipo de jornalista ou pesquisador, e durante minha resposta já lhe perguntei se ele estava há muito tempo no bairro.

Eu conheço isso aqui há mais de 50 anos, quando vim pra cá trabalhar com meu pai e meu irmão. Cheguei aqui há 53 anos, no dia 1º de agosto de 1963, e meu pai se chamava Laudelino Alves Martins.

Minha primeira impressão foi de que Lino estava falando exatamente o que ele achava que eu queria ouvir. Sem muitas dúvidas, sabia de cor datas, nomes das ruas, ministros, governantes, e pouco me contava sobre sua própria experiência no bairro. Foi ao lhe perguntar sobre sua vida no bairro que a resposta ajudou a corroborar esta impressão

Bem, eu posso te falar de 3 “livros” que eu “escrevi” com a vida. O primeiro é sobre o que é uma padaria, que tem mais de 1.200 páginas. O segundo é sobre minhas peripécias atrás do time do Internacional<sup>32</sup>. O terceiro é sobre “O Casamento”, essa instituição sacana inventada pela sociedade cristã.

Lino, durante os primeiros contatos, contou-me pormenorizadamente a história do IAPI. Do começo da construção com Getúlio, passando pela junção de todos os Institutos de Previdência no INSS na década de 1960, e no meio disto também falava sobre as fábricas da cidade de onde vinham estes moradores. Lino também discorreu sobre a antiga Avenida Plínio Brasil Milano, que se chamava Estrada da Pedreira, da fábrica da Brahma e da Souza Cruz, e sempre defende que o IAPI é o primeiro BNH construído no Brasil.

No decorrer da pesquisa, Lino foi se mostrando um curioso e amante ferrenho do bairro. Através dele, pude conhecer outras pessoas, clientes antigos, e montar uma pequena rede que me levou a outros espaços do local. Essa centralidade de Lino explica-se, também, por sua profissão, tema interessante a ser tratado a seguir. Sua narrativa, durante uma entrevista realizada posteriormente, fala sobre uma duração ligada aos valores do trabalho, do bairro, vizinhança e sua singularidade enquanto padeiro do local há mais de 50 anos.

Lino sempre se coloca como um grande conhecedor do bairro, ao mesmo tempo em que situa sua trajetória social como central para me fazer entender, através da minha individualidade, seus dramas sociais e a condição atual do bairro. Ao trazer para o espaço do texto nesta dissertação sua fala através de minha transcrição, será possível perceber como sua narrativa atravessa diferentes camadas e temas distintos para definir sua identidade como um sujeito tão ou mais importante que os outros moradores do bairro. A cidade atravessa a todo o momento sua fala, e não foi nenhuma surpresa para mim perceber que, além de sua paixão

---

<sup>32</sup> “Eu to começando a enjoar de ouvir falar tanto em futebol. Mentira minha. Ainda voltarei milhões de vezes a campo para escutar somente estas histórias...” (Nota de rodapé do diário de campo).

pelo IAPI, e suas relações familiares, sua relação com o futebol também acabava delimitando uma identidade e uma posição específica de um sujeito na cidade.

Mas, o que faz de Lino um personagem central para compreender essa “identidade de bairro” (Gravano, 2008: 45)? Por que, depois de algumas saídas de campo, acabei tomando ele como um dos principais narradores para esta dissertação?

### **2.3 Nascido, criado e educado para o trabalho: a trajetória singular de Lino**

A hipótese de uma vida ligada, durante toda a sua trajetória, ao valor trabalho foi se configurando na medida em que ia me aproximando e conversando com Lino. Tive a oportunidade de gravar uma entrevista com a câmera de vídeo em sua padaria, assim como de acompanhar parte da sua tarde de trabalho. Como dito no capítulo anterior, o vídeo como ferramenta e suporte para a pesquisa de campo me permitiu não só participar e interpretar as práticas cotidianas de Lino, mas também entender sua centralidade para a pesquisa e sua relação com o bairro. Foi através dele que conheci diversos moradores que seriam narradores em potencial para a pesquisa, e participei do cotidiano do bairro durante algumas tardes de sábado.

Interessante pensar que, através da edição de “crônicas etnográficas” (Devos, 2007: 07), pude ir percebendo as diferentes camadas narrativas que estavam sendo postas em jogo no momento em que Lino me contava de sua vida e trajetória na cidade.

Cabe nesta parte do capítulo contar, por meio da transcrição da entrevista realizada no dia 18 de janeiro de 2011, como Lino, através de sua narrativa, constrói sua identidade como um personagem importante do bairro ao mesmo tempo em que me revela o fato de os valores ligados ao trabalho são centrais para se entender algo sobre a Vila dos Industriários.

Ao lhe perguntar sobre sua criação, a resposta foi clara, uma vez que seu pai, como toda família portuguesa, deu-lhe uma educação voltada para o trabalho, que o levou a ter uma condição específica no bairro, central para se entender sua própria trajetória.

Rafael, é o seguinte: eu fui criado aqui dentro dessa padaria aqui, meu pai era proprietário desse estabelecimento, foi adquirido no dia 1º de julho de 1957. Aí eu entrei aqui com 12 anos de idade, em 1963. Eu tenho hoje 59 anos, vou fazer, no dia 1º de agosto, se Deus permitir, no dia 1º de agosto eu vou completar aqui 48 anos de estabelecimento. Então eu tenho aqui praticamente 5 gerações de pessoas, que me conhecem aqui na Vila, e hoje eu estou novamente assim na meia-idade, trabalhando muito de novo. Mas eu tive um período de uns 10 anos que eu trabalhei só um turno, e até antes desse

período de 10 anos que teve essa lacuna aí, assim, nós trabalhávamos praticamente eu e meu irmão aqui, das 5h30 da manhã às 22h, sempre, sempre, sempre, sem sábado, sem domingo, sem feriado. E aí há uns 10 anos pra cá a gente passou a fechar no dia, o único dia que fechava era o dia 1º do ano, 1º de janeiro de cada ano a gente fechava. Aqui a gente veio através do meu pai, que é de origem portuguesa, entendeu, então a gente sempre foi criado pro trabalho. Nós morávamos na Dom Pedro II, e sempre assim, ele veio de uma cidade do interior, de Rio Grande, eu sou de Rio Grande, nasci em Rio Grande, mas vim pra Porto Alegre com um ano e meio de idade. Foi quando meu pai saiu de lá. Porque meu pai saiu de Rio Grande, porque fechou a companhia Swift, que ele tinha lá um restaurante, que trabalhava na cidade de Rio Grande, 24 horas por dia praticamente, que era destinado a praticamente, a clientela dele, navios portuários, ali assim, que chegavam a toda hora pra carregar e abastecer a companhia Swift. Era uma companhia americana, que estava instalada com frigorífico na cidade de Rio Grande. Aí por motivos de governo, isso, aquilo, terminaram com a companhia Swift, que fechou, e a Swift foi embora da cidade de Rio Grande, e assim a cidade praticamente morreu. E isso foi a vinda do meu pai. Que originariamente a ideia dele era de sair de Rio Grande para o Rio de Janeiro. Que nós temos aqui assim, um rádio aí assim, que hoje, que ainda vou tentar restaurar ele, aquele rádio que está ele, ele escutou, através das ondas curtas, praticamente toda II Guerra Mundial, no café Avenida na cidade de Rio Grande. Então, como relíquia, hoje ele não tá mais funcionando, mas eu vou tentar restaurar, recuperar, depois vou mostrar pra ti filmar.

Essa curta narrativa de Lino já aponta para uma valorização do trabalho enquanto condição fundamental para entender todos os acontecimentos não só da sua vida, mas também os motivos e “campos de possibilidade” (Velho, 1994: 19) que ele e sua família tiveram quando tomaram a decisão de vir para Porto Alegre.

Gilberto Velho, para situar esse “campo de possibilidades” (1994: 19), dá uma grande ênfase no processo de industrialização das grandes cidades. Segundo o autor:

Continuo lidando com duas vertentes ou pontos de vista: o da unidade e da diferenciação. Creio que através dessa dialética, desses deslocamentos e oscilações, podemos analisar, com proveito, características e experiências que, embora não exclusivas, estão fortemente associadas às metrópoles contemporâneas. (Velho, 1994: 21)

Diante de um campo de possibilidades voltado para o trabalho, Lino foi aos poucos moldando e dando sentido ao seu tempo no mundo através da experiência no bairro, das

mudanças nas feições de trabalho de Porto Alegre e de sua vivência nesta cidade que crescia constantemente.

O tempo de permanência de Lino e sua relação específica com o seu trabalho também o colocam como um narrador central do bairro. Essa relação específica com seu ofício, que valoriza muito mais as relações pessoais estabelecidas através do trabalho do que uma acumulação de capital, permitiu-lhe estabelecer laços estreitos de vizinhança e comércio com moradores antigos do bairro.

O serviço é um serviço como qualquer outro, como qualquer pessoa tem. O diferencial é que eu gosto do que eu faço, gosto muito, gosto das pessoas que vêm aqui no estabelecimento, entendeu. O dinheiro assim pra mim é uma coisa que é pra me manter, mais é o prazer de estar aqui assim conversando com uma pessoa, conversando com outra, a confiança que esse povo me transmite a mim é muito grande, muito grande, eles acreditam muito em mim, e eu respeito as pessoas todas, desde as crianças que me amam até as pessoas de idade, tem uma coisa muito gratificante pra mim. Porque, porque é um relacionamento. Eu to aqui há quase cinco gerações, eu conheço a avó, a bisavô, o bisneto, todos, conheço todo mundo praticamente pelo nome, agora, às vezes, to ficando meio velho, eu esqueço, mas todas pessoas assim eu conheço pelo nome, então, um relacionamento assim de muita amizade, muita amizade. Muitas pessoas vêm aqui assim não tanto pra comprar, mas para comigo, pra ter um diálogo como tu muitas vezes presenciou aí na frente, as pessoas vêm aqui assim: tio Lino pra lá, tio Lino pra cá, então um relacionamento assim, não tanto do negócio, mais pela minha pessoa. Claro, sou uma pessoa comerciante, preciso disso aqui, vivo disso aqui, mais é o relacionamento, o relacionamento muito humano que nós temos aqui assim que, praticamente, eu que atendo todas pessoas que vêm aqui. Dificilmente um funcionário atende duas vezes, sempre é eu, então é gratificante sempre, eu gosto do que eu faço, é muito bom.

É possível perceber, nesse sentido, que há uma diferente ética. Nos termos de Roberto Cardoso de Oliveira (1996), há uma tentativa de Lino, através de sua narrativa para a entrevista, articular uma microética das relações pessoais, uma mesoética ligada à forma como chegou à cidade e como se tornou proprietário do estabelecimento, e uma macroética, ligada a uma relação com o dinheiro na sociedade moderna.

Essa aproximação com Lino, e seu prazer de trabalhar no bairro, permitiu-me construir uma pequena rede de aproximação com outros moradores. Através da constante ida a campo, pude começar um acercamento com moradores antigos do bairro e, também,

perceber até que ponto existe ou não uma centralidade na maneira como os habitantes vivem ou não a Vila do IAPI.

Paralelo a isso, sobre a orientação do BIEV, procurei, através de um percurso nos acervos e nas imagens antigas do bairro, aproximar-me dessas histórias e narrativas que Lino e seus clientes me narravam. Foi por meio destas imagens que pude entender como algumas das relações também se estabeleciam no bairro e montar algumas redes de pesquisa a partir da padaria do “Tio Lino”. No dia em que levei fotos antigas que retratavam a entrada do IAPI no começo de sua construção, Lino se comoveu de uma forma muito grande. Dentre as fotos que lhe dei como um presente, havia uma do discurso de Getúlio na inauguração do IAPI que fez Lino prontamente se lembrar da primeira padaria que seu pai comprou, em sociedade com outro senhor, Seu



Manoel. Chamava-se padaria Porto Alegre e estava localizada acima do primeiro prédio da entrada da Vila, que era do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários. Lino conta que no local também havia uma casa de carnes, e disse que no discurso do então presidente já previa que o IAPI seria um lugar de gente “decente e trabalhadora”.



Quando mostrei a imagem do que imaginava ser a Caminhonete Rodrigues, um dos primeiros meios de transporte que ligava o IAPI ao centro da cidade, Lino me corrigiu e me disse que esta linha da Rodrigues não passava na Assis Brasil, mas sim na Plínio Brasil Milano. A linha da foto provavelmente era a Alvorada, que tinha baldeação na Assis Brasil para ir até a volta do Guerino, próximo da região. Ao ver a foto de um antigo bonde, Lino se animou e me contou da linha, sem

muitos detalhes, e me mostrou que as fotos poderiam ser “unidas”, e cada uma tinha uma perspectiva.

Sobre a foto da antiga quadra em construção no IAPI, disse que não lembrava muito e me orientou a falar com outros moradores. A todo o momento Seu Lino me indicou clientes que conhecia e pessoas que ainda não estavam esquecidas, doentes ou mortas para fazer entrevistas. Uma das possíveis interlocutoras que foi indicada por ele foi Doris Russo, que mora com o irmão (conhecido como Zé Russo) no IAPI, há mais de 50 anos. Infelizmente, muitas desses possíveis laços na etnografia não deram certo, e posteriormente mostrarei como construí, através de Lino, uma pequena rede social de moradores do IAPI.

No mesmo dia em que apresentei estas fotos, pude conhecer Dona Manuela, uma antiga moradora do bairro, que me contou sobre a demora na espera pelos imóveis novos. Neste mesmo dia, Lino descobriu que o açougue comprado por seu pai pertencia ao tio de Manoela. Sempre que um morador novo aparecia, mesmo sem saber se este estaria disposto, Lino me apresentava, e todos sempre acabavam me falando de suas chegadas e vindas ao bairro, das mudanças no local e de como ocorreram os diferentes processos de ganho e perda dos imóveis.



Há, na experiência de diversos moradores, assim como na de Lino, um jogo entre as mudanças que o bairro sofre e a dinâmica da cidade em que está inserido. O seu campo de possibilidades, seus jogos da memória e sua permanência e duração dentro de uma memória local e coletiva estão constantemente sendo rearticulados através de sua narrativa.

Ele assim, ele sempre foi um homem de origem portuguesa, daqueles assim autoritários, então a gente sempre foi criada para o trabalho. Aí graças a Deus eu tive uma boa escolaridade no colégio São João, entendeu, cheguei a me formar, no segundo grau, e daí fiz faculdade de ESEF, de Educação Física, mas não cheguei a concluir o curso porque eu me casei, e eu tinha um negócio, e o pai fez uma proposta pra mim, de eu sair de funcionário para proprietário, porque ele estava cansado, já com uma determinada idade, e aí assumiu em 1977 eu e meu irmão, assim, como proprietários do estabelecimento, mais ele junto. Porque ele adquiriu a outra parte do sócio dele, que se chama Manoel Luiz Parente Meichedo. Aí o Seu Manoel não quis mais ficar aqui de sócio com meu pai, entrou no lugar aqui eu e meu irmão. E aí ficamos aí juntos desde 77, entendeu, e ficamos até 2009. Aí ele cansou, não quis mais porque a padaria tava muito quebrada, quebrou, e aí não tinha mais recursos, entendeu, e eu fiquei aí assim pra tentar reerguer ela de novo.

*O senhor disse que a padaria era ali na frente, na entrada do IAPI.*

Não, lá era outro negócio, eles tinham outro negócio. Eles tinham a padaria porto-alegrense, que era na entrada da Vila do IAPI, ele e o Seu Manoel. Como lá o prédio não era de propriedade deles, na ocasião, em 1956, porque primeiro foi adquirido lá. E aí o proprietário do prédio queria o prédio de volta, aí então surgiu esse negócio aqui no IAPI, porque aquele prédio lá da Assis Brasil não pertencia ao IAPI, ele era do outro lado da rua, conforme fotos que tu viu, ali coisa e tal, aquele prédio ali não pertence ao IAPI. O IAPI começa da praça Conego Benevenuto em diante, ao lado. Antigamente a Assis Brasil era duas mãos, do número 740 ao número mil cento e poucos era duas mãos. Então, ao lado direito da Assis Brasil, é o que era, que se formou a Vila do IAPI, o lado esquerdo não pertencia à Vila do IAPI. Então com medo do proprietário lá tiraram ele dos negócios, eles adquiriram esse aqui, mas depois houve um acerto lá, e eles ficaram e ficaram com os dois negócios.

Esta narrativa de Lino se apresenta diante do pesquisador como uma das muitas pistas desse jogo da memória. Essa ambiência trazida por Lino de um bairro que era eminentemente voltado para o trabalho também me apontava para as rupturas e as contradições desse tempo estendido, que faz com que as narrativas na cidade e sobre a cidade através da experiência de bairro e vizinhança sempre se articulem em uma tríplice mimese (Ricoeur, 1994) entre passado, presente e futuro.

Temos, portanto, através de uma série de lembranças e histórias de Lino e de suas conversas cotidianas com seus clientes, uma maneira de interpretar essa memória e o imaginário de um bairro que cresce voltado para o trabalho, mas que com o tempo se refigura

por meio de uma dinâmica microsociológica das práticas cotidianas (De Certeau, 1994), em jogo constante com as rítmicas macrossociais de planejamento e desenvolvimento urbano.

E deixei a faculdade lá, assim, que hoje eu poderia estar aposentado tranquilamente, e não estaria tão gordo, que eu “taria” magrinho, porque eu pesava 62kg quando tava na coisa, hoje eu peso 120, então, é uma série de coisas assim, mas tem as partes boas. Muita churrascada aqui, muito peixe, muitos assados a gente fez, hoje não faz mais, assados de fim de ano, porque as coisas ficaram mais modernas, e a gente trocou o forno pra esteiras, então, não tem aquele forno grande. Mas já chegamos a assar aqui cerca de 100, entre chester, perus e leitões, por Natal e Ano-Novo, assim, mais de cem unidades.

Tive muitos problemas aqui assim com assalto, já tive, levei três tiros assim, já tirei o revólver de um elemento aí assim, não matei o cara porque graças a Deus o revólver dele não funcionava, e tal, e teve os percalços, mas a maior parte das coisas é tempo bom. Lido com famílias que têm, assim, filhos problemáticos, entendeu, alcoólicos, e com drogas, respeito eles todos, tento dar algum conselho, algum incentivo, alguma coisa, mas é assim, uma situação difícil e delicada, entendeu, essa coisa. Fico assim, muito chateado, porque vi às vezes as pessoas nascerem, entendeu, e tem outros também assim que dão orgulho pra gente, e saem assim daqui, formados, tem dois, três que são, se formaram médicos aqui da Vila do IAPI.

Estes relatos sobre uma longa duração do IAPI envolvem não só momentos de alegria, mas, assim como afirma Gaston Bachelard (1994), em sua dialética da duração, rupturas e momentos de crise, fundamentais para a articulação de uma memória do ser pleno. No nível etnográfico, é possível perceber como Lino tem uma posição central no bairro, e como ele foi fundamental para que a pesquisa se desenrolasse.

#### **2.4 A construção de uma rede de pesquisa e a inevitável força das relações públicas na cidade**

Dentre tantos desafios da pesquisa nas cidades, um dos que mais se apresenta como gritante para o antropólogo que tem como *lócus* privilegiados as relações sociais nas sociedades complexas é a criação e aproximação de uma rede de pesquisa, o estabelecimento de um laço na e através da sociabilidade no espaço público. Diante disto, o obstáculo principal desta pesquisa, a partir dos relatos de Lino, foi encontrar nestas redes possíveis falas

e interlocutores que pudessem expressar, por meio de suas narrativas, impressões sobre o bairro e memórias sobre o tempo cindido da metrópole moderno-contemporânea de Porto Alegre.

No dia 18 de setembro, quando levei as fotos para Lino, conheci alguns personagens interessantes para montar essa rede de pesquisa de bairro, essa etnografia de passos perdidos. Enquanto Lino conversava com Salim, um de seus clientes mais fiéis e que mais bebiam, Seu Zé Russo se aproximou. Indicado por Lino para que eu realizasse uma entrevista, Zé tem a voz rouca e grossa, uma cara que levava algumas marcas do tempo, uma estatura média e uma barriga avantajada. Os poucos cabelos que tem já estão todos grisalhos, e reforça a fala de Lino ao dizer que gosta de tomar um “mé” com Salim.

Na tentativa de me ajudar, Lino perguntou a Zé se ele sabia onde fica atualmente a quadra Q46, identificada em uma das fotos, e a conversa segue o tom de admiração sobre o tempo antigo, passa pelas linhas de bonde e trem, e sempre retoma começo do bairro. Além de Zé, Lino também pediu ajuda ao dono do minimercado ao lado para tentar distinguir o local onde a foto foi tirada.

Quando pergunto desde quando mora no IAPI, Seu Zé me responde que já fazia farra nas ruas do bairro desde pequeno, pois seus pais se mudaram quando ele tinha apenas 2 anos, e que não adiantava nada sair do IAPI, pois todos acabam sempre voltando. No começo, morou na Sobradinho, a rua que possui somente casas, e só depois foi para sua residência atual. Antigamente, como me contou, o bonde da fotografia ia até a vila São Cornélio, depois de fazer a baldeação no IAPI. Lembra com Lino que pegava o ônibus na década de 1960 para ir até o cinema Rei. No meio das narrativas informais, a todo momento, lembrei-me das narrativas sobre sociabilidade masculina e itinerários na cidade de Porto Alegre.

Além do cinema, Zé Russo recordou-se do depósito de tinta que havia no início das construções dos prédios e casas do IAPI. Contou-me que eram grandes piscinas onde se misturavam as tintas, e por isso todas as tonalidades do bairro são parecidas. Seu Zé lamentava recorrentemente a bagunça que se tornou o IAPI, principalmente no aspecto arquitetônico. Com o tempo, comecei a perceber que este era um tema comum entre os moradores. “É só ver o samba-canção que é tudo isso hoje em dia”, como fala Seu Zé, para se dar conta de como o bairro mudou.

Segundo Zé Russo, o que estraga o lado bom do bairro é a restauração da pintura que é feita, segundo ele, “de qualquer jeito”, e o uso do recuo dos jardins como garagens. Dentre tantos casos, Zé me deu o exemplo de seu vizinho, que consegui fechar uma das vielas que

ligavam algumas ruas para aumentar sua garagem e seu pátio. À época, a prefeitura não deu muita importância para isso, e ele mesmo foi procurar a planta baixo do terreno de sua rua para saber se o projeto era possível e estava dentro das normas legais.

Algumas semanas depois, em outro momento em que eu estava à frente da padaria com Lino, fui apresentado à Rosa, moradora do IAPI há mais de 30 anos. Aparentando ter cerca de 50 anos, Rosa caminha com dificuldades devido a uma prótese que possui em uma das pernas, e está sempre sorridente. Rapidamente, se prontifica a me “ajudar” na pesquisa, e me conta que não sabe se pode me dar boas “informações”. Rosa me deu a impressão de ser alguém com uma empatia enorme pela minha figura de pesquisador, e também me pareceu ter uma trajetória muito singular, e ao mesmo tempo comum para alguns moradores do bairro, dos quais Lino já havia me avisado. Muitos vieram com pais, tios, e tiveram ou quiseram sair do bairro. Por algum motivo, Rosa voltou e até hoje diz que não mudaria de novo de lugar.

Assim como muitos dos moradores que conheci durante o trabalho de campo e tive a oportunidade de conversar, Rosa chegou ao IAPI devido a algum familiar que trabalhava na indústria e tinha possibilidade de alugar um imóvel no bairro que começava a surgir. Antes de se mudar efetivamente para o bairro, Rosa já o conhecia através de seu tio, o primeiro da família a entrar para a lista de moradores do IAPI.

O meu tio ele era industriário, né, e ele comprou a casa quando eles abriram, quando eles começaram a vender, não tava nem terminado aqui o IAPI, e ele comprou, né, comprou com as facilidades, assim, de ser industriário. Porque a Vila do IAPI é exatamente isso, né. Na época, existiam os Institutos de Aposentadoria, o Instituto de Aposentadoria de Pensão dos Industriários, o IAPTEC que era dos Técnicos Comerciais, se não me engano, e outros “IAP-alguma coisa” que eu não me lembro, né, não existia o INSS padronizado. Então, ele comprou, eu não sei exatamente como funcionava, mas era um, era junto com o Instituto de Aposentadoria mesmo. A verba eles distribuía pra essas coisas, pra compra de casa própria, eles auxiliavam assim os industriários mesmo, né. E foi assim que meu tio comprou a casa, né.

Então acho que eu vou começar falando de quando eu conheci o IAPI, assim, de quando eu vinha pra cá, né, isso há uns quarenta e poucos anos atrás, 40, 45 anos, que a gente vinha de Petrópolis, tinha que pegar dois ônibus, né. Pegava um, depois descia, não lembro exatamente aonde, para pegar o ônibus IAPI. Que ali na altura da Carlos Gomes, era tudo um morro descampado ainda. Tinha uma boa parte ainda, toda aquela parte que hoje é o Zaffari Higienópolis, tudo ali, nada tinha, era tudo descampado mesmo. E o IAPI era meio, era

meio um lugar distante assim, né, era mais pra operário mesmo. E o meu tio tinha uma casa, ali na São Jerônimo, uma outra rua, e a gente vinha pra cá pra passar fim de semana assim, né, que era uma loucura. Ou vinha bem cedinho de manhã, pra passar o dia, porque era complicado de chegar, era complicado de ficar, e tal.

Então, comecei conhecendo o IAPI nessa época. Aí depois, uns 3, 4 anos depois a gente se mudou pra cá, né. Aí eu comecei a estudar no Dom Bosco, que era na subida ali. A gente morava onde hoje é a biblioteca, ali atrás tem uns prédios, a gente morava ali. Na época, ainda não tinha biblioteca também, né. Alí era o que a gente chamava de “as tendinhas”, que eram umas construçõeszinhas assim pequenas. Numa vendia linguiça e queijo, na outra vendia cigarro, na outra vendia bebida, então, eram lugares pequeninhos, assim, né, e que a gente chamava de tendinhas, porque pareciam exatamente tendinhas. Que era o fim da linha da primeira Kombi, que hoje é Lotação, né, da primeira “Kombi” IAPI, que também era ali.

Estas falas de Rosa apontam também para uma experiência de morar muito ligada às transformações do lugar, ao que é vivido no cotidiano e às relações que se estabeleciam através de um parente que possivelmente se tornaria vizinho.

As transformações no bairro e no ambiente dessa vila operária articulam-se dentro de uma metanarrativa sobre os equipamentos urbanos e a relação deste bairro com o centro da cidade. Há um crescimento visto por vezes como benéfico e por vezes como resultado de uma ação que não privilegia antigas paisagens e hábitos da cidade, conforme me conta Rosa.

É porque o IAPI era bem uma coisa distante, e a própria história vai fazendo, né, vai construindo, a partir da Plínio ali, praticamente do outro lado da rua aqui que não tinha nada, e foram construindo, foi se ampliando, né, e toda a Assis Brasil, que não era coisa nenhuma, e a partir do Febernati, que eu acho que foi o marco, assim, foram se abrindo outras lojas, e outras ruas, e foi crescendo o IAPI, e a própria condução. Quando eu era pequena eu vinha uma parte de bonde, depois pegava o ônibus, depois pegava um outro ônibus pra chegar no IAPI, né, ali, em Petrópolis, que o Carlos Gomes hoje para aqui em cima, né, quer dizer, tudo foi crescendo, todo o entorno do IAPI. Assim, acho que, há bastante tempo já, quem mora aqui dificilmente vai pro centro, porque tudo tem aqui, tudo está aqui. É difícil a gente precisar de alguma coisa que nos leve até o centro. Comprar passagem na rodoviária, tem posto de passagem aqui. Comprar coisas com o mesmo valor que tu encontra no centro, tu encontra aqui na Assis Brasil, na lojinha, na moca do não sei o que. Acho que os donos foram mudando mas as lojas continuam, acho que heroicamente ainda continuam pequenas e interessantes. Essa outra, esse outro lado, pro lado de cá do IAPI também, que foi se abrindo. Ali onde é o Bourbon Assis Brasil, ali, era o Figueiras, o que não era indústria era fábrica, assim, né, que a gente passava, tinha pouca casa, pouco prédio, e isso

foi crescendo. As próprias fábricas, indústrias, foram deixando de acontecer dentro da cidade e foi virando prédio, virando construção, né.

Pro lado de lá da Assis Brasil, até onde, onde, perto do hospital Conceição, ali era fábrica da Wallig fogões, né. Era um baita de um terreno, que hoje tá sendo construído um shopping também, né. E outros prédios já foram construído em partes do terreno que já foram vendidas. Então esse crescimento doido, d'eu olhar pra cá agora, e ver um prédio de 18, não sei quantos andares, porque antes a gente andava e olhava só via os telhadinhos das casas e da Vila né, e hoje a gente não tem mais esse olhar, todo o redor, ao redor do bairro. O que é uma vantagem, porque a gente já não precisa ir pro centro, né, mas ao mesmo tempo, assim, dá uma certa saudade do espaço que se tinha, né.

Essa ambiência de uma outra cidade, diferente de tempos distantes, também se apresenta de diversas formas no IAPI. Pelas caminhadas nas ruas e em conversas informais com alguns moradores, há uma contradição entre a possibilidade ou não de se mexer nos prédios e nas fachadas dos edifícios. Essa contradição, inerente ao cotidiano, conforme aponta De Certeau (1994), é o que faz de um bairro como o IAPI um espaço cada vez mais complexo de investigação antropológica.

Todas estas múltiplas relações com o espaço fazem do local narrado um local repleto de experiências cotidianas e projetos individuais. Antes de chegar a uma “topo-análise<sup>33</sup>” (Bachelard, 1984: 33), é possível compreender de que maneira os espaços, as paisagens e os locais do IAPI entram nessa dialética de um imaginário da morada e na memória destes valores ligados ao trabalho e à cidade. A situação e a relação com a paisagem, a experiência do local através da memória, desvelam-se aos poucos nas análises de entrevistas e na constante reflexão sobre os diários de campo, como aponta Roberto Cardoso de Oliveira (2000).

Rosa, quando questionada sobre a sua permanência no IAPI, relata uma relação entre as diferentes gerações e o abrigo da cabana, como narra Bachelard (1994: 25), a casa que “protege o devaneio, nos permite sonhar em paz”:

Muita gente. O pessoal da minha faixa etária, perto dos 50 anos, tudo é pessoal que tá voltando, ou já voltou pra cá. É como eu disse, em função disso, quer dizer, nossos pais acabam ficando idosos, aposentados, precisando de um atendimento, né, e a gente

---

<sup>33</sup> Segundo Bachelard, a topoanálise estuda as nuances dos espaços diversos da morada. Para o filósofo, ela não registra o tempo em sua duração concreta, mas é pelo e no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências.

inevitavelmente a gente volta pra cá. Aí, surgem essas construções, né, como a minha, pra ficar perto dos familiares, acabam construindo uma pecinha e tal, e ficando. O pai morre, a mãe morre, e acaba ficando na casa maior, né, vamos dizer assim.

Outra característica do IAPI que é bem interessante é quando eu vinha pra cá, quando eu morei que era adolescente, não tinha garagem, não tinha muito carro, né, o pessoal não tinha o hábito do carro. E aí, claro, a mudança da época começou a forçar as pessoas a criarem garagem. Então, por isso também, muitas casas têm garagem na frente, né, os carros ficam na rua num toldinho e tal, porque não tem lugar pra garagem, ou então essas pequenas construções, assim, que o pessoal enfia o carro, é só o carro ali, porque era o tamanho do pátio que tinha, né.

Esta casa, como nos ensina Bachelard, essa morada imaginada, abriga a dialética entre o interior e o exterior, do aberto e do fechado, do ser e do não-ser. Há sempre, no homem, essa hesitação entre o aberto e o fechado, do entreaberto.

Eu acho que não tem bairro tão arborizado como tem aqui. Aqui não tem um lugar onde tu caminhe aqui que tu não encontre árvores e árvores e mais árvores. Às vezes até árvore demais, né, arriscando cair árvore por aí. Mas, assim, não tem meia quadra que tu caminhe aqui que não tem árvore plantada, árvore plantada da época, né, árvore plantada da atualidade, que a própria vizinhança se encarrega de fazer essa manutenção, né. Toda essa parte aqui da Industriários, que não tinha árvore, a gente ajudou a plantar, né. O vizinho aqui do prédio do lado saiu a catar muda de árvores pra plantar, a gente dava as mudas pra ele, e ele se encarregava de plantar.

Arrisco-me aqui a afirmar que essa valorização do bairro é também parte de uma valorização de um espaço onírico da morada, dessa relação entre o interior e exterior, que vai, aos poucos, exigindo uma modificação e uma consolidação de instantes no tempo.

Para além do nível metafísico, e adentrando em uma análise das práticas sociais, é importante pensar no que De Certeau fala a respeito de um espaço caracterizado por

cruzamento de móveis, efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais (De Certeau, 1994: 202)

O espaço, para este autor, nada mais é do que um local praticado, onde esse jogo entre o local e o espaço é sustentado pelos relatos, por uma “enunciação pedestre” (De Certeau, 1994: 176). Este relato, como demonstra De Certeau, não cansa de colocar e situar fronteiras,

ao mesmo tempo em que cria ligações, pontes através da interação. Esse relato de um espaço, de um local entre a morada e o ser, é mais uma das muitas operações cotidianas que dão sentido ao mundo em que vivemos, é uma ação narrativa que realiza o sentido do ser no mundo. Lino, no mesmo tom de Rosa, fala sobre sua experiência de infância ao narrar os limites das práticas e as nuances de um tempo que insiste em passar, acomodado pela narrativa:

Tinha, na Dom Pedro II, mais pra cima um bocadinho, uma coisa que chamava Departamento Estadual de Abastecimento de Leite, chamava-se DEAL. Ali, nós muitas vezes íamos, assim, pra ver os caminhões chegarem do interior, com leite *in natura*, entendeu, e nós víamos, a gurizada ali da rua em volta, a fabricação do queijo DEAL, a fabricação da manteiga DEAL, e do leite que vinha em litro de vidro, naquela época, então, a gente via aquela fabricação, então, a gente teve um conhecimento, assim, entendeu, mais rústico, né. E aquilo ali era praticamente na Dom Pedro II, hoje é o centro da cidade, ali, assim, chamavam “entreposto” de leite, né. E tinha muitas coisas, e eu tive uma infância muito boa.

Essa cidade aparece aos poucos para mim enquanto revejo fotos antigas, revisito meus diários de campo e vejo as entrevistas realizadas com os moradores do bairro. A escrita, nesse sentido, configura-se, para mim, como uma narrativa sobre essa interioridade do antropólogo na cidade, sobre a experiência de aceitar e interpretar estes jogos da memória, estas enunciações pedestres e estes devaneios do repouso. A aposta da dissertação agora é tentar entender como uma memória do trabalho, das suas práticas e das suas feições aparece não só nestas diversas narrativas, mas também através de um projeto coletivo de nação e políticas que dialogam, interferem, e são também modificadas pela relação entre a cidade e seus habitantes.

Para este desafio, será fundamental antes de tudo mostrar ao leitor como o espaço do bairro, um local de práticas cotidianas e de diferentes nuances de sociabilidade, foi se apresentando diante do trabalho de campo.

### **Capítulo 3 – Algumas formas de sociabilidade e as diferentes redes geracionais no IAPI**

Como já foi dito no começo desta dissertação, realizar uma etnografia em um espaço geograficamente e simbolicamente tão amplo como a Vila dos Industriários se tornou, no decorrer do trabalho, um grande desafio. Para dar conta desta tarefa, a sugestão seguida foi acompanhar e construir, de acordo com os relatos e indicações dos próprios moradores, uma rede social.

Nas entrevistas realizadas em campo, e nas redes que serão descritas abaixo, os interlocutores insistiram e reforçaram a ideia de que morar ou trabalhar no IAPI é mais valioso por ser um bairro em que todos se conhecem, arborizado e tranquilo. Um local onde as pessoas podem se relacionar com diversas gerações, um local para o qual todos sempre querem voltar. Através da experiência etnográfica no IAPI, percebi aos poucos que alguns valores comuns são sempre colocados em voga para este jogo de reputação e reconhecimento.

Qual é, então, o valor em jogo nestas trocas de mensagens cotidianas? No IAPI, junto aos entrevistados adultos com quem interagi, os termos comuns postos à frente de conversas e interações cotidianas giram sempre em torno dos valores do trabalho, envelhecimento e da moradia.

Outro debate que enriquece muito a discussão que se faz presente é pensar o estudo de redes sociais como uma forma de lidar com as dicotomias como público e privado, individual e coletivo. Foi através de uma rede orientada por Lino que pude conhecer outros moradores

do bairro a fim de investigar outras maneiras de tratar política e socialmente as mudanças impressas pelos diferentes ritmos temporais da cidade.

A etnografia foi, aos poucos, mostrando espaços diferentes de sociabilidades, e fui, por meio da construção destas redes sociais, mapeando estes outros espaços de sociabilidade e de vivência no IAPI, com vistas a expandir as redes etnográficas e interpretar a duração da Vila dos Industriários sobre o ponto de vista de outros moradores.

Não de maneira surpreendente para mim, os dois principais grupos que pude me aproximar de forma mais íntima foram de moradores mais velhos. Quase que ao mesmo tempo, e intermediado por uma série desses agentes governamentais, conheci senhoras que faziam ginástica para terceira idade em uma sala da biblioteca pública do bairro, e que obviamente tinham suas trajetórias ligadas à história e aos acontecimentos que influenciavam as mudanças que aconteciam no local. Em outro ponto, conheci e me aproximei de senhores que, religiosamente, toda tarde, praticavam suas “bochadas” na cancha do parque<sup>34</sup>.

### **3.1 A vida no bairro e as relações geracionais**

Durante esta primeira etapa do trabalho de campo, via e escutava, de longe, as atividades culturais na Associação de Moradores do bairro e ao redor do parque Alim Pedro. Conhecido como um grande centro dos jogos de futebol amador, o parque também aparecia constantemente nos relatos de Lino, Luiz Fernando, e nos textos de jornais e revistas antigos. Era comum, no meio de minhas pesquisas de acervo, ver o parque como um espaço que caracterizava e dava ao IAPI um status de local diferente e que, seguindo as ideias da cidade-jardim já discutidas anteriormente, estava no centro da Vila.

A biblioteca, da mesma maneira, fica à frente do parque, no outro lado da principal avenida do IAPI, a Avenida dos Industriários. Mesmo no meio de grandes árvores, em uma praça com muito verde, a biblioteca do IAPI nunca havia me despertado muito interesse enquanto um espaço de sociabilidade e um local para se interpretar a memória do bairro, mas foi a partir de Rosa, com quem tomei contato por meio da rede de Lino, que comecei a lhe conceder a devida atenção.

---

<sup>34</sup> Bocha é uma prática esportiva muito comum no Sul do Brasil, que pode ser disputada individualmente, em trios ou equipes de quatro jogadores. O esporte consiste em lançar bochas (que são as bolas) e situá-las o mais perto do bolim (bola pequena), lançada no começo de cada rodada. O adversário, por sua vez, tentará colocar as suas bolas o mais perto do bolim, ou remover as do oponente.

Certamente há também nesta duração da sociabilidade e do uso do espaço público uma preocupação com a utilização de um espaço verde e de uma infraestrutura capaz de suprir o bairro, presente nas ideias dos planejadores do local, tendo em vista que a cidade, à época da construção da Vila, começava a crescer em grandes proporções. O texto abaixo mostra um trecho escrito no jornal O Nacional, de Passo Fundo, quando visitou o conjunto em sua elaboração:

A obra de vulto, patrocinada pelo IAPI é a Vila dos Industriários, em Porto Alegre que deverá abrigar, confortavelmente, nada menos de 15 mil pessoas e que é algo de verdadeiramente expressivo e alentador, nesta época de 'aberturas' de toda a sorte, notadamente nos grandes centros, como o da Capital gaucha.

Mais ainda: esse conjunto residencial, como já dissemos na aludida reportagem, foi projetado de maneira a prever tudo o que possa ocorrer em matéria de conforto. Nada lhe faltará, desde o mais moderno Grupo Escolar do Estado, já em pleno funcionamento, com capacidade para 1.000 alunos, até a praça do esportes, cinema e outras diversões.

Não resta dúvida em que o Instituto do Aposentadorias e Pensões dos Industriários é algo de milagroso e alentador. A sua obra é ingente. Seus benefícios não podem ser avaliados senão por expressões superlativas. (Mendes, 1952: 44)

Seguindo a colocação de alguns autores<sup>35</sup>, os espaços de associação e encontros dos bairros são fundamentais para se entender as dinâmicas das práticas sociais e dos valores em jogo nas trocas dos moradores, mas nunca havia dado muita atenção, por ainda estar muito preocupado com a rede de Lino e com suas intermináveis estórias.

As pistas para conseguir mapear outros espaços e redes de sociabilidade do IAPI se consolidaram na entrevista que havia feito com Rosa. Enquanto conversávamos sobre essa vida em comunidade que poderia ou não ser uma das características do bairro, Rosa me contou sobre a relação dos moradores com a Associação de Bairro.

Quer dizer, tem a Associação dos Moradores, mas o pessoal não tem muito interesse, assim, não tem, não paga mais, a comunidade já vive de aluguel, algumas coisas a prefeitura sede. Por exemplo, professor de Educação Física para terceira idade, pra dar aula de Atividade Física, mas eles precisam de local, porque nem sempre dá pra fazer. No inverno não dá pra fazer no campo, né, então aí antigamente a AMOVI fornecia o espaço. Aí de uma hora pra outra começou a cobrar. Era um valor simbólico, mas já era um valor que tinha que

---

<sup>35</sup> Dentre tantos, é possível citar a exemplar etnografia de Alba Zaluar (1994), nos espaços de sociabilidade da Cidade de Deus, a de Olavo Marques (2006) nas reuniões com líderes comunitários e também a de Claudia Fonseca (1989).

sair do bolso do pessoal. Depois esse valor simbólico foi crescendo, e aí cresceu tanto que, do ano passado, retrasado, pra esse ano, aumentou 100%. Então o pessoal acabou indo lá pra outra Associação dos Moradores, mas aí a distância acabou fazendo com que o pessoal fosse desistindo. Então tem algumas ações que a gente ainda tem o apoio, mas que o próprio bairro não dá continuidade, por situações alheias, assim. Também a gente tinha ioga, dentro da biblioteca, aí cresceu bastante e tentaram mudar o lugar, aí já não deu, já não funcionou, aí a prefeitura acabou tirando o professor que tinha, ou então, não pagando, né, então acabou também se diluindo, assim, né. Sei lá, acho que até é do próprio bairro, assim. O pessoal que tem idade não quer mais ir, e o pessoal que tem idade pra aproveitar não tem tempo, porque trabalha, né, então, é meio complicado isso.

Além destas indicações que me traziam constantes dúvidas, a relação com Lino e a “estratégia” de ficar na padaria para acompanhar o movimento também não estavam rendendo muitas interações em campo. Durante estes primeiros meses, consegui me aproximar de diversos moradores, mas não estreitei as relações. Um deles, que conheci no dia em que entrevistei Lino e me contou diversas histórias sobre o carnaval na Vila e sobre sua carreira como radialista, acabou tendo problemas de saúde e não pôde me encontrar nas duas oportunidades que tínhamos combinado. Outro, que conheci logo nos primeiros dias da padaria, não voltou mais ao estabelecimento devido a problemas que teve com um de seus cheques – não vivia uma situação financeira muito confortável. Certamente estas dificuldades da pesquisa nas cidades são elementos marcantes dos estudos etnográficos, pois definem alguns de seus rumos e colocam o pesquisador sempre em vigília. Para além de estranhar o familiar, como coloca Gilberto Velho (1979), há também a necessidade de saber lidar com estas dificuldades e nuances<sup>36</sup>. A decisão de tomar o rumo da biblioteca, além de me apontar para novas possibilidades de interação em campo, também ocorreu em função de uma tarde em que outro possível interlocutor apresentado por Lino, Seu Milton, contou-me que não tinha condições de falar sobre sua vida no bairro, devido a algumas reformas e problemas que estava tendo em seu apartamento.

---

<sup>36</sup> Para além disso, ainda é possível verificar em uma obra posterior de Gilberto Velho e Karina Kuschnir (2003) diversos casos e pesquisas etnográficas que relatam diferentes nuances destas dificuldades e dos desafios das pesquisas em solos urbanos.

### 3.2 As moças da ginástica e a sociabilidade feminina

Como me disse Rosa, a biblioteca estava no bairro devido a uma demanda dos moradores nos encontros do Orçamento Participativo. Cercada de árvores, pequena, com grades vermelhas nas janelas e na porta principal, no centro de uma praça, a biblioteca é toda construída com tijolos à vista, mostrando que sua idade é bem menor que a dos prédios que estão à sua volta.

Chegar neste novo espaço foi marcante na etnografia. Foi na biblioteca que eu conheci senhoras que moravam no bairro por motivos diferentes e tinham suas trajetórias específicas ligadas ao trabalho na cidade. Uma nova rede foi se montando aos poucos, e novamente o uso da máquina fotográfica enquanto um instrumento de aproximação e reconhecimento do espaço foi importante. Primeiro, conheci Edna, bibliotecária e responsável pelo espaço. A partir dela, conheci a biblioteca e as imagens de Nick, um fotógrafo antigo que tinha seus registros expostos nos corredores do local. Havia uma relação diferente com a prefeitura e com as pessoas que a representavam através de cargos e postos



dentro do parque, da biblioteca, da Associação de Moradores.

Foi por meio dessa rede da biblioteca que conheci Solange, professora de educação física e coordenadora das atividades no Alim Pedro. Ela acabou me apresentando para os “meninos da bocha”. Solange, assim que nos

apresentamos, perguntou se eu era apenas “mais um historiador” pesquisando o bairro. No meio das conversas entre senhoras, em um burburinho de sorrisos e piadas com relação à minha presença com a câmera fotográfica, tento explicar a Solange sobre as diferenças entre o trabalho em Antropologia, mais especificamente a pesquisa de campo, e o ofício do historiador. Sua resposta também me impressionou: questionou se era algo na linha de De Certeau e sua “Invenção do Cotidiano”.

Certamente, entrar em um novo espaço etnográfico é também construir uma nova relação a partir da alteridade. Naquele momento, tive de tentar sempre me colocar como alguém que estava mais interessado nas narrativas e no cotidiano destes moradores do que propriamente em achar uma fonte histórica para comprovar minhas hipóteses. Foi neste espaço que pude me dar conta dos riscos do “lado não-respeitável do trabalho de campo”, como afirma Teresa Caldeira (1981). Segundo destaca a autora, é preciso sempre tomar cuidado para traçar os limites entre o ofício do antropólogo e a visão de um assistente social ou jornalista.



Além da postura e das questões que eu levantava para aquelas senhoras, o que me colocava numa posição de pesquisador era a máquina fotográfica que carregava comigo e que, como em outros momentos no bairro, permitia-me uma aproximação com alguns moradores. Assim que fui apresentado às senhoras, já tornei-

me, bem como a possibilidade de tirar fotos delas em posições não muito respeitáveis para seus filhos, alvo de piadas. A experiência de uma sociabilidade feminina era nova para mim. Ao contrário das jocosidades masculinas que havia presenciado nos campos de futebol amador em Porto Alegre, havia aqui uma relação de gênero e geracional que tinha outras formas de se expressar.

O grupo de senhoras em questão era formado por aproximadamente 12 mulheres, entre 40 e 70 anos, de diversos endereços do IAPI. Como não havia regularidade durante as sessões de alongamento, dança e ioga, poucas chegaram a estabelecer relações mais próximas comigo. O espaço era



diferente dos campos de futebol amador que frequentei durante minha pesquisa de graduação, e as formas de sociabilidade também se estabeleciam de outra maneira. A palavra, a conversação e o conflito (Simmel, 1983) continuavam sendo a substância, expressa de outras formas e maneiras por estas senhoras.



As conversas dessas senhoras giravam sempre em torno de doenças, acontecimentos noticiados na TV e as ações comunitárias que eram feitas no bairro. Em um dos encontros, o assunto principal eram os bailes que aconteciam na Associação de Moradores do IAPI, e as possibilidades de diversão ou não. Segundo muitas delas, o bom dos bailes sempre são as conversas e os encontros com as vizinhas, já que os homens só bebem e não querem saber de dançar muito. Os casais que dançam, e são poucos, normalmente cansam e vão para casa um pouco mais cedo<sup>37</sup>. Em outro momento, participei de conversas sobre a tragédia das casas desabadas na serra carioca, além da caixinha de economias que era feita para comemorar os aniversários no final do semestre de aulas. Uma das senhoras que conheci, mas que não morava no IAPI há tanto tempo quanto os outros habitantes que eu já tinha tido contato no bairro, foi Ilda Borgueti. Ilda é uma italiana falante e alegre, que não se cansa de me dizer, em alto e bom tom, que eu tenho que colocar no meu trabalho que o IAPI é o bairro mais bonito, mais arborizado e com as melhores pessoas. Dona Ilda veio para o IAPI há cerca de 20 anos e diz que criou o neto, hoje no exterior, do lado de boas pessoas. Há também outras senhoras que conheci, como Neusa, moradora do bairro desde os 8

<sup>37</sup>Conforme aponta Cláudia Fonseca (2004: 163), as relações de alteridade e gênero em bairros populares giram em torno dessa honra masculina e das estratégias das mulheres para lidar, através do humor, com estas relações simbólicas de afeição nos espaços dos bairros.

anos de idade, quando veio com o pai. Ela sempre organiza as festas e arrecadações do grupo, assim como Mariza, outra senhora mais velha, que não me permitiu muita aproximação, mas me disse que mora no local desde sua adolescência.

A senhora com quem mais tive contato, e acabou se tornando o centro da rede, foi Sueli. Moradora do bairro há mais de 50 anos, ela gosta de conversar e de saber sobre minha pesquisa. Sempre que a encontrava, ela me fazia perguntas e elogiava as fotos que havia feito durante as aulas, indagando se eu não poderia fazer um “photoshop” nas imagens para que elas fiquem parecidas com modelos. Sueli mais de uma vez me orientou sobre os cancelamentos das aulas, e sobre as ruas do bairro.

Com Sueli pude me aproximar e entender melhor o percurso destas redes de sociabilidade feminina no bairro, além gravar uma entrevista com a câmera de vídeo. Um dos pontos interessantes de sua trajetória social ligada ao bairro é que, ao contrário de muitas famílias que vieram para o IAPI pelo emprego do homem que trabalhava na indústria, Sueli conseguiu o apartamento devido ao emprego de sua sogra, que, assim como ela, trabalhava na indústria de confecção de roupas.



Porque eu me casei, e a minha sogra tinha já tinha esse apartamento aqui, né, aí ela disse que, quando o filho dela casasse, o apartamento era dele. Então nós casamos e viemos morar aqui.

*E a senhora trabalhava...*

Eu trabalhava lá no Renner, na Frederico Mentz.

*Como era, em que setor?*

Na seção de calças pra homens. Costurava, desde aquela época, entrei pra lá com 14 anos, sempre costurando.

*Sempre costurando? Eu achei que a senhora tinha conseguido o apartamento por causa do seu emprego como industriária, porque era só pra industriários aqui, né?*

Não, não, foi a minha sogra que conseguiu. Eu trabalhava lá também, mas foi ela que conseguiu, porque na época ela trabalhava também lá, na cerzidão, nas cerzideiras lá, e aí foi um cara lá oferecer, né, se queriam comprar aqui. Ela não queria, mas aí como eu te falei, né, aquela moça que era



amiga dela disse assim: “Não, a senhora fica como o apartamento, e a gente vai morar lá. Quando a senhora precisar, que seu filho casar, a gente dá o apartamento de volta”. E foi assim que aconteceu. E o apartamento foi certo como ela falou, né, que se fosse outra não ia fazer isso, né. Ainda por cima a coitada morreu aí no apartamento.

Esta narrativa de Sueli, que é mediada pelas relações e feições de uma memória ligada ao trabalho, agencia também elementos do próprio bairro e das experiências individuais de ruptura e crise. Quando lhe perguntei sobre o caso da morte no apartamento, rapidamente ouvi sobre a estrutura do bairro, as qualidades e o conforto de se morar no IAPI.

*A senhora me falou, como foi essa história?*

Te falei né, que ela morreu. Ela pegou, ela marcou casamento e tudo, pegou a irmã dela se beijando com o noivo dela, e aí ela, acho que faltava uma semana só pro casamento dela, ela tomou veneno de rato e morreu. Morreu aí mesmo, enterrada no São João.

*Aquele cemitério aqui em cima é?*

É, bem pertinho aqui de casa. Tem tudo aqui pertinho, né. Tem postão, tem INSS, tem, o que mais que tem, tem cemitério. O ônibus passa aqui na Dom Pedrito, passa na rua aqui. Quando vem do centro ele para ali na Novo Hamburgo, e quando ele vem do fim da linha ele sobe aqui na Dom Pedrito e vai embora pro centro, faz a volta lá na Industriários e vai pro centro. IAPI, tudo tem aqui. Antigamente tinha, tinha o Boa Vista, que passava ali embaixo na 3 Passos, por ali, e a gente pegava, não tinha quase nada aqui, não tinha colégio, escola pública, não tinha o Postão. Faz 53, 54 anos. Eu casei em 58, é mais ou menos isso aí, e não tinha isso aqui, e logo em seguida eles foram fazendo tudo. Meus filhos estudaram aqui no Dom Bosco, estudaram ali no Teodoro Amistad, lá no Gonçalves Dias. Aí depois o Gonçalves Dias, o Dom João Becker funcionava lá no Gonçalves Dias, e aí depois eles fizeram aqui, pra funcionar o Dom João Becker só aqui.

São estas marcas de uma certa distinção de um bairro bom e com uma estrutura urbana que coloca o IAPI em um patamar de lugar valorizado e diferenciado de outros bairros populares da cidade. Assim como em outros relatos, os moradores não só ressaltam a particularidade do lado verde e tranquilo do bairro, como também tentam agenciar um *ethos* urbano que preserve estes espaços típicos do bairro. O quintal de Sueli é repleto de plantas, árvores e ervas que fazem do espaço um lugar verde como as ruas do IAPI. Um dos casos que

Sueli me contou nessa entrevista foi o do Flamboyant que havia no seu quintal e teve de ser cortado, pois estava atrapalhando o encanamento da vizinhança.

Sueli, como outras moradoras do bairro, frequenta espaços tipicamente de sociabilidade feminina. Repensando estas distinções entre a casa e a rua de DaMatta, o uso do espaço da rua por mulheres, separadas de homens, acaba sendo uma das características marcantes que encontrei no IAPI e que, por meio da etnografia, acabaram me levando a um lugar que raramente era frequentado por mulheres, recheado de sociabilidade masculina, com todas as suas nuances de honra, virilidade e jocosidade lúdica.

### **3.3 Os “meninos da bocha”<sup>38</sup> e os fragmentos da sociabilidade masculina na Vila dos Industriários**

Das senhoras que praticavam ginástica para terceira idade na biblioteca, fui levado por Solange até a cancha de bocha, onde senhores de diversas idades compartilhavam o espaço com jovens espectadores, alguns usuários e traficantes de drogas.

A aproximação se deu no meio de um turbilhão de relações que começavam a se desenrolar entre a biblioteca do bairro e as atividades do parque Alim Pedro. Desde o começo da pesquisa, nas minhas primeiras caminhadas, passava pela quadra de bocha e sentia um certo receio em me acercar daquele espaço. De um lado, por ainda não conhecer muito o bairro e, de outro, por ter medo de ficar seduzido novamente pela sociabilidade masculina do jogo e não dar conta de outros lugares da Vila.

Depois de um ano de trabalho de campo, e começando a conhecer estes outros ambientes de sociabilidade e encontro, fui levado até os “meninos da bocha” depois de uma pequena apresentação feita por Solange para algumas senhoras que praticavam ginástica. A intenção da coordenadora era me aproximar de outras senhoras, e também entender um pouco melhor o porquê da minha presença constante no IAPI. No meio de uma aula de ginástica orientada por ela e outro professor ligado à prefeitura, incitava-me a marcar algum dia em que eu pudesse explicar melhor para aquelas senhoras o que eu fazia no bairro.

Solange me levava de um lado para o outro, empolgada com a invenção do cotidiano que eu poderia fazer pelo IAPI, e me apresentava para todos os funcionários da sede do Alim Pedro. Esta sede funciona como em outros bairros da cidade, abrigando estas atividades de

---

<sup>38</sup> Autodenominação do time de bocha do IAPI.

terceira idade, depósito para bolas, redes e outros objetos destinados à prática de esporte ao ar livre no parque, e também servindo de espaço para a “administração” do parque Alim Pedro.

Mesmo tentando sinalizar para Solange que a pesquisa exigia um outro tempo e um outro ritmo para conhecer as pessoas ao meu redor, ela insistia em me levar, através da ansiedade de seus passos e sua fala, a todos os cantos ainda desconhecidos da sociabilidade no parque. Entre uma apresentação e outra, algo muito maior que minha capacidade de

acompanhá-la e muito menor que sua vontade, conheci Ricardo. Subindo em direção à cancha de bocha, Ricardo me contou por que veio ao IAPI e, logo que chegamos no espaço onde senhores riam, gritavam e faziam suas previsões a cada jogada, apresentou-me a outros senhores sentados em bancos próximos à cancha.

A cancha de bocha fica na parte esquerda desta pequena “sede” do parque Alim Pedro, em um espaço mais elevado, coberto por árvores. A parte de dentro, onde o jogo se desenrola, é toda de areia batida e delimitada por grades verdes à meia altura, colocadas e presas a madeiras antigas. Em um dos lados, há alguns cabides onde os jogadores podem colocar seus casacos e pertences. No meio está o “pontuador”, o placar da quadra, que nada mais é que um quadro de madeira com buracos numerados de 1 a 15, de um lado branco e de outro verde, e um pino, também de madeira, que serve para marcar os pontos de cada equipe. Na outra ponta, um quadro com avisos e uma faixa da prefeitura anunciando o campeonato municipal de bocha de 2007. É desse lado que está a sala que é considerada a sede do clube. Lá dentro, senhores apostam no jogo de canastra, fazem churrasco, e uma forte sociabilidade acontece. É possível comprar café, bebidas alcoólicas e pastéis que, segundo Ricardo, são feitos na hora. Em volta da quadra, que é um dos palcos do jogo, há bancos verdes de madeira onde os espectadores se sentam para assistir



aos jogos debruçados sobre a tela. Todo o espaço é protegido por telhas que estão há cerca de nove metros de altura e, em toda a extensão lateral da cancha, há postes com lâmpadas fluorescentes que ajudam na iluminação durante os dias com menos sol e à noite.

Durante os sábados, há o circuito de bocha da prefeitura, no qual os times representantes de vários lugares da cidade jogam em suas quadras ou visitam outros bairros. Conforme Ricardo me informou, os jogos na cancha do IAPI são a cada dois sábados.

Montar essa rede social dos praticantes da bocha foi um longo processo de aproximação e interação com o próprio jogo. Assim como no futebol amador em Porto Alegre, tive que aos poucos ir conhecendo as expressões ligadas ao jogo e mostrando meu interesse em acompanhar as partidas e jocosidades envolvidas na sociabilidade masculina ligada ao jogo<sup>39</sup>. Quando algum senhor dizia “vem na ponta”, ou “quer ponta”, é porque a bocha teria que ser jogada direto, sem desvios ou sem mudança de direção, respeitando os declives sutis da quadra. Quando o grito é para dar um “cavalo”, é o oposto, ou seja, o jogador tem de tentar usar os cantos da quadra para chegar próximo ao bolim e conseguir a melhor jogada. Entre tantas, ainda há outras expressões, como “dar uma chamada”, “dar cabeçada”, que não ficaram tão claras para mim no começo.

Dentre as minhas pesquisas de acervo, durante o trabalho de campo, também pude conhecer uma faceta da memória destes senhores e deste clube. Em uma reportagem para a Zero Hora, o então repórter Arthur de Faria mostra como é o cotidiano e o funcionamento da cancha de bocha.

Breno Malta é um dos 'alienígenas' – que, por sinal, não são poucos. Ele, que é o que se poderia chamar de 'velhinho atlético', não se importa nem um pouco de ter que sair do bairro São João e ir até o IAPI para encontrar seus amigos dos 'Meninos da Bocha' – todos com idades acima de 40 anos –, para jogar algumas partidas. É que em nenhum outro lugar da capital ele encontraria uma turma tão animada e uma cancha com tanta infraestrutura como a 'Cancha dos Meninos', como é conhecido o local para onde convergem os aficcionados da bocha do IAPI e arredores – ou nem tão arredores assim, como no seu caso –, no parque Alim Pedro.

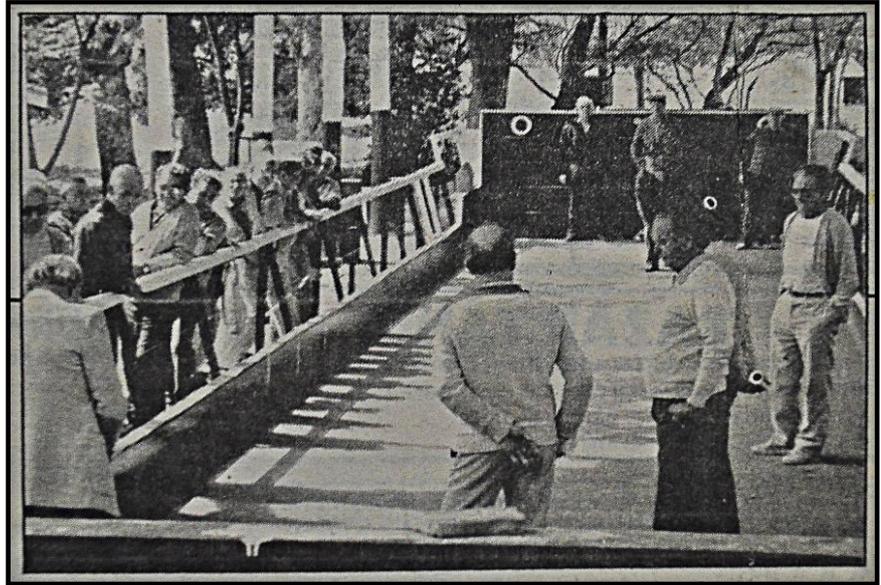
Quem chega no local, não pode evitar a surpresa. Em plena quarta-feira com chuva, encontrar quase 50 pessoas debaixo de um imenso galpão iluminado por holofotes, jogando bocha, é uma cena no mínimo inesperada. Pois o grupo existe há 11 anos e conta com 'duzentos e poucos' filiados – segundo Danilo Rheinhemel, um dos membros mais ativos da 'turma'. Danilo, quando era presidente, peneirou pessoalmente toda a areia que cobre a quadra que foi construída na sua gestão, com dinheiro arrecadado através de

---

<sup>39</sup> Assim como no TCC, uma das principais referências para se falar de esporte e sociabilidade lúdica na cidade continua sendo Arlei Damo (2007) e Simone Guedes (1997).

bingos, rifas e festas pelos que ali jogam, e com as tábuas doadas pelo deputado Floríceno Paixão. (FARIA, 1989: 11)

O primeiro “menino da bocha” que conheci foi Ricardo, presidente do clube, que possui cerca de 50 anos. É ele que escala as equipes para os jogos, arrecada as mensalidades e organiza a sede do clube. Logo no primeiro contato que tivemos, contou-me



que chegou ao IAPI porque seu avô trabalhava na Niterói Bahia, uma antiga fábrica de roupas que acabou fechando na década de 1980. Assim como ouvi em outros relatos, e nas entrevistas que realizei, essa “desindustrialização” da cidade de Porto Alegre afetou a vida de muitas famílias no IAPI<sup>40</sup>. Ricardo foi fundamental na minha inserção na rede e me apresentou para a maioria dos senhores que praticavam e assistiam aos jogos de bocha.



Apesar de não entender muito bem o que meu trabalho de Antropologia iria falar sobre o IAPI, sempre foi atencioso e, no primeiro encontro, mostrou as fotos dos Gre-Nais disputados todos os anos no dia 7 de setembro. Há também comemorações no bairro no dia 1º de maio. Essa valorização dos feitos de

<sup>40</sup> O próximo capítulo, voltado especificamente para a memória do trabalho, tentará analisar e interpretar essas relações entre um processo de desindustrialização da cidade e os projetos individuais e familiares de alguns moradores do IAPI.

Getúlio, dos símbolos nacionais e das comemorações ligadas às datas festivas nunca foi muito evidente durante meu trabalho de campo. Acima de tudo, foi através das narrativas e dos relatos dos interlocutores que mais percebi essa memória ligada a uma política trabalhista do ex-presidente.

O primeiro senhor que conheci através de Ricardo foi Seu Luiz Sérgio. Magro, de óculos e riso fácil, Luiz diz que mora no IAPI “desde que se conhece por gente”. Conforme me conta, seu pai estava na fila para receber um apartamento quando trabalhava na Zill Hércules, antiga fábrica de talheres que, como outras tantas outras em Porto Alegre, acabou sendo comprada por uma empresa maior. Outro ponto que me chamou a atenção por mais de uma vez e que foi ressaltado por Seu Luiz é a relação entre aluguel, compra e venda dos imóveis no IAPI. Esta questão está diretamente ligada aos movimentos, processos e transformações políticas que serão analisados no próximo capítulo. Assim como Lino, Luiz também me fala sobre a desvalorização do aluguel e observa que os imóveis começaram a ser vendidos depois da queda de Brizola, no começo da ditadura militar. Foi na época de Brizola também que os Trolers para o transporte público foram colocados em circulação, e logo depois retirados. Além disso, há uma relação muito forte destes senhores com a história e memória do futebol na cidade de Porto Alegre. Seu Luiz, sem ser instigado por mim, sugere que preciso ter contato com os times de futebol de várzea para conhecer o IAPI.

Quem também gostava de conversar bastante sobre o bairro, a bocha e o futebol antigo era Seu Miguel. Miguelão, como é chamado por todos, é um senhor mais velho, com cerca de 75 anos, de cabelos brancos, alto. Sempre caminha com a ajuda de uma bengala, que serve para mexer com os amigos que passam por ele e fazer algumas brincadeiras com os mais distraídos. Seu Miguelão veio para o IAPI na primeira metade da década de 1950 e trabalhou durante toda a sua vida como coordenador de prensa da Folha da Tarde, antigo periódico que depois foi vendido ao Correio do Povo, da Empresa Jornalística Caldas Júnior. Segundo as narrativas de Seu Luiz, sua aposentadoria foi motivada pelas mudanças nas feições e na relação com o jornal, que exigia uma nova jornada de trabalho dos seus funcionários.

Outro senhor que conheci através dessa rede, e que estava sempre conversando com Miguelão, foi Odemarte. De voz grossa, pele morena e com um problema no olho esquerdo, Odemarte nunca exibiu muito bom humor para com a pesquisa, mas sempre fazia algum tipo de chiste com os amigos que negavam seu convite para a canastra. Assim como Miguelão, Odemarte pouco joga bocha e prefere sentar-se em uma mesa para uma canastra cercada por

sociabilidades e jocosidades. Odemarte me contou, logo que nos conhecemos, que veio para o IAPI devido a seu emprego na Fiatessa, antiga fábrica de tecidos que, não surpreendentemente, foi vendida para uma empresa maior. Na época que chegou na Vila, como relata, o IAPI era um fim de mundo, mas era mais barato e mais rentável para os trabalhadores da indústria. Disse que para escolher um apartamento era preciso pegar a chave no posto do IAPI, e que, logo depois que os apartamentos fossem comprados, era necessário fazer uma minuta para garantir a propriedade.

Entre uma conversa e outra, os dois aos poucos vão me relatando como é o funcionamento do clube. Mais de uma vez, no meio das conversas, ouvi destes senhores que hoje em dia não há mais tanta gente na bocha. O clube, que já teve mais de 1.000 associados, conta hoje com menos de 300, que pagam somente R\$ 5,00 por mês, como aponta Odemarte: “Antigamente era três meses por R\$ 10,00, e daí aumentaram para essa fortuna de hoje. Mesmo assim tem gente que não paga e quer vir aqui jogar”. (Diário de campo, dia 19 de abril de 2011)

Na mesma reportagem citada anteriormente, há uma outra informação, de como funcionava o clube e o esquema das mensalidades:

Por uma mensalidade de apenas NCz\$ 0,50, os usuários tem direito a jogar quantas vezes quiserem, pelo tempo que quiserem, no que Danilo jura que é 'a melhor quadra daqui. Não tem nada igual por essas bandas. E o pessoal ainda reclama da mensalidade!'. Não se joga a dinheiro, não se bebe e quem desrespeitar algum desses mandamentos leva uma suspensão de 30 ou 60 dias. 'Tem que botar ordem' – afirma – 'senão esses velhos que já tão meio caducos viram isso aqui numa bagunça, né?'. O fato é que, mais do que qualquer outra coisa, a cancha é uma forma de reunir os aposentados ativos que não tem paciência nem vontade de ficar em casa. E, mais do que qualquer coisa, uma reunião de amigos. Uma grande festa. Que, conforme a ocasião, pode reunir mais de cem participantes. 'O dia sendo bonito a velharada sai da toca' – conclui Danilo. (Faria, Arthur, 1989: 11)

Uma das estratégias que adotei, fundamental para a melhor compreensão sobre as formas do jogo, foi acompanhar um sábado de campeonato, em que o time dos “Meninos da Bocha” disputava uma partida contra um time da Zona Sul da cidade. Neste dia, os jogadores do IAPI perderam três das quatro partidas, mas em nenhum momento perderam o humor. Depois do jogo, quando houve um churrasco para receber o adversário, todos conversavam sobre as jogadas que deram certo ou errado, sobre as quadras boas ou ruins para se jogar e sobre os futuros adversários.

Logo que cheguei, Seu Miguel com surpresa me pergunta se gostei mesmo da bocha. Minha resposta positiva o fez entender um pouco da curiosidade e do encantamento que aquele espaço, assim como grande parte do IAPI, despertava em mim. No meio da quadra, quem joga não economiza nas piadas, e um dos que mais me faz rir foi Tramandaí. Barbudo, e com uma perna que lhe dificulta a caminhada, sempre reclama quando está perdendo e, em tom jocoso, fala que é feio judiar de aleijados. Zé, o presidente, tem seus poucos cabelos brancos, voz rouca e grossa, e sempre que acertava a bola todos ao redor cantavam “Aleluia, aleluia”, afirmando que ele será beatificado, pois é sempre um milagre quando isso acontece. Quem também está jogando, e depois descubro ser um dos senhores mais influentes no clube, é Toninho, que é responsável pelas escalações em dias de jogos, e ocupa um espaço entre a figura de treinador e capitão do time.

Fora da quadra, o ambiente jocoso mascara minha tensão para com o comércio de drogas local. Sempre acompanhado de blocos de anotação, e em alguns momentos de máquina fotográfica, por muitas vezes me senti uma ameaça à aparente tranquilidade e ao equilíbrio com que aqueles senhores negociavam e lidavam com a divisão do espaço na cancha de bocha. Em um destes dias da semana, conheci um dos espaços privilegiados destes senhores, que era tido como “sede” do clube da bocha.

O espaço onde Ricardo administra o clube é também a sala onde se vende pastel, café e algumas bebidas alcoólicas. A entrada no local demorou a ser feita por mim. Talvez tentando respeitar o espaço e preferindo ir com calma, foi somente em um sábado de jogo, quase um mês depois de meu primeiro contato com estes senhores, que me arrisquei a conhecer a sede dos “meninos da bocha”. Com cerca de 10 metros quadrados, e com uma janela apenas, foi nesta sala que encontrei a única mesa em que a canastra é disputada com dinheiro, e, como na bocha, todas as jogadas vêm sempre acompanhadas de palavrões, jocosidades e discussões sobre a legalidade de cada movimento de cartas. No mesmo dia em que conheci a sede, ouvi Tramandaí tentar me perguntar se o que ele entendia sobre Antropologia estava certo, e acusar Ricardo de nem sequer saber o que isso significa. Neste momento, no meio da sociabilidade, fiz algumas piadas, mas não deixei nem ele e nem Ricardo sem jeito, arrumando uma forma de agradar os dois com a minha resposta.

A honra e a virilidade que regem estas formas de sociabilidade masculinas, e que seguem alguns dos pontos ressaltados por Roberto DaMatta (1991) na distinção entre a casa e a rua, sempre pareceu muito semelhante ao que vivi e conheci nos campos de futebol de várzea na cidade de Porto Alegre. Esta feição do bairro, esta faceta de um local onde não há a

existência de mulheres, parece exatamente o oposto dos locais da ginástica e das senhores. Esse ambiente da sociabilidade masculina é repleto de conotações à homossexualidade, a um espaço e a códigos que só o homem é capaz de compreender, aceitar e suportar. Uma honra ligada aos aspectos da vitória, do bom jogador e daquele que consegue, no meio das piadas, se sair bem nos jogos de palavras.

Apesar disto ter facilitado uma aproximação com esta rede, e superficialmente com os aparatos e as formas de sociabilidade do jogo, com poucos senhores pude ter uma relação mais próxima e gravar uma entrevista. A questão não é meramente técnica ou de coleta de dados para a pesquisa. Trabalhando com as narrativas dos mais velhos, como sugere Rafael Devos (2002: 136), o relato autobiográfico permite discutir a condição de vida desses moradores da cidade através de uma memória compartilhada sobre Porto Alegre. Os antigos, na dissertação do referido autor, são os narradores que detêm sua autoridade no conhecimento de diferentes espaços e tempos. Este conhecimento não se esgota e nem se limita apenas à sua experiência individual. Eles lançam mão das diversas camadas de tempo que se sobrepõem na memória coletiva para compor seu relato<sup>41</sup>.

### **3.4 Pedro: uma trajetória ligada à bocha**

Por ser um dos mais velhos e entendidos sobre bocha, e por assumir a posição de alguém que conhece a história do IAPI, Seu Pedro é tido por alguns de seus amigos como “alguém que realmente tem algo a contar sobre o IAPI”, nas palavras de Seu Miguelão. Pedro é mais magro, tem aparência mais frágil e também usa óculos e bengala para se locomover. Sua voz sai aos poucos, palavra por palavra, muitas repetidas, mas sempre em um tom sereno e calmo. Sua vida é o trabalho e a bocha. Da mesma maneira que meus antigos informantes, à época da graduação, que me falavam de toda uma trajetória social ligada ao futebol e ao trabalho, íntima e simetricamente conectados, Seu Pedro me falou durante todo o tempo de nosso primeiro contato sobre seu trabalho e sua vida nas quadras de bocha de Porto Alegre. Seu conhecimento de quadras, bairros, tipos de piso, jogadores, jogadas, posições e times é fantástico, e está sempre atrelado a alguma rede de vizinhança e de trabalho. As convergências entre as diferentes sociabilidades masculinas na cidade talvez sejam sempre

---

<sup>41</sup> Como referência principal, Devos utiliza Walter Benjamin (1994).

narradas nestes níveis, entre o trabalho, o envelhecimento e o pertencimento a um local específico.

Pai de seis filhos, todos criados no IAPI, onde mora desde o ano de 1957, Pedro trabalhou durante toda a sua vida em Porto Alegre na exportadora de madeira Scherischeiner. Comprada pela Araucária, a empresa sempre foi exportadora de madeira de pinhos. O local da entrevista escolhido por Pedro foi o campo da bocha, certamente por se sentir mais à vontade para falar de sua trajetória ligada ao esporte do que à sua casa.

Eu trabalhava numa firma exportadora de madeira, Scherischeiner. Em 1957, em me inscrevi aqui na, pra adquirir um apartamento. Naquele tempo era alugado ainda. Aí me chamaram, eu vim pra cá em novembro de 57, eu tinha três filhos naquela época. E depois, fui criando a turma aí, veio mais três, prédio novo e coisa, veio mais três aí. Tenho 6 filhos.

*Todos se criaram no IAPI?*

Todos, todos.

*E como era criar os filhos no IAPI naquela época?*

Muito bom. Naquele época, eu criei seis e, olha, não me incomodei com eles assim. Eu tenho três meninas e três guri. Sempre a menina no casal é mais velha que o guri. Veio uma menina, um guri, uma menina, um guri, e assim foi indo, né, sempre a menina mais velha que o guri. Todas são formadas, os guri não se formaram, logo foram trabalhar e...

A vida naquele tempo era apartada, né. Aqui pagava-se aluguel, era dois mil e poucos reais. Naquele tempo nem era real, era assim, cruzados, sei lá mais o que.

*E como o senhor conseguiu aqui, como foi o processo todo de aquisição do imóvel?*

Ah, eu me inscrevi, né. Me inscrevi, e, como tinha três filhos, então fui sorteado, me chamaram. A administração do IAPI, que era lá na Borges, me chamaram se eu queria o apartamento ou não, né, aí eu vim pra cá, vim ver os apartamentos. Me deram chave de três apartamentos, e eu escolhi um.

*O senhor se lembra onde que era?*

Um aqui em cima, outro mais embaixo um pouquinho, do lado do INPS, onde é agora, e esse meu onde eu moro, na Nova Prata. Naquele tempo não tinha condução aqui por dentro, né. Tinha que

descer lá no fim da linha. O fim da linha do bonde era aqui de frente, na entrada do IAPI, ali. Tinha que caminhar a pé aí, umas cinco ou seis quadras pra caminhar no bonde.

Essa trajetória de vinda para Porto Alegre segue uma linha semelhante da que Lino conta sobre seu pai, em busca de uma cidade que começava a se industrializar de maneira rápida. Em outro momento, o relato também se assemelha aos de Lino e de Sueli, ao falar do movimento reverso, de desindustrialização da cidade.

De acordo com seu trabalho, Pedro também vivia uma Porto Alegre de outro tempo, com suas nuances e suas transformações. Uma delas é em relação aos transportes que, como também é visto em outras narrativas, é um valor que coloca o IAPI como central ou não dentro de uma dinâmica urbana. Nesse sentido, a noção de bairro de Mayol (*apud* De Certeau, 1996), já citada anteriormente, é interessante, pois situa o bairro como aquele local onde se pode ir caminhando e conhecendo seus espaços, e suas fronteiras só podem ser ultrapassadas utilizando os mecanismos disponibilizados por esta cidade.

Ah, eu trabalhava ali na, primeiro na 3 de maio. Quando eu vim de Carazinho, Vacaria pra cá, em 58, eu vim de Vacaria pra cá, já tava casado, já tinha uma filha. Trabalhava na 3 de maio, sabe onde é a 3 de maio, ali? Na Dr. Timóteo, atravessa a Dr. Timóteo, a segunda rua paralela à Cristal, era a segunda rua ali. E era fácil, eu pegava o bonde ali e descia na Dr. Timóteo ali, caminhava duas quadras e tava no serviço, né. Depois a firma que eu trabalhei foi vendida, faleceu o diretor, e o herdeiro vendeu, vendeu a firma. Aí a Araucária S.A. que comprou a Scherischeiner. Aí eu fiquei trabalhando na firma, né, na mesma função.

*O senhor lembra o nome da linha do bonde?*

Ah, era Floresta.

*Lembra do trajeto que ele fazia?*

Sim, ele vinha aqui, pegava aqui a Benjamim Constant, depois pegava a Cristóvão Colombo, e ia até o centro, descia ali, passava a rua Conceição, passava a Conceição, ali na Alberto Bins, seguia pela Alberto Bins e fazia a volta na Praça XV, tem um abrigo ali na Praça XV, né, e ali era a parada de bonde. Todos os bondes que vinham da Glória, Teresópolis, daqui, passavam ali, fazia aquele trajeto. Naquele tempo era diferente a vida, não essas, como tem hoje, essas coisas de assalto, dificilmente acontecia um assalto aí.

A cidade e a memória ligada a este trabalho exprimem uma relação que só fica clara na narrativa deste morador do IAPI. Nas idas e vindas para lembrar os nomes das ruas e seus itinerários nestes jogos da memória, Seu Pedro começa a falar de uma mesma cidade que, devido à passagem do tempo, apresenta-se hoje como diferente e com outras feições.

Mas há, na fala de Pedro, outra relação interessante com a cidade e seus espaços de sociabilidade. Instigado pela pesquisa, e vendo meu interesse no assunto, ele tentou de diversas formas me explicar como eram os campeonatos de bocha antigamente, e como era essa ambiência de uma forma de sociabilidade lúdica. Foi através de suas lembranças da bocha, e de sua narrativa sobre as posições, jogadas e os eventos marcantes de sua carreira como jogador, que pude também entender um pouco mais da sociabilidade que se desenrolava à minha frente na cancha do IAPI.

*E o senhor sempre jogou bocha?*

Ah, sempre, bocha é meu esporte predileto. Agora eu jogo, assisto só de brincadeira às vezes aqui, mas no tempo que eu era novo, eu disputava pelo Partenon Tênis Clube, campeonato da cidade de Porto Alegre, né, e o campeonato do Rio Grande do Sul de bocha. Naquele tempo eu era novo, tinha uns 40 e poucos anos, atirava.

*Tem quantas posições no jogo de bocha?*

Na bocha? Tem o ponteiro, o ponteiro é que sai ponteadado, né. Depois tem o intermediário, que é o segundo ponteiro. E tem o bochador, né. É o bochador que comanda o trio de dentro da cancha.

*É a posição mais importante?*

É a mais importante, porque depende muito dele, né, a bochada, tirar um ponto, uma bola próxima, uma linha. E ele é o cabeça. Se ele erra o tiro, tá ralando a turma, né, não pode errar. Olha, eu disputei torneio aqui com eles interno, eu dei nove bochadas, não errei nenhuma nessa cancha aqui, nove na partida.

*Numa partida só?*

Sim, numa partida só. Disputando uma partida eu dei os nove tiro e acertei os nove. Até tinha um senhor que jogava bocha: “eu vi o jogo, acertou nove!”. Ah, eu bochava bem, eu atirava bem, atirava aqui do fundo. Eu quando jogava no Partenon Tênis Clube eu ganhei uma partida de bocha lá, uma dupla, eu e o nosso técnico que era ponteiro, e eu bochador. Alí eu acho que dei sete bochada a fio sem errar nenhuma, duas no balim. Uma pegou no balim, pegou na cabeça da

bola, bateu em cima ficou uma marca no telhado, era telha de brasilite, ficou um furo.

*No Partenon mesmo?*

No Partenon Tênis Clube. Naquele tempo, naquele lá nós jogava, nós tinha um uniforme pra jogar, né, um abrigo, de linho, tudo. Era bacana aquele tempo em que a gente jogava bocha. Agora aqui e mais, mais comum a bocha aqui, né.

Aí, nós tava jogando uma partida lá, eu e joguei essa dupla, eu e o nosso técnico, quando eu acertei dois tiros no balim. Um o balim passou por trás assim da cancha, foi parar uns 50 metros longe. O balim era de madeira, era grande, né, a bola pesada batia e se mandava. Mas aí, pra encurtar a história dessa partida. E tava o Independente lá torcendo pra nós, porque eles precisavam tudo que nós ganhasse uma partida do Vila Nova, que tinha o Mario Balestrim, que era campeão estadual de simples, né. E eles fizeram uma dupla, o Mário Balestrim e um negão lá, ponteava direitinho, e o Mário batia. Mais ou menos dessa altura aqui, desse risco, agora tá diferente a marcação, mas é mais ou menos desse risco aqui, o nosso ponteiro botou uma bola do lado do balim mais ou menos uns 30 centímetros. Eles gastaram três bola e não mataram, na última mataram. Aí eu disse pro nosso técnico “vou atirar aquela bola”, eu atirei e errei o tiro, pegou do lado, assim, do lado da bocha, se pegasse com a mão botava do lado da bola. Aí eles tudo “vem à ponta, vem à ponta”, e eu digo “não, eu errei porque eu tentei acertar, trocar a bola, mas vou de novo”. Aí levantei o braço lá e larguei. Foi só um estouro PÁÁ!, minha bola nem se mexeu, ficou lá paradinha no lugar. Eu nem vi, mas a turma do Independente invadiu a cancha e me tiraram de dentro da cancha como uns loco. Até meu sogro tava vendo aquela partida.

Assim como no futebol amador, as estórias e narrativas dos grandes acontecimentos são o que fazem esta sociabilidade durar. É através das lembranças de seu Pedro que sua legitimidade enquanto bom “bochador” é estabelecida. Sendo um dos mais antigos a frequentar a cancha do IAPI, esses feitos são o conteúdo expresso nas formas de sociabilidade entre diferentes gerações de praticantes e simpatizantes da bocha.

Foi pela fala de Pedro que também pude compreender melhor a história do clube e as transformações desse espaço de sociabilidade no IAPI. Para lidar com a passagem do tempo, é necessário entender suas rupturas e estabelecer uma outra relação com este espaço fantástico da memória (Eckert e Rocha, 2005).

*E como era, a família acompanhava a bocha?*

Aqui, aqui quando começou era bom, tinha duas canchas. E nós fazia aqui, eu fiz diversas vezes, torneio de casais aqui. Eu trazia a minha mulher, o outro trazia a mulher. Tinha torneio que fazia que era dez, quinze casais jogando aqui.

*Então tem gente que joga aí que o senhor conhece há bastante tempo?*

Sim, essa turma que tá jogando aí alguns são novos, eu conheço pouco, esse aí de óculos conheço pouco. Esse Alcides aqui, ó, o irmão dele é falecido, esse é mais velho do que ele e jogava bocha com nós aqui. Essa turma que joga bocha eu conheço tudo.

*E o senhor disse, como era essa coisa, tinha clubes, os times iam jogar em outros clubes. Como era assim o circuito?*

O negócio aqui é que naquele tempo não existia um clube. Essa turma de velhos que fez essa cancha aqui. Depois nós fomos trabalhando e construímos essa cobertura aí, foi construída. Um falou com o cara pra trazer os postes, juntava isso aquilo, juntava dinheiro, fazia torneio de bocha aí pra juntar dinheiro, pra construir, foi construído por nós isso aí. Esse ano passado que a prefeitura deu a mão aí e reformou isso aqui. Mas antes tinha duas canchas e só os velhos que... mas também tinha 150, 170 velhos jogando bocha, agora foi morrendo tudo. Parece que tem 70, mas que pagam mensalidade não sei se tem 50.

*É mesmo? Mas parece ter mais gente aí.*

É? Na bocha não tem muita gente não. Aqui, antigamente, tinha as duas canchas, nessa hora pra tu jogar tinha que te inscrever, tinha um livro ali que tu te inscrevia pra jogar bocha, o que tinha de velho aí.

*Ficava muito tempo esperando?*

Ah, esperava uma hora, meia hora aí esperando, pra jogar uma partida. E funcionava as duas canchas. Depois foram morrendo, foram morrendo...

É, portanto, nessas redes e nesses caminhos que os interlocutores, moradores e *habitués* da Vila dos Industriários foram me mostrando aos poucos outras facetas do bairro, diversos espaços e diferentes grupos sociais que se diferenciavam pelos usos do espaço público, pelas diferentes formas de sociabilidade e por suas práticas de lazer em seu tempo livre. Além disto, o que esta etnografia das formas de sociabilidade também me mostrava era

toda uma infraestrutura, uma escala de vivência do bairro que se expressava pelas escalas estruturais de vivência e utilização destes locais. Os equipamentos urbanos planejados desde o começo do bairro eram ressignificados e reutilizados por estes moradores de maneiras diversas.

A partir das estratégias e dos projetos individuais, podemos tentar interpretar e compreender o agenciamento da memória do IAPI através das narrativas de seus moradores. As relações com o espaço em transformação, as mudanças de sorte na vida, as novas relações familiares, os nascimentos, óbitos, assim como as novas formas de trabalho, outras feições nos modos de emprego e outras formas de trabalho que surgem na cidade, integram uma memória, uma duração que faz com que as narrativas articulem diferentes tempos e camadas acomodadas no ser pleno da memória (Bachelard, 1994: 15).

A tentativa do próximo capítulo será entender essa memória através de uma narrativa imagética que verse sobre os diferentes níveis de projetos envolvidos nas relações entre os habitantes, moradores e *habitués* do IAPI, a cidade e o local. A pergunta que norteia este estudo de uma memória do trabalho na cidade de Porto Alegre é entender como um projeto nacional ligado ao planejamento e à construção de um bairro voltado para a classe operária se articula, através de uma narrativa de imagens, a projetos individuais e familiares dentro de uma cidade que se modifica e se transforma a todo o momento.

## **Capítulo 4 – Imaginários políticos e projetos individuais: um convite à exploração de constelações de imagens**

Conforme descrito anteriormente, o objetivo deste capítulo é entender as articulações entre os projetos políticos nacionais e as escolhas, os campos de possibilidades individuais e familiares de alguns dos habitantes do IAPI através de suas narrativas, em conjunto com uma narrativa de imagens e um imaginário da Vila dos Industriários.

Temos, de um lado, dispositivos políticos de uma época, e um processo histórico que os envolve e transforma. É preciso entender como o IAPI foi pensado e planejado dentro de um projeto político de nação e como novas formas e feições de trabalho na cidade acabaram interferindo nas formas como os habitantes viveram este espaço. De outro lado, o trabalho de campo e a interpretação das narrativas dos moradores do IAPI apresenta para este processo uma série de escolhas feitas de acordo com as relações microssociais e as práticas cotidianas ligadas ao ato de morar e de habitar, de se viver uma cidade em constante transformação.

A aposta recai, sobretudo, no trabalho de coleções de imagens (Rocha, 2008) para interpretar e articular este jogo da memória que se baseia na interligação entre os dois projetos. Além disso, é preciso dar às imagens um outro estatuto, que as permita narrar e falar sobre estes múltiplos tempos e narrativas.

#### **4.1 Construindo um bairro, planejando uma nação: os ideais do governo de Getúlio Vargas como solução para a habitação operária**

Pensar o IAPI como um projeto político e fazer disto um ponto de análise coloca um desafio para esta dissertação. Refletir sobre os termos de uma Antropologia da política pode, por meio de diferentes níveis de análise, mostrar como os processos macrossociais interagem e são agenciados através de práticas sociais nas redes em que os moradores do IAPI estão inseridos.

É possível, portanto, pensar a Vila dos Industriários dentro do que agora chamamos de relações políticas, processos políticos, entre tantos outros termos. Partindo das ideias de João Pacheco (Oliveira Filho, 1987), poderíamos primeiramente avaliar o campo político como uma contribuição de diferentes antropólogos para o estudo de fenômenos tradicionalmente classificados como políticos, sempre apontando a relevância política de outras dimensões. Sob esta visão, a colaboração das análises políticas na Antropologia vai além dos estudos de sociedades “simples” e das análises de processos político-partidários.

Hoje, o que torna a análise antropológica da política ao mesmo tempo um campo autônomo e amplo é exatamente a capacidade de pensar sobre diferentes âmbitos da vida social. Da mesma forma que Abelés (1997) cita a obra “Os Nuer”, de Evans Pritchard, como um dos primeiros pensadores a olhar para a política sob a trama dos conflitos em um sistema complementar, podemos também pensar que a “Sociologia do Conflito”, de Simmel (1983), voltada para as formas de agregação microssociais, também pode falar sobre políticas e relações políticas.

No mesmo caminho, ao refletir sobre a política através das redes sociais e representações simbólicas de diversos assuntos, como trabalhismo, moradia e habitação popular, podemos, em um nível local, perceber nas narrativas dos moradores e habitantes da cidade como estes valores são agenciados e elaborados cotidianamente.

Toda esta gama de questões reflete não só na postura epistemológica, mas no próprio trabalho de campo. Voltando ao exemplo dos Nuer, é possível imaginar que o trabalho de campo atual da Antropologia, em conjunto com novas preocupações globais, tenha dado mais voz ao que entendemos como relações de hierarquia e poder, conflito e busca de equilíbrio entre polos opostos. Como nos mostra Abelés, a atitude antropológica diante dos estudos sobre poder tomou, nas últimas décadas, uma postura que supera a crítica negativa ou

positiva e “une perspective d'analyse de la complexité des structures de pouvoir dans la mondialisation qui caractérise le devenir de notre modernité” (1997: 17).

Tendo uma base de pesquisa em sociedades complexas, o que tomo como tarefa aqui é exatamente entender que relações políticas são estas que marcam uma passagem do tempo na Vila do IAPI. Seja partindo de todas as especificidades de um projeto baseado nas “cidades-jardim” inglesas, como já foi especificado antes, seja partindo das características comuns às formas de sociabilidades de um bairro pequeno, inserido em um tempo-espaço específico da cidade de Porto Alegre, é possível neste estudo entender, através destes aportes, como se formam e se estabelecem estas relações de diferentes níveis sociais.

O IAPI, enquanto instituto e órgão governamental, já é em si uma estratégia do governo getulista para construir um governo verdadeiramente nacional, fortalecendo muito mais as relações entre a administração federal e o país do que a política em um nível estadual e federativo. Isso acontece, segundo Thomas Skidmore (1969: 55), por dois modos diferentes.

O primeiro movimento acontece transferindo muitas funções previamente exercidas por governos estaduais e municipais para a competência federal. Um exemplo claro deste movimento é a criação, em novembro de 1930, de dois novos ministérios que tratavam de assuntos anteriormente cuidados pelos governos estaduais, o do Trabalho, Indústria e Comércio e o da Educação e Saúde. O Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, como citado no capítulo primeiro, surgiu no mesmo movimento de criação de outros institutos, e, segundo Costa (1996: 41), estes Institutos seriam uma forma de colocar o cidadão como parte do processo de construção desse Estado, através dos fortes traços paternalistas e patrimonialistas.

O segundo movimento para centralização do governo federal foi a crescente intervenção federal em novas esferas, por meio da criação de novos órgãos federais, trazendo para o Estado Nacional a responsabilidade sobre a previdência social e a organização dos sindicatos trabalhistas. Certamente, segundo Skidmore (1969: 65), este processo foi fundamental no estabelecimento de uma política salarial e de um controle sobre os sindicatos, que só eram reconhecidos legais se ligados ao Ministério do Trabalho. Foi nos dois últimos anos do Estado Novo que Vargas pôde pensar em uma abertura e industrialização da economia brasileira, com o apoio explícito do governo norte-americano. Para o autor, a industrialização do país entre 1930 e 1945 foi amparada especificamente por um único grupo importante, os militares superiores, que desejavam urgentemente uma indústria siderúrgica no país. Fruto de dois principais fatores, essa industrialização ocorreu devido à

Substituição 'espontânea' das importações, resultante do colapso da capacidade de importação, com a manutenção da procura interna através do programa de auxílio ao café, e o deslocamento dos investimentos particulares, do setor de exportação, para a produção industrial destinada ao mercado interno; e a intervenção estatal. (Skidmore, 1969: 70)

Para Costa (1996), a política habitacional, que entra no seio deste novo país, é vista como um modo de barganha para o controle da classe operária. O corporativismo era a fórmula para estabelecer uma relação vertical do Estado para com a população, reconhecendo, mas negando o conflito de classes. Nas palavras de José Murilo de Carvalho,

Todos os trabalhadores não sindicalizados não se beneficiavam da política de previdência. Tratava-se, portanto, de uma concepção de política social como privilégio e não direito [...]. Parte negativa do sistema excluía categorias importantes de trabalhadores autônomos e domésticos, trabalhadores rurais... (Carvalho *apud* Costa, 1996: 114-115)

Certamente, essa política habitacional não só visa resolver um problema evidente de um país que começava a se industrializar, como também procura estabelecer uma relação diferente entre o Estado Nacional e a população. O processo de habitação, no imaginário político de Vargas, poderia ser visto como mais uma estratégia de unificação do país e controle, e se apresenta como uma das soluções para a melhoria da produção nacional, tendo em vista a ideia de que cidadão, através da casa, teria um melhor espaço para conviver em harmonia com seus pares e sua família.

A construção de casas populares é – aditamos nós – a melhor política para aumentar a produção nacional. Todavia, o fator primordial de nossa economia é o homem. Devemos, pois, preservar esse elemento básico, proporcionando lares confortáveis em todas as cidades.

Construindo, pois, a Vila dos Industriários, onde ficarão higienicamente instaladas mais de 15.000 pessoas, cumpre o Instituto dos Industriários com uma de suas mais elevadas finalidades (se bem que não tivesse aqui obrigação específica) e com esse feito de tão extraordinária envergadura, assiste a sociedade, com visível emoção ao lançamento no Passo d'Areia do marco inicial de uma nova era que, sob a sua influência do melhor nível de vida, garantirá, por certo, uma forma de intensa reação do organismo social. Vale, a propósito, assegurar que o Presidente Getúlio Vargas recomendou "tudo fazer pelo homem que trabalha", e o Instituto dos Industriários tudo tem feito no sentido de não faltar assistência ao trabalhador.

A Cidade-Industriária de Porto Alegre, que abrigará, num futuro próximo, como já dissemos mais de 15000 pessoas, é um atestado vivo e eloqüente da preocupação do governo do Dr. Getúlio Vargas em dar ao trabalhador brasileiro, não apenas uma casa, na acepção material da palavra, mas um lar,

onde possa descansar da labuta diária, acolher e educar os seus filhos, dentro do mais alto sentimento social cristão. (Mendes, 1952: 08)

Estes trechos, apresentados no relatório da X Semana Oficial do Engenheiro e Arquiteto, em 1959, ressaltam a visão nacionalista e unificadora dos conjuntos habitacionais como solução para problemas sociais cada vez mais evidentes.

É interessante, e até certo ponto possível, pensar o IAPI como parte de uma narrativa da nação, como coloca Anderson (1993). Para além das articulações e dos conflitos existentes nos momentos marcantes, a narrativa histórica e também bibliográfica sobre o IAPI coloca em primeiro plano uma nação com um imaginário trabalhista, naquilo que o autor chama de uma certa aparente continuidade e simultaneidade perdida na memória. Jorge Ferreira (2005), em um trabalho sobre o imaginário trabalhista, aponta que o getulismo, em sua época de transição para um Estado mais democrático, foi marcado por momentos de conflito e movimentos sociais que eram difíceis de serem explicados pelos intelectuais e meios de comunicação da época. Foi exatamente após a primeira eleição democrática, a qual deu a Getúlio a presidência da República, que os IAPs acabaram surgindo. Trago aqui testemunhos da Revista do Globo como parte desta narrativa:



Foi a recente visita do Presidente Getúlio Vargas ao Rio Grande do Sul, que veio mais uma vez por em evidência esse empreendimento silencioso e gigantesco, que se acha na sua fase final, no Passo d'Areia, como uma das melhores características da revolução social em pleno desenvolvimento no Brasil. (Realização, 1952: 84)



Tornando complexo o debate acerca desta nação “trabalhista” exaltada pela Revista do Globo, podemos tomar o projeto do IAPI e toda sua repercussão também como estratégias complexas de identificação cultural e de interpelação discursiva que funcionam em nome “do povo” ou “da nação” e os tornam sujeitos iminentes e objetos de uma série de narrativas sociais e literárias. Fazendo a pergunta de Homi Bhabha (1998), podemos pensar esta representação da nação como um processo temporal. Contra a visão homogênea de Anderson,

o pensador indiano defende este tempo como duplo e cindido, completo de “contranarrativas” que perturbam as identidades essencialistas das “comunidades imaginadas”:

É precisamente na leitura entre as fronteiras do espaço-nação que podemos ver como o conceito de 'povo' emerge dentro de uma série de discursos como um movimento narrativo duplo. O conceito de povo não se refere simplesmente a eventos históricos ou a componentes de um corpo político patriótico. Ele é também uma complexa estratégia retórica de referência social: sua alegação de ser representativo provoca uma crise dentro do processo de significação e interpelação discursiva. Temos então um território conceitual disputado, onde o povo tem de ser pensado num tempo-duplo. O povo consiste em 'objetos' históricos de uma pedagogia nacionalista, que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no pré-estabelecido ou na origem histórica constituída no passado; o povo consiste também em 'sujeitos' de um processo de significação que deve obliterar qualquer presença anterior ou originária do povo-nação para demonstrar os princípios prodigiosos, vivos, do povo como contemporaneidade, como aquele signo do presente através do qual a vida nacional é redimida e reiterada como um processo reprodutivo. (Bhabha, 1998: 206)

A pergunta que se faz agora é como são agenciados, cotidianamente, estes discursos e essas contranarrativas sobre um projeto nacional. Pensar o projeto do IAPI por meio de um prisma temporal é pensar nele a partir das estórias e das narrativas de seus moradores e entender como estes valores são agenciados em um tempo de constante mudança. Nosso próximo passo agora é tentar compreender como os moradores narram sua trajetória e seus projetos individuais através deste tempo lacunar e ondulante, através de suas práticas cotidianas e suas escolhas dentro de um campo de possibilidades. Dito de outra forma, é preciso indagar sobre como este projeto de uma nação se liga aos projetos e escolhas individuais dos moradores do IAPI, e como o desdobramento de suas narrativas sobre as transformações de suas vidas é afetado pelas mudanças no âmbito político e econômico.

#### **4.2 Projetos individuais e a cidade: um diálogo através de uma constelações de imagens**

Diante de um contexto político e um imaginário trabalhista já avaliado, é preciso adentrar as narrativas dos interlocutores aqui apresentados para entender como este discurso se desloca no tempo. Para além destes dispositivos políticos de uma era do trabalho, as transformações do lugar e da cidade refletem e são refletidas nas novas feições e relações de trabalho que se estabelecem na cidade de Porto Alegre.

O primeiro ponto que podemos salientar, que é comum a todas as narrativas, é o processo de escolha e mudança para um novo bairro que se constituía ainda longe do centro de Porto Alegre. Sueli, como já foi citado anteriormente, chegou lá por intermédio da sogra, que era industriária. O apartamento foi passado para outra pessoa e, logo depois do seu casamento, foi repassado para seu marido. Pedro, quando foi escolhido, teve a chance de escolher entre três apartamentos diferentes para morar e, com o nascimento dos filhos, acabou tendo de procurar outro lugar. Rosa, por outro lado, veio através dos tios, muito depois que o processo de aluguel, compra e venda tinha se modificado.

Um dos pontos mais complexos para analisar essas narrativas sobre a mudança do bairro e da cidade talvez seja a questão dos aluguéis e da forma como os apartamentos e as casas foram se tornando propriedade dos moradores. Já é possível ver nas narrativas a relação com as crises econômicas e os processos sociais que o Brasil sofreu após a ditadura. Seu Pedro, durante nossa entrevista, explicou como foi seu processo de aquisição do imóvel:

Aqui foi no começo alugado. Eu vim pra cá pagando dois mil, dois e uns quebrado, que não me lembro bem, né. E eu ganhava seis ou sete mil por mês, né. Era brabo, tinha três filhos naquela época.

[Ricardo] Era alugado isso aqui.

Era alugado, sim. Aí foi, foi. Como tava muito barato naquela época, e aí subiu pouco, o mais caro que eu paguei naquela época foi uns três mil e uns quebrados. Como tava, e já não valia mais a pena, tava dando prejuízo pro INPS, aí eles resolveram vender pros inquilinos. Aí eu entrei nessa também, né, barbada.

[Ricardo] Não podia alugar, não podia alugar, né. Se alugava, perdia, a gente alugava tudo e perdia. Os caras contavam, não podiam alugar.

*Ah, naquela época.*

[Ricardo] Naquela época, se tu era dono e alugava, não podia, perdia.

*Não podia relocar, é isso?*

É, por exemplo. Tinha uma pessoa que pagava aqui, alugava aqui, e pagava aluguel pro proprietário, porque eles subalugavam, alugavam e depois alugavam pra outro. Aí depois quando venderam, aquele morador que tava lá é que foi registrado como morador, não aquele outro que subalugava, né. Então aquele ficou de proprietário, naquele tempo era barato, né. Eu pra quitar minha dívida, porque o que nós pagávamos de mensalidade pra dívida era 3,50, 3,60, não me lembro

bem, mas era por aí assim. Nessa época eu já ganhava quinze mil por mês, né, era folgado; apertava quando era dois mil e tantos de aluguel. Mas aí foi, foi indo. Então a turma toda compraram. Quem tava morando ficou proprietário.

*O senhor ficou muito tempo pagando depois?*

Não, eu quitei antes de, antes de, assim dizer. Eu morava naquela época de aluguel, comprei, e quitei, era pouco. Era coisa de cinquenta real, cem real. Meu saldo devedor era cinquenta real, e eu pagava três pila por mês. Aí foi quando eles resolveram quitar, os que tavam devendo, né. Os que podiam pagar pagavam, os que não podiam ficou por isso mesmo, né. Então quem comprou naquela época foi barbada.

Este mesmo processo de “aluguel” me foi relatado por Lino. Ele contou que o que se pagava era uma parte do salário, o que se chamava de “décimo”, e que nem todos industriários tinham condições de pagar o aluguel. Rosa também me falou sobre esse pequeno aluguel, que com o tempo foi se desvalorizando. Uma das etapas desse processo de desvalorização e aquisição do imóvel me foi narrado por Lino da seguinte maneira:

É, assim, ó. O que acontece é que nós estávamos no Brasil num período de alta inflação, então, as pessoas se agarravam, e tinha uma suposição assim 'vou vender um apartamento', vamos supor, que hoje, com dinheiro de hoje, por R\$ 100,00, e a poupança tava dando 40% ao mês. Então isso aqui, assim, cem mil reais, vai me dar R\$ 40.000 por mês, de juros. Aí eu pago um aluguel de 100, 150 reais, e to bem. Só que, no outro mês, tinha mais 40%, e aí a pessoa gastava aquele vinte mil, e aí foram se descapitalizando, se descapitalizando, e daí assim em um ano eles não tinham mais dinheiro nenhum. Quando se deram conta, assim, perderam o apartamento em um ano. Por causa dessa coisa da inflação, porque o aluguel também subia, de acordo com a inflação, então é uma situação delicadíssima, muita gente assim perdeu o imóvel, assim, na ânsia da caderneta de poupança, de 40% e tal, isso e aquilo. Uma coisa assim ilusória, porque as pessoas não tinham noção. E aí, muitas pessoas tiveram que ir pra outros bairros, sem menosprezar nada, de qualidade inferior ao daqui, e isso aqui se tornou uma região central, né, é mais ou menos por aí a coisa. Então esse foi um erro que as pessoas cometeram, e muitos, assim, entendeu, forçaram mães, filhos forçaram mães na ânsia de receber o dinheiro adiantado, pra comprar alguma coisa, enfim. Então muita gente saiu daqui, muita gente assim arrependida de ter saído.



Além destes elementos, um ponto que chama a atenção para falar dessas trajetórias de trabalho são as mudanças que as feições e técnicas de trabalho sofrem em uma complexa trama de acontecimentos. No caso de Pedro, Sueli e Odemarte, a compra de fábricas e estabelecimentos pequenos por uma multinacional,

ou uma empresa maior, modificou a maneira como eles lidavam com seu trabalho. Sueli conta que a camisaria em que trabalhava foi comprada pela Guaspari, e logo depois os prédios foram vendidos para construção da Coriga. No caso de Pedro, sua função não mudou, apenas o local onde trabalhava. Como me contou, ele sempre atuou na mesma função, mas o que o fez decidir pela aposentadoria foi a Araucária optar por ir para Lages.



No serviço fazia tudo. Eu recebia madeira, estocava madeira, mandava classificar madeira, e depois fazia os romaneio pra dar pro escritório fazer o despacho de madeira, isso tudo eu fazia lá. Depois carregava as madeiras aqui dos caminhão, tirava nota de transporte pro porto, né, nota fiscal, tudo eu fazia sozinho lá. E tinha doze homens, dez a doze homens trabalhando comigo, e eu que distribuía a turma e, bah, a turma era boa também, né.

*E hoje tem gente que faça isso ainda ou não tem?*

Aí depois a firma não exportou mais por aqui, porque os navios não vinham no porto aqui, né, só em Rio Grande; depois nem em Rio Grande tava vindo mais. Aí então resolveram ficar em Lages, lá na Matriz em Lages, né. Foram pra lá, queriam me levar pra lá e eu 'não,

vou pegar um frio lá em Lages, pegar zero graus lá, no inverno um geadão daqueles que branqueia tudo aqueles campo lá, digo, eu não tenho mais idade pra isso, tem que ser um cara novo, estourar o gelo lá'. Na madeira ficava alto assim de gelo e de geada.

*O senhor conheceu a fábrica lá, a matriz?*

Sim, conheci. Quando começou a exportação eu fui pra lá, ensinar eles a empacotar madeira, e classificação da madeira. Que a Alemanha é um tipo de madeira, a Inglaterra é outro, enfim.

*Tudo vai do Brasil?*

Tudo vai do Brasil. Agora tão exportando muito esses pinos, ilhote, esse. Isso é uma madeirinha vagabunda. Antes exportava naquela época era o pinho, pinho araucária mesmo.

*Era diferente a madeira?*

É, madeira dura, resistente, era bem diferente. E tinha classificação. Tinha primeira, segunda, terceira e quarta. Tinha que conhecer a classificação da madeira.

*E como é que se definia?*

Pela qualidade. Defeito na tábua, nós, aquela esquinada assim na madeira, isso tudo, que tivesse defeito.

*E o l era madeira perfeita?*

Essa não podia ter defeito, né. Se era pra Alemanha, tinha que ser escolhida madeira clara ainda, não podia ter madeira com cerne, escuro, né. Tinha que ser tudo um padrão. Tá vendo esse pranchão aqui, ó, isso aqui foi lá da minha firma, essa cabeceira. Essa cabeceira dessa cancha aí, ó, são tudo de lá. Eu disse “não, vão lá, faço até um preço melhor, um desconto”. Isso aí é angico. Isso aí dentro de casa dura duzentos, trezentos, quatrocentos anos, não estraga nunca. Essa aqui tava na chuva aqui, ainda tem um pranchão aqui, ó, aquele de baixo e do outro lado também é angico. Isso aí dura uma eternidade isso aí.

Entramos, assim, diante de outro elemento interessante para pensar em uma memória do trabalho na cidade de Porto Alegre. A forma como o trabalho é realizado e a mudança dos elementos e da constituição dos produtos resultantes dessas diversas formas e ofícios configuram uma diferente arte de fazer o trabalho, uma nova maneira de lidar com as transformações macrossociais nas sociedades moderno-contemporâneas.

A narrativa de Lino sobre diferentes fermentos e pães também apresenta elementos semelhantes aos que Pedro conta sobre os tipos de madeira e as condições de produção e exportação. No caso de Lino, articulando diferentes camadas narrativas, ele fala de uma regulação estatal sobre os tipos de farinhas para fazer os pães, sobre as condições de vida dos habitantes do IAPI e sobre a técnica utilizada para um outro ritmo de produção.

Então existia três pães. O pão de farinha de semolina era mais branquinha. O pão de farinha pura era uma farinha assim mais média, e o misto era uma farinha mais escura e ficava um pão muito pesado, entendeu, isso e aquilo. Então era um pão de pouca aceitação, mesmo aqui sendo um local de pessoas não tão abastadas, como era a vila do IAPI, uma vila de pessoas operárias, mas aquele pão saía pouco. Mais era que saía mesmo era o de farinha de semolina. Isso na década de 60, até 65, até 70, por aí, que esses dez anos aí foram desses três tipos de pães. Ai depois começaram mudando, veio o governo esse da ditadura, entendeu, e que por incrível que pareça as coisas foram abrindo um leque ali maior, pra assim, não tanta rigidez.

Só que hoje a técnica utilizada é muito diferente da que eu aprendi. Antigamente a gente tinha que ter, em primeiro lugar, tinha farinha de ótima qualidade, coisa que a gente não tem hoje. Porque hoje dificilmente tu encontra um pão de quinhentas gramas, por quê? Porque o pão de quinhentas gramas que tu pegar agora, naquela época, a gente tirava ele do forno assim duas e meia da tarde, às oito da noite ele ainda estava inteirinho, entendeu, e crocante. Hoje, entendeu, se tu tirar um pão de quinhentas gramas do forno, com essa farinha que tem aí, quando é as seis horas da tarde, sete horas, ele dobra assim que é um chicle. Ele dobra no meio, assim, é o negócio do pão murcho. Por quê? Porque falta glúten na farinha, porque entrou essas tecnologias, e aí veio uma época assim que a gente fazia o fermento da própria farinha.

E antigamente o pão, assim, era diário, mesmo que a gente fazia uns dois três tipos de pães, de farinha de centeio e misturada, meio centeio e meio farinha de trigo, aquele pão, praticamente, durava dois dias só, depois ele mofava. Hoje, qualquer companhia, qualquer empresa que tem aí, hoje os pães dessas companhias que fazem, fábricas de pães, é dez dias, doze dias a duração. Por quê? Por causa desses produtos químicos, sendo adicionados à farinha de trigo pra não mofar, pra não, antiacidulantes, uma série de produtos que põem ali e coisa e tal. Então, antigamente, a gente comia uma fatia de pão, ou duas, entendeu, e tava mais ou menos satisfeito, porque o pão parecia que tinha mais sustância. Hoje o pão parece um papel, que o cara come, assim, três, quatro, e parece que não comeu nada.

Mas como podemos, através do trabalho teórico-metodológico antropológico, compreender a articulação e a relação entre estes diferentes níveis de projetos e narrativas?

Seguindo as linhas de Gilberto Velho, podemos pensar a questão dos projetos individuais através do campo de possibilidades dentro de uma sociedade complexa

Essa problemática está presente nas biografias e trajetórias individuais. Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão. (Velho, 1994: 39)

Ainda nesta linha de reflexão, é interessante pensar na contribuição de José Sérgio Leite Lopes (1988) ao falar sobre a noção de uma tecelagem, uma teia de significados, muito próxima às linhas de Gilberto Velho. Ao falar de uma memória das fábricas de tecelagem em Pernambuco, Leite Lopes se indaga sobre as relações entre os interesses do patrão e os conflitos de classe. Mesmo assim, sua noção pode ser interessante para pensarmos nesta concepção de uma teia entre projetos individuais e coletivos. A ideia de tecelagem procura, metaforicamente,

[...] passar a idéia de processo ativo e de 'construção' histórica e cultural, da parte dos grupos sociais em presença a respeito dos conflitos de classe que têm aquela cidade por cenário. Ela evoca assim a idéia de 'auto-construção' de um grupo social, de formação de uma identidade social e uma 'consciência de classe' [...]. Mais ainda, ao sugerir a imagem de 'teia', 'trama', ou 'imbricação', ela pretende apontar para a análise de múltiplas determinações que atingem os conflitos de classe no interior dos quais o grupo operário de Paulista é protagonista. (Leite Lopes, 1988: 22)

Porém, para enfrentar este desafio de pesquisa, de articular e entender a relação entre dois níveis de projetos através das narrativas dos moradores do IAPI, opto pelo método de convergência, proposto por Gilbert Durand (2002), e repensado por Rocha (2008), por meio das coleções etnográficas, para abordar tais fenômenos como parte integrante de um patrimônio etnológico da cidade de Porto Alegre, foco dos estudos do BIEV.

#### **4.3 As coleções como solução para um problema de pesquisa**

O método das coleções, no sentido em que coloca Rocha (2008), reúne classes de imagens multimídias em núcleos de significações a partir da sua agregação em torno de categorias e palavras-chaves. O produto do processo etnográfico conforma, assim, a

montagem de constelações de imagens próximas entre si por seu simbolismo, que, aglomeradas, constituem uma galáxia onde a memória coletiva se projeta como espaço fantástico.

Para se atingir este patamar de interpretação das imagens do tempo, os pesquisadores e bolsistas são provocados a pensá-las como pistas e rastros do trajeto antropológico da ação humana no mundo. Buscamos, a partir de Durand (2002), entender as imagens produzidas pelas sociedades humanas, em suas múltiplas feições, como fruto do incessante devir entre as pulsões subjetivas do ser humano e o meio cósmico social. Como fruto de um trajeto de “hominização” da humanidade, a imagem comunica a universalidade da experiência humana no mundo cósmico e social, fenômeno de figuração estrutural que nos propicia reuni-las acima de seus contextos históricos e sociológicos diferenciais de origem.

O estruturalismo figurativo de Gilbert Durand nos permite pensar, portanto, as diversas autorias no tempo articuladas entre si sob a forma de imagens e por meio das quais as histórias humanas são narradas. A forma de coleções, constelações e galáxias que assume os diversos níveis de arranjos das imagens segundo suas formas simbólicas foi um convite aos pesquisadores e bolsistas do BIEV para desenvolverem uma linha de pesquisa específica sobre a produção de narrativas etnográficas em ambiente hipermídia, como tratamento documental dos jogos da memória (Eckert e Rocha, 2005). Nos termos de uma etnografia na era digital, o que resulta para o pesquisador é a necessidade de realizar um giro interpretativo (Eckert e Rocha, 1999) no sentido de se desvincular das clássicas dicotomias do pensamento ocidental na forma do tratamento documental das imagens, ou, nos termos de Gilbert Durand (1993), de suas hermenêuticas redutoras.

As coleções são, portanto, objetos, espaço de “re-interpretação” do tempo que nos possibilita pensar as narrativas dos interlocutores inseridas nos processos de transformação da cidade. Primeiro, porque, ao fazer etnografia de um fenômeno da cultura humana por meio de imagens, devemos considerar sua característica principal: a potência fabulatória. Impossível, assim, adotar uma postura estática diante do dinamismo das imagens narradas. O que nos remete ao segundo ponto: a relevância de se operar com homologias e não analogias no momento da montagem das coleções etnográficas, ainda com base nas formulações do estruturalismo figurativo (Durand, 2002), que permite ao pesquisador ressaltar as semelhanças estruturais básicas nos vários ramos da produção de imagens das sociedades humanas, os quais possuem a mesma origem. A investigação das homologias entre as imagens nos conduz a pensar a origem comum que as une em termos de ancestralidade e a

capacidade de refletir sobre a emergência de novas imagens como resultado de relações comuns entre elas, e por derivação entre o passado arcaico e o presente “con-figurado”.

O trabalho de tratamento documental das imagens em virtude das homologias existentes entre elas, sob a forma de coleções e constelações, sugere, portanto, ancestralidade comum entre elas. Na pesquisa com as imagens que expressam os jogos da memória no mundo urbano contemporâneo, trabalhar com coleções etnográficas, nos moldes propostos por Rocha (2008), é estabelecer outra postura de reconhecimento destas como “patrimônio da humanidade” (Durand, 2002: 190). A ideia do “trajeto antropológico” (Durand, 2002: 41) passa a ser fundamental para a compreensão do ponto de vista dos estudos de memória a partir da etnografia da duração, evitando-se cair em reducionismos referentes à dimensão criadora dos simbolismos dos jogos da memória.

Gostaríamos, sobretudo, de nos libertar definitivamente da querela que, periodicamente, põe uns contra os outros, culturalistas e psicólogos, e tentar apaziguar, colocando-nos num ponto de vista antropológico para o qual 'nada de humano deve ser estranho', uma polêmica nefasta à base de suscetibilidades ontológicas, que nos parece mutilar dois pontos de vista metodológicos igualmente frutuozos e legítimos quando se acantonam na convenção metodológica. Para tal, precisamos nos colocar deliberadamente no que chamaremos o trajeto antropológico, ou seja, a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico-social. Esta posição afastará da nossa pesquisa os problemas de anterioridade ontológica, já que postularemos, de uma vez por todas, que há gênese recíproca que oscila do gesto pulsional ao meio material e vice-versa. (Durand, 2002: 41)

Desta forma, voltar-se para as imagens da cidade e das pesquisas nestes espaços é sempre vê-las em uma constelação de sentido, segundo certos esquemas (*schème*<sup>42</sup>), e no interior de um “dinamismo organizacional das imagens” (Rocha, 2008: 5) que busca a desconstrução dos estudos das imagens a partir das relações entre causa e efeito, entre sujeito e meio social, indivíduo e cultura. Nosso desafio torna-se, então, interpretar, dialogar, compreender e se perguntar sobre a convergência das imagens simbólicas no contexto das grandes metrópoles contemporâneas. No caso de minha pesquisa, trata-se de interpretar, dialogar, compreender e se indagar sobre a convergência das imagens simbólicas sobre as

---

<sup>42</sup> O termo é utilizado por Durand e coloca um problema para o tradutor. O que poderíamos esclarecer de momento é que esta ideia coloca uma nova forma para se pensar a estrutura das imagens e o método de convergência. É considerar que o pensamento simbólico, mesmo tendo uma estrutura que não é vista como redutora, possui uma natureza dinâmica e constantemente propensa a renovações.

formas e feições do trabalho nas cidades moderno-contemporâneas a partir da condição de vida e dos projetos individuais em um bairro operário.

Portanto, o trabalho com a montagem de coleções e a produção de constelações de imagens tornou-se um relevante procedimento de pesquisa proposto por Eckert e Rocha (2005) para compreender a dinâmica temporal das imagens do trabalho na cidade de Porto Alegre. A etnografia da duração que dele resulta se mostrou, finalmente, uma forma possível de trabalhar com a memória coletiva das práticas e das expressões de temas diversos, como o trabalho e as formas de sociabilidade, no caso específico de meu estudo ligado ao IAPI. A partir da organização de imagens na forma de coleção, foi possível superar a dicotomia e abandonar a ideia de anterioridade entre dicotomias como casa e rua, interior e exterior, projetos coletivo e individual, indivíduo e sociedade, políticas nacionais e práticas cotidianas.

Inicialmente, para o aprendiz-de-antropólogo, o desafio foi a aceitação do constante movimento das “constelações” de imagens, suas adições, suas subtrações, suas incorreções e suas imperfeições no trajeto antropológico de minha pesquisa na cidade de Porto Alegre. A formação de coleções de imagens (Rocha, 2008), segundo certas categorias e palavras-chaves, era feita a partir do deslocamento incessante entre as imagens produzidas por mim ao longo do trabalho de campo nos espaços urbanos (trechos de diários de campo, fragmentos de entrevistas, conjuntos de fotografias, de crônicas videográficas, de crônicas sonoras e i-sons, etc.) e minhas intenções da pesquisa etnográficas, assim como seu campo conceitual. Conforme Rocha (2008: 8),

o que nos interessa em particular, desde o trabalho com coleções etnográficas para o estudo da duração é que o método de convergência re-interpretado por G. Durand, abarca um procedimento compreensivo de categorização das motivações simbólicas que orientam o microcosmo do semantismo das imagens no interior de uma narrativa, semantismo este sempre pluridimensional em razão da não linearidade do mundo dos símbolos e porque estruturante de todo o pensamento humano em seus esforços de enquadrar suas experiências subjetivas no mundo objetivo (telúrico, meteorológico, social, cósmico, etc.) no interior de uma duração, de um continuum de espaço tempo.

Desta maneira é possível, com inspiração na dialética que propõe o “trajeto antropológico”, pensar no movimento incessante pelo qual passam as definições conceituais e as escolhas de filiação teórica que configuram uma pesquisa antropológica. Há um devir constante, uma troca que não para de acontecer entre trabalho de campo, organização das coleções e conceituação, até o estabelecimento de um esquema (*schème*) que consiga dar

conta de preocupações do pesquisador em um momento específico da investigação. Além da própria definição conceitual que se articula entre estas categorias, há também de se observar a ligação entre as “palavras-chave”, as “subpastas” que aparecem nestas seleções.

É mais que importante ressaltar e dar exemplos para entender essa dinâmica do trabalho com as coleções de imagens. Além de categorizar ou conceituar uma imagem ou os dados etnográficos, há uma busca por níveis de sentido que as aproximam (Eckert e Rocha, 2005). Ao “escolher” ou “definir” em que “pasta” ou categoria colocar os dados etnográficos, é preciso olhar para toda a coleção, pensar na relação entre essas imagens que a constituem, e na relação que é possível estabelecer com as imagens de outras pastas da mesma categoria. O *schème* que se opera aqui é muito mais uma homologia do que uma analogia.



Nestes termos, não se considera que A está para B, assim como B está para C, mas sim que A está para B, como A' está para B'. Explicando melhor, ao pensar na pasta “Ritmos Temporais”, é preciso refletir sobre como eu ligo as imagens referidas à subpasta “Mobilidade Urbana” àquelas imagens que estão inseridas na subpasta “Paisagem Citadina”, por exemplo. Há, dentro do instante fotográfico, nos segundos ou minutos de um plano videográfico, na busca por “aquela” fotografia de acervo, no trecho “íntimo” de um diário de

campo, na narrativa de uma entrevista, muitas camadas e intenções colocadas em jogo, que têm de ser respeitadas e também “re-interpretadas” pelo próprio antropólogo – e isto torna-se mais um “problema” a ser resolvido ao montar as coleções. Problema porque é necessário, antes de tudo, adentrar o universo destas imagens, buscar a potência criadora delas na relação de umas com as outras, além de esclarecer conceitualmente novas questões teóricas da pesquisa.

O disco que acompanha esta dissertação, e está inserido como Capítulo 5, é um convite ao leitor para explorar os múltiplos caminhos, jogos e itinerários que as imagens evocam em constelação. O processo de nominação das imagens segue uma pesquisa de acervo já desenvolvida no BIEV há mais de dois anos, na qual a primeira sigla resume o fundo de origem da imagem em questão. No caso de arquivos de vídeo, som e imagem, as informações adicionais podem ser encontradas ao consultar em suas propriedades, acessadas com o uso do botão direito do mouse. Para os arquivos de texto, as informações estão logo abaixo do trecho em questão, contendo todos os dados possíveis encontrados tanto na pesquisa em acervo quanto na sua produção.

## **Capítulo 5 – A coleção de imagens: memória, trabalho e morada**

O objetivo deste capítulo é fazer com que o leitor navegue nas imagens que estão sendo evocadas a partir da escrita desta dissertação. Não há nenhuma ordem ou orientação de por onde começar. O que se sugere é que o espectador tenha paciência e olhe atentamente para estas imagens não de maneira isolada, mas em conjunto com todas que estão na pasta e também em outros caminhos. Os arquivos são facilmente lidos em qualquer computador e, se houver alguma dúvida, há no disco o instalador de um programa autorizado e livre de vírus para que os vídeos possam ser assistidos.

Abaixo, o CD.

## **Capítulo 6 – A experiência etnográfica na Argentina: a pesquisa no Parque Cornelio Saavedra**

No segundo semestre de 2011, participei do convênio firmado entre o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidad Nacional de San Martín. Durante três meses, morei, estudei e construí um universo de pesquisa próximo ao que desenvolvi em Porto Alegre, no bairro IAPI. A intenção do projeto era pensar um outro contexto de urbanização, industrialização e consolidação de bairros operários a partir do objeto de pesquisa construído durante todo o mestrado.

Sendo assim, pesquisei previamente alguns locais privilegiados para pesquisa etnográfica e, sob orientação do professor Sérgio Visacovsky, participei de encontros com seu grupo de pesquisa, discutindo temas acerca das classes médias argentinas e a pesquisa de professores e estudantes locais fora do país. Também frequentei uma disciplina ministrada no Instituto de Altos Estudos Sociais (IDAES) sobre cinema argentino e realidade política. Minha intenção, no começo, era apenas levantar algumas áreas em que foram construídos bairros operários e pensar, por meio de um estudo em acervos e museus, as transformações no tempo da cidade e desses espaços identificados.

Neste capítulo que segue, relatarei brevemente como se deu a descoberta de um campo complexo e heterogêneo, e como as questões em jogo durante a etnografia foram importantes para pensar a memória política do trabalho na Argentina, através de preocupações que já vinham sendo debatidas pelo trabalho na Vila dos Industriários. A pretensão não é mapear e delimitar um campo tão amplo quanto este em questão, mas sim

analisar, por meio de uma etnografia em um local específico, como diferentes perguntas são colocadas e pensadas através de um objeto comum, como a memória do trabalho nas sociedades complexas. Será que existe, na relação entre os dois universos de pesquisa, uma tensão que possa ser compreendida na narrativa e na vivência dos seus moradores na cidade? É possível distinguir as experiências políticas, e, mais, será que essas diferenças se apresentam dentro de uma etnografia realizada em tão pouco tempo?

## 6.1 Conhecendo um novo campo e adentrando um antigo objeto

Depois de tanto tempo realizando trabalho de campo em Porto Alegre, um novo desafio se colocava à minha frente. Não estava em uma ilha, mas em outro país, conhecendo outros contextos sociais e tendo de me adaptar a uma outra língua. A semelhança entre as línguas, à primeira vista, é facilmente desmanchada quando se tenta conversar com qualquer “nativo” ou realizar tarefas cotidianas banais.

Por outro lado, cheguei a Buenos Aires com diversas referências de bairros pesquisados na internet e o telefone de um casal que, segundo uma amiga do Brasil, morava em um bairro planejado por Eva Perón, na época apoteótica do governo peronista. Carlos e Silvia moram em Cornelio Saavedra.

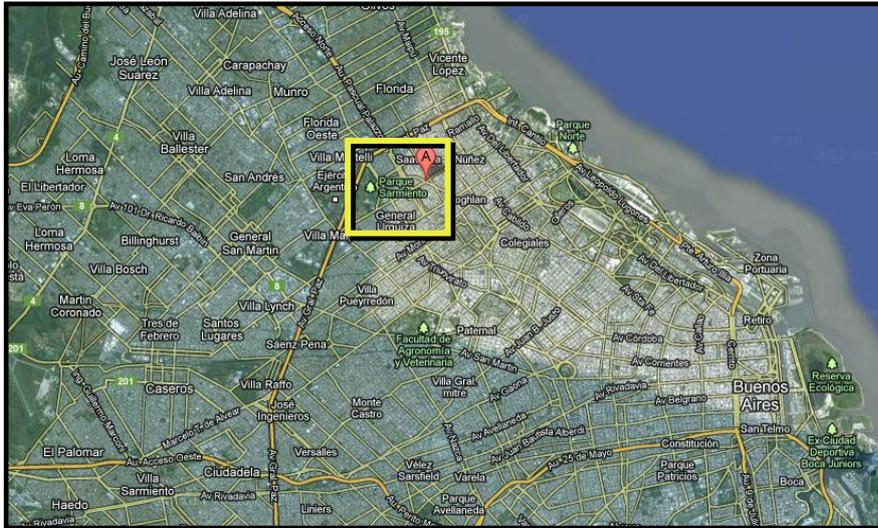
Situado nos limites entre a Capital Federal e a primeira linha do cinturão que separa a cidade da chamada Grande Buenos Aires<sup>43</sup>, o Parque Cornelio Saavedra é considerado um dos três “sub-bairros” da capital e faz parte da região denominada Saavedra. O primeiro nome do bairro foi Bairro General Perón, mas, hoje, além de Parque Cornelio Saavedra, também é conhecido como Parque Sarmiento, devido a um dos grandes parques que cercam o local.

Geograficamente localizado dentro dos limites do bairro Saavedra, que, pela Ordem nº 26.607, do dia 4 de abril de 1972, publicada no Boletim Municipal nº 14.288, estabeleceu-se como tal com as seguintes ruas: Av. Cabildo, Av. Gral. Paz, Av. Crisólogo Larralde, Galván, Núñez, Zapiola e Av. Crisólogo Larralde. O bairro “BRIGADEIRO CORNELIO SAAVEDRA” está delimitado pela avenida Crisólogo Larralde, Colectora Norte da Avenida General Paz pela rua Andonaegui. Ao seu redor, há os parques General José María Paz, Padre Carlos Mugica, Pioneros de la

---

<sup>43</sup> Denomina-se Grande Buenos Aires (GBA) ou subúrbio bonaerense a região da província de Buenos Aires que rodeia a Capital Federal. Composta por 24 municípios, a GBA tem uma população total de 9 milhões de habitantes e constitui um terço do eleitorado nacional. (Quirós, 2010)

Antártida Argentina, a Praça Vicente Solano Lima e o Parque poliesportivo Presidente Sarmiento, o maior de todos. Entre os bairros vizinhos, estão Villa Urquiza, Villa Pueyrredón e, na Província de Buenos Aires, Villa Martelli pertencente ao município de Vicente Lopez e Villa Maipú, do município do Partido de Gral. San Martín<sup>44</sup>.



<sup>44</sup> Pesquisado em <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio>, no dia 13 de agosto, às 14h50.

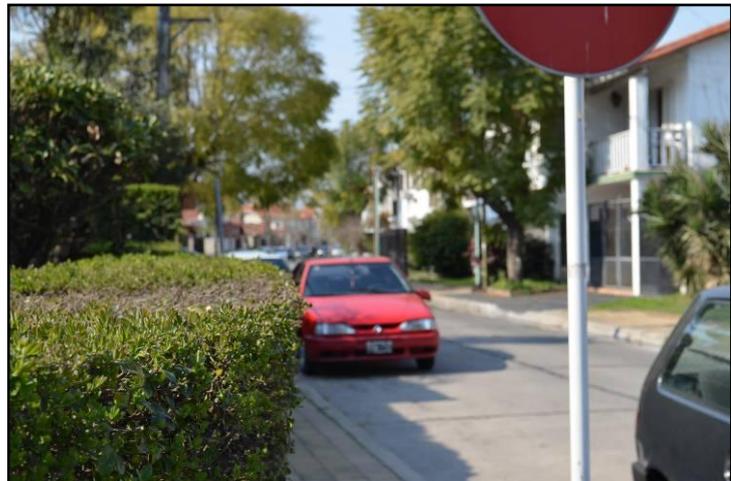
O bairro, planejado na década de 1940 por Eva Perón, é considerado um exemplo claro de cidade-jardim. Com um desenho curvilíneo, calçadas e ruas estreitas, que levam a um parque que é o centro do bairro, Saavedra também possui uma igreja, um colégio, um centro comercial, e antigamente também possuía uma sala de teatro e cinema. As casas, no princípio do bairro, seguiam linhas de arquitetura californianas. Esta corrente arquitetônica em Buenos Aires é, segundo Rosa Aboy (2003) fruto de uma revalorização da cultura hispânica, com vistas à modernidade, e pretensamente nacional. De maneira paradoxal, como defende a autora, um modelo nascido na Califórnia foi o principal inspirador para a construção de casas populares para operários.

Para chegar ao local, tive de pegar uma linha de metrô e depois um coletivo que me deixava na frente do parque Sarmiento, delimitador do bairro em uma de suas laterais. Porém, no primeiro contato que tive com o casal, Carlos me orientou a esperá-lo em frente a uma farmácia na estação de metrô, para pegar uma carona com ele e ir para o bairro. No caminho, passamos por diversos bairros e por quadras planejadas para terem moradias operárias. Desde condomínios populares, no estilo monobloco, até casas multifamiliares, no estilo da Vila dos Industriários. Assim que chego ao bairro Cornelio Saavedra, fico surpreso com a qualidade e o número de casas reformadas e restauradas por uma classe que nem de longe lembra o ideário operário peronista. Assim como Carlos já havia me salientado, hoje o bairro não é mais operário, as indústrias se mudaram e, apesar de estar próximo a um polo tecnológico, do outro lado da General Paz (rua que delimita a face norte do bairro), são pessoas de alta renda que compram estas casas, devido à tranquilidade, área verde privilegiada e inexistência de prédios ao redor. Os valores que meus informantes ressaltam no IAPI foram aqui descobertos pela classe alta, que não vê problema algum em modificar completamente a estrutura e tipologia das casas.





O bairro também é frequentado por muitos ciclistas, que usam as largas ruas que cercam a região, com pouco movimento, para pedalar em grupos ou sozinhos. Nos finais de semana, há uma modificação significativa na paisagem e no cotidiano do bairro. Por ter



diversos parques e áreas verdes, muitas pessoas de todas as partes da cidade vêm ao bairro para tomar mate com suas famílias e amigos, brincar com seus filhos e tomar bandos de sol.

Carlos e Silvia são casados há mais de 20 anos e compraram uma casa no bairro, pois queriam sossego e um lugar mais aprazível para morar. Os dois têm como hobby revitalizar móveis, pintar quadros com diferentes materiais, e mantêm uma dieta macrobiótica, um estilo de vida completamente diferente de outros portenhos com os quais já tinha tido contato anteriormente. Doutor em Antropologia, com cerca de 50 anos, Carlos não se envolve mais com a área acadêmica há bastante tempo, mas tem uma visão muito interessante sobre a cidade e seu bairro. Tanto ele – com sua visão ampla sobre o trabalho do antropólogo e as dificuldades de uma etnografia em tão pouco tempo – quanto Silvia foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho de campo.



O casal, que mora na rua 20 de Febrero, uma das principais do bairro, reformou sua casa para aumentar o pátio interno e a altura do imóvel. Ao contrário dos proprietários de outras casas do local, os dois tentaram, na reforma, manter alguns elementos da

fachada externa e não alterar o tom de cor ou o tipo de material com que eram feitas as casas originalmente. No nosso primeiro encontro, fui convidado por eles para caminhar pelas ruas do bairro e ouvir algumas de suas histórias sobre as mudanças e as características do local. Durante a caminhada, vi alguns cartazes de primárias que estavam para acontecer, em meio a casas geminadas ainda não modificadas, ciclistas de diferentes idades, uma fábrica abandonada da Jeep e alguns policiais fazendo uma espécie de ronda particular. Carlos me contou que esta fábrica abandonada foi comprada para que fossem construídas duas grandes torres residenciais, mas a obra acabou sendo embargada pela associação de moradores. Esta é uma das características que fazem do bairro um espaço imobiliário muito valorizado. Depois desse período, foi estabelecida uma lei que proíbe construções mais altas que as antigas casas. Outra peculiaridade que me chamou a atenção foi essa ronda policial particular, que é um acordo da associação de moradores com a polícia, para que as grandes e ricas casas do local não sejam alvo de ladrões.

Foi na casa deles que Carlos me mostrou imagens de Santoro, artista plástico que, à época de ouro do governo peronista, retratou algumas situações que povoaram o imaginário nacional quando os bairros operários começaram a ser construídos.

## **6.2 A construção de casas populares e a política habitacional peronista: um breve resumo**



habitação do trabalhador da indústria. O fim da guerra trouxe para a Argentina, assim como ao Brasil, o desafio de fortalecer e estimular o crescimento da indústria nacional, junto a um grande fluxo migratório europeu. De acordo com Rosa Aboy (2003) entre 1880 e 1910, chegaram à Argentina cerca de quatro milhões de imigrantes europeus, dos quais 60% se radicaram em Buenos Aires. Entre 1936 e 1947, mais de um milhão de pessoas do interior do país se transferiram para as cidades, empurradas pelas mudanças na economia interna.

Um dos grandes problemas que a cidade de Buenos Aires enfrentava, diante desse crescimento do número de trabalhadores urbanos ligados à indústria, era a falta de espaço para construir estes conjuntos habitacionais, visto que na época Buenos Aires já estava consolidada, com cerca de 2.540.000 de habitantes (Ballent, 2009). De acordo com Anahi Ballent, esse problema advinha de um processo que diferencia Buenos Aires de outras capitais na América Latina. Segundo a autora, “los sectores altos nunca abandonaram el centro em Buenos Aires, ya que el proceso de suburbanización de La ciudad tuvo un carácter marcadamente popular; el centro jamás perdió su atractivo, su prestigio, ni su poder simbólico”. (2009: 40)

Interessante pensar que hoje, após um longo período de transformações na cidade de Buenos Aires, o bairro seja procurado por classes mais altas para estabelecer moradia e fugir do centro com alta densidade populacional e pouco arborizado.

A política trabalhista de Perón também se caracterizava, assim como a de Getúlio, por uma franca preocupação com a habitação e uma relação próxima e centralizada para com os sindicatos. Segundo Aboy, o peronismo inaugurou o ciclo do Estado planejador e fortemente intervencionista no país. Para a autora, esta “vocação centralizadora” (2005: 42) era favorecida por um clima na opinião pública que via o insucesso das intervenções privadas para problemas como o da imigração e habitação popular. De acordo com Aboy, ao contrário de outros regimes políticos similares, como no Brasil, n o houve por parte de Per n uma ades o a um programa arquitet nico específico.

En efecto, en la Argentina, donde a diferencia de otros países no puede hablarse de una adhesión de la m s alta instancia de poder político a un ideario arquitectónico o urbano definido, los partidarios de los diferentes modelos urbanos lograron materializarlos a través del peronismo, que en este como en otros casos, revel  ser capaz de contener impulsos diversos, cuando no contradictorios. (Aboy, 2003: 07)

Segundo os autores aqui referidos, o fortalecimento do poder de crédito do Estado para com o cidadão através da criação do Banco Hipotecário Nacional, foi o grande marco do

governo peronista na tentativa de afirmar a narrativa do direito ao “bem-estar” do trabalhado. O BNH possibilitou crédito para sindicatos, indústrias e associações de trabalhadores construírem casas e erguerem novos bairros.

A discussão sobre o bem-estar e por uma sociedade mais igual foi um dos motes para incentivar a construção de casas populares. Segundo Gaggero (1996: 24), a criação do BHN foi um dos marcos desta política de habitação peronista. Conforme indica o autor, o surgimento do banco se enquadrou na reforma bancária iniciada no ano de 1946, e era definido como uma “entidade autárquica do Estado nacional que integra o sistema do Banco Central da República Argentina a fim de coordenar suas atividades com a política econômica, financeira e social do Estado”. (1996: 24)

O “direito ao bem-estar” (Gaggero, 1996: 24) fazia parte de um corpo amplo de direito dos trabalhadores, enunciado no primeiro mandato de Perón, em fevereiro de 1947, como uma tentativa de romper com a empreitada liberal e abstencionista do Estado de governos anteriores. Em 1945, ao iniciar as atividades do Conselho Administrativo Nacional da Habitação, Perón proferiu as seguintes palavras:

Si la vivienda pobre, destarlada y miserable, pudo servir hasta ahora de argumento para efectistas y truculentas disertaciones y ser tema que confundió la prensa em enjundiosos editoriales, estudió el sociólogo, hasta sus últimas derivaciones, analizó el estadígrafo a través de números reveladores de increíbles hacinamientos y de progresiva denatalidad y si por lo más, dio lugar a algunas iniciativas legislativas y a realizaciones prácticas de escaso relieve frente a las ingentes necesidades del pueblo, no constituyó nunca em las alturas del poder una preocupación verdaderamente honda y patriótica, que impulsando a la voluntad com pasión incontenida, provocase esse empuje realizador que todo gobernante debe desplegar, cuando corren riesgo valores imponderables como la supervivencia misma de la estirpe y el acrecentamiento del capital humano, cuyo déficit es y há sido siempre sintoma inequívoco de grandes males sociales.<sup>45</sup>

Foi no ano de 1947 que Perón, assim como Getúlio, tomou uma das medidas principais para o processo de mudança que tentava, sob diversos aspectos, colocar a ideologia trabalhista e a centralização do governo como base para uma transformação social. Sobre sua jurisdição, o Departamento Nacional do Trabalho foi transformado em Secretaria do Trabalho e Provisão Social, incorporando organismos preexistentes como a Comissão de Aluguéis, a Comissão Nacional de Casas Baratas e a recém-criada Comissão de Assessoria à Casa Popular. Dentro deste marco, seus discursos prontamente avançaram para reconhecer o

---

<sup>45</sup> Ballent, 2009: 31, retirado do periódico *La Prensa*, de 07 de junho de 1945.

“direito à moradia” como um componente do direito ao bem-estar, que logo foi reconhecido pela Constituição de 1949, em seu artigo 37, proclamado em 1948, por Eva Perón.



É possível perceber, de forma clara, como o debate e a política pública voltada para a habitação operária é um dos focos e temas centrais do governo de Perón, que, ao lado de sua mulher, consegue, através de diversos processos político-sociais, instaurar uma nova ordem de construção popular.



O surgimento do bairro Juan Perón, atualmente conhecido como Cornelio Saavedra, ocorreu em um período próximo a esta nova ordem política argentina. Em termos de uma discussão arquitetônica, havia uma disputa entre a definição de casas

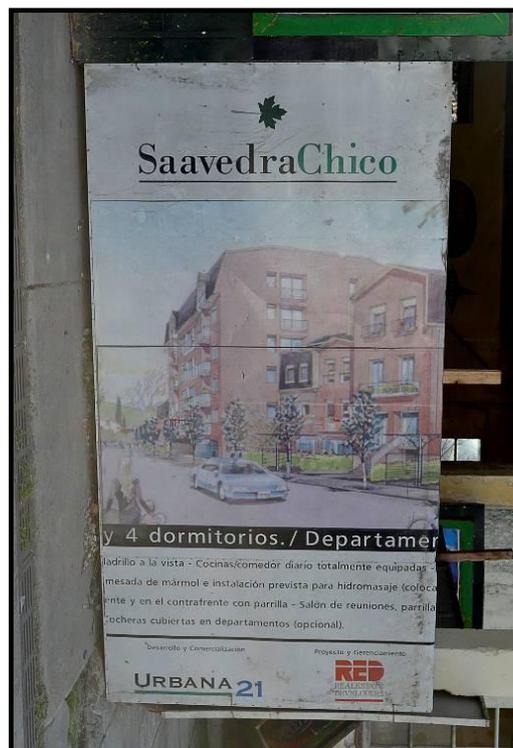
coletivas e casas individuais, entre uma ambiência rural frente a um desenvolvimento acelerado do urbano. É possível considerar a construção de casas individuais, dentro de um modelo urbanístico de aproveitamento e uso do espaço público como as cidades-jardim, uma resposta a algumas destas contradições. Segundo Aboy (2005) o bairro Juan Perón se direciona com as orientações dos setores advindos do catolicismo, que viam na casa individual o lugar da família cristã constituída, fundada no matrimônio indissolúvel, em lugar das aspirações comunitárias e de igualdade social, como os monoblocos construídos em bairros como Ciudad Evita e Los Perales.

Segundo muitos autores, Eva Perón foi uma das grandes defensoras dos projetos de casas individuais. No final da década de 1940, antes do terceiro período do governo peronista, junto a uma grande ação do Ministério de Obras Públicas, a primeira-dama se vinculou ao organismo e criou um plano habitacional financiado pela “Ajuda Social Campanha María Eva Duarte de Perón”, que depois veio a se tornar a “Fundação Ajuda Social María Eva Duarte de Perón”, também chamada de Fundação “Eva Perón” (Ballent, 2009: 88). O bairro aqui em questão, Juan Perón, foi fruto de uma associação entre a Fundação e o Ministério de Obras Públicas, que financiou quase toda a obra. Segundo Ballent, a figura feminina ligada às obras públicas habitacionais conferia uma legitimidade ao “direito à moradia”, tendo em Eva a figura da égide católica e da família popular argentina.

A questão que segue, depois desta breve análise, é saber como alguns moradores do antigo bairro Juan Perón agenciam, através de suas narrativas, estes elementos em jogo com suas experiências individuais e seus projetos de vida. Na mesma linha do que foi feito com as narrativas de Lino, Rosa, Pedro e Sueli, entre tantos outros, tentei me aproximar, através desta nova



rede do bairro, de antigos moradores. A partir de Carlos e Silvia, fui aos poucos me familiarizando com o bairro e tornando mais complexas as reflexões que fazia nas caminhadas da etnografia de rua. Por meio deles, pude conhecer e conversar com um antigo morador do bairro, Seu Jorge Robert Gonzales.



### 6.3 Gonsalito e a vida política: “a casa tem que estar a serviço das pessoas, e não as pessoas a serviço da casa”



Nas minhas saídas de campo posteriores, comecei aos poucos a conhecer o bairro sem a companhia de Carlos e Silvia. Tentando entender a dinâmica das ruas, e procurando algum tipo de sociabilidade nas calçadas, deparei-me

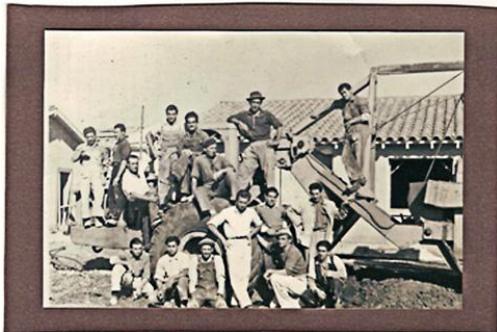
com alguns elementos interessantes do bairro, e fui encontrando, aos poucos, uma forma de pensar imageticamente as feições de um local que continua passando por transformações e rupturas grandes desde seu surgimento.

Uma das imagens que me chamou atenção foi a da antiga fábrica da Jeep. Na frente do prédio abandonado, ainda estão as placas de venda das antigas torres residenciais, embargadas pelos moradores. Há também, próximo ao parque Padre Benitez, onde está a igreja local, outro prédio abandonado, que, segundo Carlos, é o antigo cinema, hoje desativado. O parque possui esse nome em homenagem a um antigo pároco do local, que, de acordo Carlos e Gonsalito, era o confessor de Eva Perón e foi tirado da paróquia após a Revolução Libertadora de 1955.

Neste mesmo dia, sábado, pude perceber a diferença de sociabilidade que acontece no bairro durante os finais de semana. Pessoas de todos os cantos de Buenos Aires vêm ao parque para ficar com sua família, jogar bola, tomar mate e caminhar.

Carlos já havia me comentado pelo telefone que tinha um vizinho, morador antigo do bairro, disposto a auxiliar na pesquisa. Logo que terminei minha caminhada, fui até a casa de Carlos e Silvia e, depois de uma breve conversa, Carlos me levou até a casa de Gonsalito. A apenas poucos metros de distância, a casa de Gonsalito ainda conserva a feição arquitetônica antiga, e, como algumas casas individuais do bairro, é geminada, com um pequeno pátio à frente.

Conheci Gonsalito no dia 03 de setembro e, depois de alguns minutos de conversa na porta de sua casa, entendi o porquê de Carlos me falar que Gonsalito era um narrador falante e simpático. Um pouco mais baixo que eu, com ralos cabelos brancos e de óculos, fala um tanto acelerada e voz rouca, Gonsalito nos conta que está reformando a casa e que uma entrevista seria ótima, só que depois da reforma, que ainda perduraria por mais dez dias. Seu Gonsalito, assim como outros moradores, estava mudando e mexendo em sua casa para melhorar seu conforto. Como metalúrgico e professor aposentado, certamente seu salário não deve permitir uma reforma tão ampla e glamorosa quanto a de seus vizinhos mais recentes, mas alguma coisa pode ser feita nas casas geminadas de estilo californiano. Logo ao começar o diálogo, seu Gonsalito já se empolga e nos diz para esperar enquanto vai pegar fotos suas. Estávamos na parte de fora da casa, aproveitando o sol, e conseguíamos ver um pouco da casa em transformação, quando Gonsalito desceu com fotos suas com o casal Perón e outras



figuras importantes da política argentina. Ele se orgulha do momento em que era dirigente sindical de um dos mais importantes sindicatos da época, o dos metalúrgicos, e conta que hoje em dia a política se faz de forma diferente.

No meio de tantas informações sobre o bairro e sua vida, a mediação de Carlos neste primeiro momento foi fundamental. Graças a ele, consigo entender parte dos causos que não compreendo, ligados à ditadura, perseguição política e revoluções, que são tratados por Gonsalito através de causos pessoais, e sempre possuem uma série de siglas no meio da narrativa. Quando questionado sobre a entrevista, tive outra surpresa que me facilitou a etnografia e posteriormente a reflexão sobre o bairro. Gonsalito não só está disposto como faz questão de mostrar a um pesquisador brasileiro a gloriosa memória peronista, assim como as dificuldades de se viver cercado por uma ditadura militar violenta. Suas condições são claras: aguardar a reforma da casa, e que seu sobrinho, estudante de Arquitetura, esteja junto.

Foi a partir deste sobrinho que pude ter acesso a alguns elementos e textos sobre Aquitetura e sobre a memória do bairro. No dia da entrevista, Carlos me acompanhou, novamente realizando a mediação com Gonsalito. A hora e o dia – sexta-feira, às 21h – foram combinados por ele, que nos esperava com um *flan* com doce de leite e café recém-passado. Ao nos receber na porta, Gonsalito abriu os braços nos convidando a entrar. Sua casa, como uma das geminadas do bairro, é estreita e comprida. No primeiro andar, há um corredor que leva para uma sala nos fundos, que estava bagunçada e cheia de materiais para construção, consequência das reformas recém-realizadas. A escada fica à esquerda e leva para uma sala grande, onde há uma mesa de jantar no centro e, próximo à janela da rua, uma saleta que funciona como escritório. No outro lado, há uma cozinha com bastante espaço e um pequeno corredor que dá acesso ao seu quarto, além da outra sala com muitas fotos e lembranças da época em que era sindicalista e tinha uma relação muito próxima com o casal



Perón. Na sala, há uma série de fotos que retratam muitas das reuniões que Gonsalito teve com Eva, Perón e outras figuras ilustres da política argentina.

Além deste dia, também realizei outra entrevista, nesta oportunidade sozinho, na mesma mesa da sala onde sentamos eu, Carlos, ele e seu sobrinho na primeira vez. Na segunda conversa, Gonsalito já se mostrava mais à vontade com a minha presença e com o uso da câmera, e me deu como presente uma cópia das fotos que estão também expostas na parede.

A trajetória de Gonsalito é repleta de nuances e consequências de sua atividade política e dos processos de troca de governo que aconteceram na Argentina. Quando lhe

perguntei sobre sua história, pude perceber como a memória política dos projetos nacionais estava imbricada nas suas escolhas individuais.



Eu fui pupilo, estudante de um colégio religioso, salesiano. Vivíamos na província, e viemos para a capital federal Buenos Aires, e comecei a estudar na Faculdade de Veterinária, queria ser veterinário. Neste momento, consegui um emprego no Ministério da Agricultura, que me pagava bem, tinha tempo para estudar e para trabalhar. Mas aí veio a Revolução de 43, e aos 15 dias ficamos todos de aviso. Estávamos trabalhando porque era costume deixar o pessoal da comissão, quando havia uma revolução, e todos que tinham alguma ligação política ou algo o demitiam. Depois disso, consegui um trabalho no estabelecimento metalúrgico San Martin, em Avellanda, estudava na faculdade e seguia trabalhando.

Já estando Perón como secretário de Trabalho, começou a tratar com os operários, começaram a se organizar, as organizações começaram a engrandecer, e um dia, um empregado do estabelecimento

me disse que os operários conseguiam mais coisas porque estavam sindicalizados, que os empregados não conseguiam porque não tinham agremiação, e tínhamos que fazer o mesmo que os operários, e, depois, me associei à União Operária Metalúrgica, e isso teve como consequência que no dia seguinte meu chefe me perguntou que havia feito, que tinha recebido uma visita dos operários, e falei que eu tinha me sindicalizado, e disse que não estava certo, que eu tinha que ter falado com ele antes. Eu disse que não, que eu agia de acordo com a minha consciência, que para mim não havia problema em me filiar.

Desde esse momento, meu chefe começou a controlar, e dizia aos outros empregados que tratassem de falar o mínimo possível, e um dia me arrancou papéis que eu tinha na mão, no depósito, para ver o que eu estava fazendo, e isso me trouxe como consequência que eu fui até o sindicato, falar com eles sobre isso, e me ofereceram um cargo. Eu fui trabalhar na seccionaria do Sindicato da União Metalúrgica, e em um ano como secretário-geral dos empregados metalúrgicos.

Esta trajetória, marcada por conflitos que o levaram a ser dirigente sindical, é uma das muitas narrativas sobre um tempo marcado por mudanças e escolhas que foram feitas a partir do contexto político em que Gonsalito estava inserido. Em um segundo momento, é possível

perceber uma mudança no ofício e nas formas como ele agenciava sua posição e influência política na luta sindical.

No ano de 47, comecei a trabalhar, ia ao Ministério do Trabalho, tinha reuniões com Evita, que nos ajudou muito para os sindicatos. Em um ano, fizemos o primeiro convênio metalúrgico, dos empregados. E já então, entrei como dirigente, na comissão diretiva da União Trabalhadora Metalúrgica de todo o país, como secretário administrativo, e, à parte, como secretário-geral do ramo de empregadores dentro do sindicato.



Isso me trouxe como consequência que deixei de estudar veterinária, segui na parte sindical. Trabalhei em contato com Perón, e com Evita, sempre nos reuníamos. Perón tinha o costume de se reunir todas as quartas com um sindicato diferente. Isso nos deu a possibilidade durante um ano de ter muitas reuniões com ele. Todas as quartas uma reunião com um sindicato diferente, na casa do governo com Perón. Tanto assim que eu tive a oportunidade de conhecer o príncipe Bernardo de Holanda, que tinha vindo ao país por uma fábrica, e neste dia na reunião, quando saímos, Evita nos perguntou aonde íamos. Dissemos que íamos ao sindicato, e ela nos disse que haveria uma reunião no salão branco, nos convidou para reunião, e tivemos a oportunidade de conversar com príncipe Bernardo e com Evita e Perón.

Quer dizer, isso era a forma que tratava Perón e Evita aos dirigentes sindicais, em contato com as personalidades que vinham de todo o mundo. Atendia aos operários como se fossem uma parte a mais do conjunto agregados à presidência, os tratava muito bem. E isto que estávamos

trabalhando recém para que os sindicatos se organizassem, porque anteriormente, havia sindicatos, gente de muito valor que estava trabalhando, que graças a eles depois pudemos fazer os sindicatos crescerem, se tornarem grandes, e que, devido à revolução de 55 se terminou. Porque Perón, em conjunto com a CGT, queria fazer o ATLAS, a Associação dos Trabalhadores da América do Sul. Para isso fazíamos reuniões com os dirigentes de distintos países da América do Sul, mas tudo isso se terminou porque desde lá, principalmente da parte de cima da América, o que menos se queria era que os trabalhadores da América do Sul se organizassem em uma central.

Assim fomos até o ano de 54, e no ano de 54 se fez um novo convênio, e por desgraça, neste momento a situação econômica era regular, o convênio foi aceito por algumas seccionais, e outras não, fizeram paralisações, declaradas legais. Na seccional Morón, gente

que queria fazer a separação, matou o secretário-geral, o companheiro Ruiz, e isso trouxe como consequência, de que como, neste momento no país, uma situação dessa, causava sérios danos à imagem do governo Perón. Não porque eles tiveram algo a ver, mas porque sindicatos bem peronistas tiveram essa situação, nós renunciámos, para, no prazo de três meses, fazer uma eleição de dirigentes. Mas, quando estávamos nessa situação, veio a revolução de 55, e os Sindicatos foram perseguidos. Eu, novamente, voltei a trabalhar na fábrica como empregado, até o ano de 75, que voltei ao sindicalismo, mas não como metalúrgico, mas já como da parte profissional, entrei como docente, e voltamos a fazer renascer a União Docente Argentina, uma agremiação de professores que havia sido fundada e criada por Perón e Evita no ano de 48.

Assim como nessa narrativa de Gonsalito sobre as reuniões semanais no gabinete presidencial, a forma como as casas foram distribuídas e dadas aos trabalhadores também reflete uma face comum do governo peronista: a centralização dos sindicatos e a relação quase que paternalista que havia com os trabalhadores.

Era assim, muitas das pessoas tinham entrevistas com Evita, lhe pediam ajuda, pediam casas, ajudas de trabalho, e isso, de acordo com as normas, Evita dava. Eu, por exemplo, fui pedir uma casa para Evita, porque fazia cinco meses que havia casado, me perguntou qual queria, eu disse que uma de 325 pesos, e me deu esta casa. Eu, pessoalmente, pedi a ela. Ela vinha quase todos dias no bairro. Aqui, no começo, entraram vários dirigentes sindicais, que com contato diário e tudo isso, puderam conseguir casas. Porém, havia gente do Ministério de Empregados de Obras Públicas, que também vieram. Chefes de operários de fábrica, que por meio do sindicato e tudo mais também conseguiram casas. Era assim que se conseguiam as casas naquele tempo. Não havia um sorteio direto, e sim as pessoas que iam diretamente pedir, não só nesse bairro. Quase todos outros bairros que se fizeram aconteceu dessa forma.

Esta casa de 235 pesos era um dos tipos de casas que havia no bairro. Ao perguntar para Gonsalito sobre o começo da construção e o planejamento do bairro, o ex-sindicalista me falou sobre as políticas peronistas e a influência de Eva Perón na escolha dos tipos de casas, na elevação de um bairro operário que anteriormente era destinado aos militares.

Aqui, este bairro, foi construído pelo Ministério de Obras Públicas e pelo Banco Hipotecário Nacional. Na realidade, este bairro seria para as Forças Armadas, para o regimento que está aqui atrás, na General Paz. Em uma oportunidade, Evita disse a Perón, que estavam fazendo

casas para os militares e, para os operários, não se faziam. Então, pediu que esse bairro fosse destinado aos trabalhadores. Então, Perón lhe deu o bairro, e Eva distribuiu entre as pessoas que a pediram, entre gente que não tinha casa, que não tinha onde viver, na forma de aluguel. Toda a construção do bairro foi supervisionada constantemente por Perón e Evita. Por isso, por este bairro, ela tinha tanto carinho. Mas, quando o bairro se terminou, em 49, se outorgaram as primeiras casas. Na verdade, as distribuíram como aluguel, mas na verdade o aluguel era bastante alto para esta época.

Eu, por exemplo, quando vim para cá, o aluguel me saía 325 pesos por mês, e eu nesse momento ganhava 700. Era dirigente de um sindicato. Por esse motivo também, muitas casas que eram maiores, que ficam à frente da General Paz, com terrenos maiores, ficaram muito tempo desocupadas.

Claro, porque eram caríssimos, 400, 500 pesos de aluguel. Aí sim veio gente de poder aquisitivo maior. Em geral aqui tinha dirigentes sindicais, operários, empregados, gente que trabalhava, por exemplo, como estivador escreveu cartas a Evita e lhe outorgaram uma casa. O aluguel mais baixo era de 190 pesos, que chamávamos de casas coletivas.

Aqui há casas tipo individuais, e coletivas, todas na mesma quadra, grudadas umas nas outras. As propriedades individuais têm seu terreno próprio, seu jardim próprio, entrada própria, e tudo. O material que se usou foi de primeira. Tanto é assim que eu agora tive que pôr estufa de tiro balanceado, e como puseram o cano pela parede, aqui onde puseram a canaleta, para fazer foi quase um dia. Porque romper essas paredes, só com estaca e martelo, é toda uma odisseia. Essa casa é daquelas que fizeram para os operários, a melhor de todas.

Segundo argumenta Gaggero (1996: 92), o pagamento mensal para o Banco Hipotecário Nacional implicava o gasto médio de 20% do salário do operário, que aumentou depois desse processo inflacionário narrado por Gonsalito. Os trabalhadores beneficiados por este plano habitacional de casas individuais foram os que tinham melhores condições e relações mais estreitas com dirigentes de sindicatos e com a própria primeira-dama Eva Perón. Dentro destas mudanças, há uma interessante no bairro que se refere aos nomes das ruas e do próprio bairro, que sofreram alterações depois que o governo peronista deixou o poder com a Revolução de 1955.

Este bairro também, no começo, foi conhecido como o bairro General Perón. Veio a Revolução de 55, e mudou de nome, e lhe colocaram bairro Cornelio Saavedra. Não só mudou o nome do bairro, mas como também mudaram os nomes das ruas. A rua onde eu vivo era 1º de maio, que é uma festa internacional dos trabalhadores, mas, claro, fizeram a revolução e não queriam saber de nada, então mudaram

para 20 de fevereiro, que é a data da batalha de Salta. Mas aqui, quando se terminou o bairro, colocaram como nome de uma das ruas, em homenagem aos operários que haviam trabalhado na construção do bairro, em uma rua, puseram o nome do melhor de todos, que nunca faltou, que não fez nada errado, que era Arena, não me lembro bem, também trocaram. Tudo que tinha referência ao governo Perón, os militares tiraram.

No site do bairro, há uma lista com o nome das ruas atuais e a data em que estas foram mudadas. A rua hoje chamada Carlos Henrique Pellegrini, em 1949, tinha como denominação Maria Eva Duarte de Perón. Outra rua central no bairro, hoje conhecida como Rogério Yrurta, na data da inauguração do bairro se chamava Juan Domingo Perón. Na narrativa de Gonsalito, há também o caso da rua 20 de Febrero, data da batalha de Salta, que antigamente se chamava 1º de Mayo.

Outra característica do bairro, que é uma preocupação evidente para Gonsalito, tem a ver com a mudança de moradores, nas feições e no estilo de vida, que alteram as construções do imaginário peronista e trabalhista que antes ambientava o bairro.

Aqui viviam pessoas de diferentes ideologias políticas. Não havia só peronistas, tinha até gente sem posição política, que conseguia por intermédio de alguém. Por exemplo, quando a pessoa vinha falar comigo no sindicato, eu não lhe perguntava a posição política. Porém, depois que saiu a nova lei, anularam o contrato antigo e saiu a lei de vendas, as pessoas começaram a vender as casas, começou a vir mais gente, pessoas de maior poder aquisitivo, e começaram a modificar as casas, as estruturas. E o que poderia ser um alvo do turismo, por ser um bairro típico, hoje já tem estruturas de todos estilos.

Era uma cidade-jardim com chalés californianos, e com o tempo se modificou. Vai acontecer o que aconteceu com as famosas casinhas que fizeram em Liniers, que foi mudando tudo, a estrutura. A estrutura que construíram no começo hoje já está toda modificada. Claro que não se pode modificar as coletivas, porque se quer modificar algo embaixo tem que falar com o morador de cima, mas se alguém compra os dois, agora não pode, mas isso é muito embromado. Mas agora, o que passa, eu agora comento, uma pessoa vivia em uma casa de quatro ambientes, cinco ambientes, e tinham um casamento com dois ou três filhos. Agora tem matrimônios de um filho, em uma casa com quatro ambientes, e querem reformar, deixar mais espaçoso. A casa tem que estar a serviço das pessoas, e não as pessoas a serviço da casa. Para mim, minha forma de pensar. Por que quero ter uma habitação se depois não a uso?

A transformação do bairro se deu em meio a uma nova condição econômica do processo imobiliário argentino e a uma valorização de espaços distantes do centro. Longe de serem considerados indivíduos de uma classe média argentina, é possível verificar que a mudança nos valores de “bem-estar” foram se modificando, ao mesmo tempo em que preservando elementos que já estavam colocados na época de construção do bairro. A valorização do espaço verde e da casa individual, de lugares que privilegiam a circulação de pedestres e o lazer familiar, típicos dos projetos das cidades-jardim inglesas, é o que hoje atrai moradores com alto poder aquisitivo e capacidade de investimento em novos imóveis. O complexo processo econômico de valorização do dólar e a posterior crise capitalista na Argentina fizeram surgir no país, como ressalta Carman (2011), uma valorização deste tipo de espaço, voltado para um desejo de segurança em cima de imagens ligadas à natureza.

Este processo de surgimento de bairros afastados do centro da cidade, voltados para uma classe média enriquecida beneficiada pelo governo justicialista de Carlos Menem entre 1989 e 1999, de acordo com Sergio Visacovsky (2008), aparece como um novo momento de urbanização das classes médias argentinas, um momento de privatização da vida. Nesta época, segundo o autor, prevalecia no discurso destas camadas sociais um prevaletimento do privado sobre o público, o que fez surgir uma série de questões acerca de uma nova classe média, fragmentada e sempre dividida. Sobre este novo estilo de vida ligado à natureza desta classe média enriquecida, Visacovsky escreve:

[...] en efecto, parte de los nuevos emprendimientos urbanos propugnaron la gestación de zonas que promocionaban ciertas garantías anheladas por determinados sectores, como la mayor seguridad frente a los delitos que podía ser garantizada por compañías privadas, y servicios urbanos eficientes, al mismo tiempo que un tipo de vida 'menos urbano', 'más próximo a la naturaleza'. (2008: 10)

É interessante, antes de querer fazer uma comparação estreita entre o caso do IAPI e o do bairro Juan Perón, atentar para os diferentes valores e contextos que foram agenciados através das narrativas de seus moradores. Na Vila dos Industriários, a noção de natureza continua sendo um valor ressaltado pelos moradores, mas não serviu, até agora, para uma valorização do espaço e uma mudança nas feições de sociabilidade do bairro. No caso argentino, uma série de crises políticas e econômicas enfraqueceu o setor imobiliário para as classes médias e baixas, fazendo com que bairros afastados e ligados a espaços menos urbanizados fossem valorizados. Em meio a isto, os projetos individuais de diversos

moradores e *habitués* jogam com estes processos de mudança, lidam com rupturas, perdas e, nas suas narrativas, por muitas vezes, balizam suas trajetórias pela experiência da morada e da sociabilidade de bairro.

## Conclusão

*Barrio... barrio...  
que tenés el alma inquieta  
de un gorrión sentimental.  
Penas... ruego...  
jesto todo el barrio malevo  
melodía de arrabal!  
Barrio... barrio...  
perdoná si al evocarte  
se me pianta un lagrimón,  
que al rodar en tu empedrao  
es un beso prolongao  
que te da mi corazón.<sup>46</sup>*

Pensar a questão da memória do trabalho tendo como palco as relações sociais estabelecidas nas sociedades complexas acabou se mostrando uma tarefa muito mais árdua do que no começo da pesquisa. Os indivíduos da cidade, diante de uma série de códigos de significados e um campo de possibilidades, agenciam suas escolhas e suas trajetórias através de narrativas que envolvem sempre rupturas, lacunas e ondulações que somente o ritmo temporal das sociedades moderno-contemporâneas consegue abarcar. Conhecer o IAPI nos meandros de suas ruas, vielas e sinuosos prédios me mostrou como os itinerários urbanos na cidade podem se renovar e agenciar diversos elementos das transformações temporais que essa cidade sofre.

Se estamos aqui diante do fenômeno do tempo nas sociedades complexas, é preciso perguntar como a prática etnográfica e a produção de conhecimento na Antropologia podem contribuir para questões da vida cotidiana que revelem algo além de um discurso pronto ou idealizado sobre a cidade. Adentrar no agenciamento de uma memória coletiva é mergulhar

---

<sup>46</sup> “Milonga del Arrabal”, de Alfredo Lepera e Mario Battistela.

nos jogos da memória que estão sendo postos em dinâmica, modificando e sendo modificados pelas tensões comuns da *urbe* e da interação de seus habitantes.

Olhar para o IAPI por meio destas lentes é mirar as práticas cotidianas, o ritmo da vida vivida em seus pormenores, as artes de fazer, os enunciados narrativos da memória e as formas de sociabilidade dos seus moradores e *habitués*.

Durante a pesquisa de campo, acabei descobrindo trajetórias inspiradoras, e um bairro totalmente novo aos olhos de um simples passante que nunca havia se dado conta da importância daquele lugar para a memória coletiva da cidade. A cada nova visita ao campo, novo clique da máquina fotográfica ou da câmera de vídeo, via uma nova cidade narrada, um novo projeto, e novas dúvidas apareciam junto a narrativas que iam e voltavam em diversos tempos e locais de Porto Alegre.

Ao mesmo tempo em que procurava entender melhor e achar provas históricas sobre os processos de mudança e transformação no IAPI, via na fala, nos gestos, nas práticas cotidianas e nas formas de sociabilidade dos moradores uma maneira diferente de contar essas estórias, de mostrar que não há nenhum tipo de sobreposição causal entre as ações macrossociais, o cotidiano e a interioridade dos narradores do bairro. O trabalho com coleções, neste sentido, a todo o momento me colocava diante de novos desafios conceituais, mostrando a força das imagens e sua potência “fabulatória”. Editar, cortar, trocar de lugar, olhar fotos e vídeos em conjuntos, rever meus diários de campo, tudo era motivo para novas dúvidas e instigava um novo arranjo destas camadas narrativas. Ainda mais importante foi aceitar e compreender que há na vida social das grandes cidades uma gama de conflitos, contradições que, antes de serem problemas, são o vigor e o poder da vida cotidiana.

Transitar em tantos espaços etnográficos e tantas camadas narrativas sempre me trouxe o nervosismo e os anseios de novas experiências de campo, botando em jogo minha capacidade de compreensão do outro e suas narrativas. Por vezes, vi-me somente como um cientista em busca de dados e provas que comprovassem minhas hipóteses e, no momento em que me permiti entrar neste devaneio e compartilhar minhas narrativas com estes moradores, a vontade era só de voltar cada vez mais a campo, mostrar fotos que havia feito e saber sobre as novidades do bairro.

É preciso salientar, ainda, que, por outro lado, o trabalho realizado nesta dissertação mostrou que é possível lidar com diversos níveis de análise e de compreensão da vida social. As análises dos projetos políticos nacionais e de políticas públicas de habitação são todas passíveis de interpretação a partir da Antropologia. Se olharmos para o cotidiano sob a ótica

da disciplina antropológica, vemos que é feito de conflitos e relações que são também organizadas e agenciadas de acordo com alguns códigos e formas de sociabilidade.

Ao me deparar com uma realidade diferente em Buenos Aires, percebi o quão difícil é olhar para um novo contexto e universo de pesquisa já tendo refletido e escrito sobre uma realidade que, à primeira vista, parecia praticamente idêntica à brasileira. Há, sim, semelhanças e pontos que convergem entre os dois bairros aqui estudados, mas foi através da etnografia e deste devaneio em novas imagens e narrativas que pude perceber os detalhes que fazem do IAPI um bairro tão diferente do Juan Perón quanto o Rio da Prata é distinto do Rio Guaíba. As águas, assim como o imaginário político e as narrativas sobre a morada e a experiência temporal, podem ser as mesmas, mas passam com velocidades diferentes, têm suas margens habitadas por indivíduos com projetos diferentes e são navegados por caminhos tortuosos.

Mais do que comparar, consegui perceber o poder narrativo que as trajetórias sociais têm dentro de projetos nacionais, e como valores tidos como universais possuem nuances e variáveis que são articuladas e repensadas a todo o momento pela vivência que cada indivíduo faz dos elementos disponíveis nas cidades e nas relações de trabalho. As coleções de imagens, neste ponto, foram fundamentais para a compreensão dialética deste trajeto antropológico sobre o trabalho e a memória das relações de trabalho em países com contextos históricos semelhantes em alguns pontos.

Por fim, acredito que o tema da habitação e das relações entre os projetos nacionais e individuais envolvendo questões ligadas a um grande problema da economia nacional pode ser estendido a outros universos e contextos de pesquisa. Se no começo do século o desafio era dar conta de um crescimento em ritmo acelerado, e fortalecer a indústria nacional sem esquecer do bem-estar e do cuidado para com seus trabalhadores, hoje nos vemos diante de contradições no mundo capitalista que não podem ser explicadas somente por um viés. É preciso fomentar uma visão e um compromisso de pesquisa que não deixe de lado as relações macrossociais e não apague a força das narrativas e das imagens agenciadas no cotidiano e nas formas de sociabilidades dos habitantes das cidades.

## Referências

- ABÉLÈS, Marc & JEUDY. *Anthropologie du politique*. Paris, Armand Colin/Masson, 1997.
- ABOY, Rosa. La vivienda social en Buenos Aires en la segunda posguerra (1946-1955). *Scripta Nova: revista eletrônica de Geografia e Ciências Sociais*. Universidade de Barcelona, vol. VII, n. 146, 2005.
- ABOY, Rosa. *Viviendas para el pueblo*. Espacio urbano y sociabilidad em el barrio Los Perales. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2003.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México, Fondo de cultura econômica, 1993.
- ANDRADE, Leandro Marino Vieira. *A Estrutura de Áreas Residenciais e a Ideologia Projetual: dois paradigmas em discussão*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre: PROPUR /UFRGS, 1993.
- ALONSO, José Antonio; BANDEIRA, Pedro Silveira. *A “desindustrialização” de Porto Alegre: causas e perspectivas*. Ensaio FEE, Porto Alegre, 9(1), p. 3-28, 1988.
- BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. São Paulo, SP: Ática, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*, in Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BAILEY, F.G. *Gifts and poison: the politics of reputation*. Chicago: Aldine, 1968.
- BALLENT, Anahi. *Las huellas de la politica*. Vivienda, ciudad, peronismo en Buenos Aires, 1946-1955. Buenos Aires: Prometeo, 2009.
- BARBOSA, Letícia Maria. *As relações topofílicas da Vila do IAPI em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, 2008.
- BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.
- BECKER, Howard. *Falando de sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas III – magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

- BORGES, Jorge Luis. *Antologia pessoal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 78.
- BOTH, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- CALDEIRA, Teresa. Uma incursão pelo lado “não respeitável” da pesquisa de campo. *Ciências Sociais Hoje, 1*. Trabalho e cultura no Brasil. Recife, Brasília, CNPq ANPOCS, 1981.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R.; OLIVEIRA, L. R. C. *Ensaio antropológico sobre moral e ética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho antropológico*. São Paulo, UNESP/Paralelo 15, 2000.
- CARMAN, María. *Las Trampas de la Naturaleza: medio ambiente y segregación en Buenos Aires*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.
- COSTA, Lúcia Pinheiro. *Habitação e Cidadania, A Vila Operária do IAPI: Porto Alegre, 1940 / 1950*. Dissertação de Mestrado. PPGP/UFRGS, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- DAMO, Arlei Sander. *Do Dom à Profissão: Uma Etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2005.
- DAMO, Arlei Sander. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. *O Esporte na cidade: Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DEGANI, José Lourenço. *Tradição e modernidade no ciclo dos IAPs: O Conjunto Residencial Passo d'Areia e os projetos modernistas no contexto da habitação popular dos anos 40 e 50 no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPUR/UFRGS, 2003.
- DEROIS, Rafael. Primeiros passos na “Vila do IAPI”: introdução a um estudo etnográfico das práticas cotidianas de um bairro em Porto Alegre. *Illuminuras: O Ofício do Antropólogo e suas artes de fazer*, vol. 6., n. 14. Porto Alegre, BIEV / PPGAS, Ufrgs, 2005.
- DEVOS, Rafael Victorino. *Uma “ilha assombrada na cidade”*: estudo etnográfico sobre cotidiano e memória coletiva a partir da narrativa de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PPGAS, UFRGS, 2002.

DEVOS, Rafael. “Filmes de memória” como hipertextos. In: Reunião Antropológica do Mercosul, 7, 2007, Porto Alegre: [s.n.], 2007. CD ROM

DIAS DUARTE, Luiz Fernando. A construção social da pessoa moderna. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. RJ: Jorge Zahar Editor/Cnpq, 1986.

DIAS, Raul. Personaje e identidad narrativa: una aproximacion metodologica. *Horizontes Antropológicos: Cultura Oral e narrativas*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, n. 12, 1999. p 37-58.

DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ECKERT, Cornelia. Memória e Identidade, Ritmos e Ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros de carvão (La Grand-Combe, França). *Cadernos de Antropologia*, n. 11. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. *RUA*, Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp – NUDECRI – Campinas, mar. 2003, n. 9., p. 101-127.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. *Revista Margem*. PUC, SP, p. 243-259, 1999.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica. *Iluminuras*, Revista eletrônica do BIEV, v. 1, p. 1, 2000.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Cidade e imagens: memória coletiva na cultura urbana contemporânea na forma de coleções etnográficas em novas tecnologia. *Revista Informática na Educação: teoria e prática*, v. 11, 2008.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Tempo e Cidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

FARIA, Arthur de. Levando a vida na bocha. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 11, 08 nov. 1989. *Jornal da Zona Norte*.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular: 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Vargas: O capitalismo em construção, 1906-1954*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

FOOTE-WHITE, Willian. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FORTES, Alexandre. *Nós do quarto distrito: a classe trabalhadora portoalegrense e a Era Vargas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

GAGGERO, Horacio. *Del trabajo a La casa: La política de vivienda del gobierno peronista: 1946-1955*. Buenos Aires: Biblos, 1996.

GRAVANO, Ariel. *Antropologia de lo barrial: estudios sobre producción simbólica de la vida urbana*. Buenos Aires: Espacio, 2008.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. RJ, Jorge Zahar Ed, 2001

GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de corpo: Um estudo de construção social de trabalhadores*. Niterói: Ed. Da UFF, 1997.

GUTTERRES, Anelise. *A morada como duração da memória: estudo antropológico das narrativas e trajetórias sociais de núcleos familiares e redes de camadas médias urbanas habitantes da cidade de Porto Alegre, RS – Brasil e do bairro de San Telmo, na cidade de Buenos Aires – Argentina*. Dissertação de mestrado, PPGAS, UFRGS, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

LEITE LOPES, J. S. Anotações em torno do tema condições de vida na literatura sobre classe operária. In: Luiz Antonio Machado da Silva. (Org.). *Condições de Vida das Camadas Populares*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1984.

LEITE LOPES, José Sérgio. *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora o Brasill*. São Paulo / Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero / Ed. da UFRJ, 1987

LEITE LOPES, José Sérgio. *A tecelagem do conflito de classe na cidade das chaminés*. São Paulo: Marco Zero & Universidade de Brasília, 1988.

LEWGOY, Bernardo. Os Cafés na Vida Urbana de Porto Alegre (1920-1940): As transformações em um Espaço de Sociabilidade Masculino. *Revista Iluminuras*, Tempos de Memórias, identidades e sociabilidades, vol. 10, n. 24, 2009.

LOMNITZ, Larissa. *Redes sociales cultura y poder: ensayos de antropologia latinoamericana*. Mexico, Flacso. 1994.

LOPO, Rafael Martins. Engraxar na praça: um estudo etnográfico sobre o agenciamento da memória coletiva diante da remodelação do espaço público no centro de Porto Alegre. *Revista Iluminuras*, [Performances e dramáticas na cidade: experiências etnográficas](#), vol. 8, n. 17, 2007.

LOPO, Rafael Martins. *É o fim da várzea: ensaio etnográfico sobre formas de sociabilidade, narrativa e conflito em um time de futebol de várzea na cidade de Porto Alegre*. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

MACDOUGALL, D. *Transcultural Cinema*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MANOVICH, L. An Archeology of a Computer Screen. *NewMediaTopia*. Moscow Soros Center for the Contemporary Art, 1995.

MARQUES, Olavo Ramalho. *Entre a avenida Luís Guarânia e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PPGAS, UFRGS, 2006.

MENDES, Ruy da Costa. *Trabalho realizado em homenagem à X Semana Oficial do Engenheiro e Arquiteto*. Porto Alegre: Arquivo Público Moysés Vellinho, 5 dez. 1952.

MELLO, Luciana de. *Etnografia no bairro Navegantes (Porto Alegre-RS) : transformações na paisagem e negociações da memória nos ritmos espaciais e temporais vividos no cotidiano dos habitantes*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PPGAS, UFRGS, 2008.

NUNES, Marion Kruse. *Memória dos Bairros: Vila do IAPI*. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. “Antropologia política”. In: SILVA, Benedeto (coord.). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, FGV, 1987

PINK, Sarah. Visual anthropology and digital technologies. *The future of visual anthropology*. NY, London, Routledge.

PIRES, Cláudia Luíza Zeferino. *A Cidade Jardim e seus espelhos: paisagens e suas geografias*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS /PPGEA, 2010

PMPA. *História dos bairros de Porto Alegre*, disponibilizado pela prefeitura municipal, desenvolvido pelo Centro de Pesquisa Histórica vinculada à Coordenação de Memória Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, s.d. Disponível em:

[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/historia\\_dos\\_bairros\\_de\\_porto\\_alegre.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf)

QUIRÓS, Julieta. *Por que vêm?* Figuração, pessoa e experiência na política da Grande Buenos Aires. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGAS / Museu Nacional, 2010.

REALIZAÇÃO sem precedentes. *Revista do Globo*, Porto Alegre, ano XXIV, n. 571, 18 out. 1952, p. 84-87.

RICOEUR, Paul. *O si mesmo como um outro*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, Tomo I. Campinas, SP: Papirus, 1994.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Cidade como lugar do próprio e do absoluto: os dilemas de uma política de valorização de bens culturais*. In: Seminário Preservação e valorização de bens culturais intangíveis. Prefeitura de Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas. *Revista Iuminuras*, revista eletrônica de publicação do BIEV/LAS/PPGAS/UFRGS. vol. 9, n. 21, 2008.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Paisagens urbanas e as dinâmicas da cultura. *Revista Iuminuras*, v.9, n.20, 2008b.

SALEM, Tania. A despossessão subjetiva: dos paradoxos do individualismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Anpocs 18 Relume Dumara, ano 7, fev. de 1992.

SANSOT, P. *La poétique de la ville*. Paris, Méridiens Klincksieck, 1988.

SILVA, Cleusa Terezinha et al. *A Vila Do Iapi No Contexto De Urbanização e Industrialização*. Revista do Historiador, número 02, ano 02, 1999.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1988.

SIMMEL, Georg. *Filosofia da Paisagem*. Política e trabalho, setembro de 1996. p. 15-24.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Org: Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

SMPM. *Vila do IAPI, Patrimônio cultural da cidade*. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento Municipal, Prefeitura de Porto Alegre, 1994.

SOUZA, Célia Ferraz de Souza. *Um resgate da cidade jardim: A Vila do IAPI*. Trabalho apresentado no 3º Seminário de História da Cidade e Urbanismo. São Carlos, SP. 2004.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

THIOLLENT, Michel. *Critica metodológica*. Investigação social e enquête operária. São Paulo: Polis, 1980.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: \_\_\_\_\_ (org.). *O desafio da cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*: Notas para uma Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2004.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. *Pesquisas urbanas*: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VISACOVSKY, Sergio. Estudios sobre “clase media” en la antropología social: una agenda para la Argentina. *Avá*, n. 13, Posadas, jul. 2008.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história da literatura*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1990.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1994.

### **Acervos Pesquisados:**

Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Arquivo Público Moysés Vellinho

Acervo fotográfico Joaquim José Felizardo

Acervo fotográfico Revista do Globo

### **Índice de imagens:**

Pag. 17 – Antigo prédio do IAPI na avenida Borges de Medeiros, em Porto Alegre. Fonte: Acervo Fotográfico Arquivo Público Moysés Vellinho

Pag. 19 – Andradas na enchente de 1941. Retirado do livro "A Enchente de 41", de Rafael Guimaraens, p.52, acervo João Alberto Fonseca da Silva, Universidade Ritter dos Reis.

Pag 20 – Borges de Medeiros na enchente de 1941 - Acervo Museu José Joaquim felizardo - Biblioteca Sioma Breitmann

Pag 20 – Rua dos Andradas na enchente de 1941 - Acervo Museu José Joaquim felizardo - Biblioteca Sioma Breitmann

Pag 20 – Ruas e carros na enchente de 1941 - Acervo Museu José Joaquim felizardo - Biblioteca Sioma Breitmann

Pag 21 – Lagos no IAPI - Revista do Globo, dia 18 de outubro de 1952

Pag 22 – Visão aberta do IAPI antes da construção – acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura UFRGS

Pag 23 – Vista aérea com IAPI já finalizado - acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura UFRGS

Pag 26- Alicerces no terreno do IAPI - Acervo Fotográfico Moyses Velinho

Pag 31 – Mapa das regiões de Porto Alegre, retirado do site <http://www2.portoalegre.rs.gov.br>, dia 12 de dezembro de 2011

Pag 31 – Imagem do Google maps sobre o Passo D’areia, retirada em 12 de dezembro de 2011

Pag 31 – Imagem do Google maps sobre o IAPI, retirada em 12 de dezembro de 2011

Pag 46 – Garagem atrás dos prédios, acervo Rafael Lopo

Pag 47 – Prédio multifamiliar quase pronto, Acervo Fotográfico Arquivo Público Moyses Vellino

Pag 48 – Diferentes janelas e feições, acervo Rafael Lopo

Pag 49 – Varais no alto dos prédios, acervo Rafael Lopo

Pag 56 – Caminhonete Rodrigues na entrada do IAPI, acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura UFRGS

Pag 56 – Antiga Linha Bianchi, acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura UFRGS

Pag 57– Montagem feita por mim a partir de duas fotos da entrada do IAPI, do acervo GEDURB, Faculdade de Arquitetura UFRGS

Pag 70 – Senhoras conversando na praça, acervo da Biblioteca Pública do IAPI. Foto tirada sobre foto.

Pag 71 – Senhoras da ginástica, acervo Rafael Lopo

Pag 71 – Pés e pernas na ginástica, acervo Rafael Lopo

Pag 72 – Neusa alongando, acervo Rafael Lopo

Pag 72 – Dona Emilia atenta a professora, acervo Rafael Lopo

Pag 72 – Ilda Borgueti e o alongamento, acervo Rafael Lopo

Pag 72 – Sueli sorridente na ginástica, acervo Rafael Lopo

Pag 73 – Sequência criada a partir de still frames da gravação em vídeo, acervo Rafael Lopo

Pag 76 – Charuto alisando a quadra, acervo Rafael Lopo

Pag 76 – Quadro de avisos, acervo Rafael Lopo

Pag 76 – Pontuador da bocha, acervo Rafael Lopo

Pag 78 – Meninos da bocha, Acervo Fotográfico Arquivo Público Moysés Vellinho

Pag 78 – Olhos na jogada, acervo Rafael Lopo

Pag 93 – Sorriso de Getulio na inauguração do IAPI, Acervo Fotográfico Arquivo Público Moysés Vellinho

Pag 94 – Getúlio recebendo a chave simbólica do IAPI, acervo fotográfico Revista do Globo

Pag 94 – Getúlio cortando a fita de abertura do IAPI, Acervo Fotográfico Arquivo Público Moysés Vellinho

Pag 98 – Trabalhadores e a fábrica da Renner, acervo do BIEV

Pag 98 – Fábrica de móveis GERDAU, Acervo Benno Mentz

Pág 105 – Mapa das coleções. Montagem criada no programa Photoshop, acervo Rafael Lopo

Pag 110 – Mapa da Capital Federal Buenos Aires, retirado do Google maps, no dia 15 de janeiro de 2012

Pag 110 – Mapa parcial da região sul da capital federal Buenos Aires, retirado do Google maps, no dia 15 de janeiro de 2012

Pag 110 – Mapa do bairro Saavedra, destacando o sub-bairro Parque Cornelio Saavedra, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 111 – Chalé antigo conservado, acervo Rafael Lopo

Pag 112 – Casa reformada em Saavedra, acervo Rafael Lopo

Pag 112 – Esquina e carro de luxo, acervo Rafael Lopo

Pag 113 – Antigo Chalé, do Acervo General de la Nacion, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 114 – Mapa dos bairros construídos entre os anos de 1943 e 1955, do livro de Anahi Ballent, *Las Huellas de la Política*

Pag 117 – Dona de casa e o jardim, do Acervo General de la Nacion, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 117- Moças indo ao colégio, do Acervo General de la Nacion, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 118 – Eva e Perón na inauguração de Saavedra, do Acervo General de la Nacion, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 119 – Antiga fábrica da Jeep, acervo Rafael Lopo

Pag 119 – Cartaz embargado, acervo Rafael Lopo

Pag 120 – Prédios e carros antigos em Saavedra, acervo Rafael Lopo

Pag 121 – Trabalhadores na construção de Saavedra, do Acervo General de la Nacion, retirada do site <http://bcorneliosaavedra.com.ar/el-barrio/ubicacion-del-barrio> no dia 17 de janeiro de 2012

Pag 122 - Gonsalito e sindiclistas em reunião com Eva Perón, acervo pessoal Jorge Roberto Gonzalez

Pag 123 – Foto com dedicatória de Eva Perón para Gonsalito.

Pag 124– Sequência de still frames montada no Photoshop, a partir da entrevista gravada em vídeo, acervo Rafael Lopo